

REVISTA DA SEMANA

N.º 24

16-6-945



CR.
1,50
EM TODOS
OS BRASIL

Esso SUPRINDO PETROLEO AO BRASIL



ISTO

Este suprimento de tambores é absorvido em poucos dias de consumo. Daí a insistência da campanha pela devolução imediata dos tambores vazios.

**É APENAS FRAÇÃO
DO QUE
O BRASIL CONSOME!**

Apesar do racionamento, estão em circulação no país cerca de 150.000 carros de aluguel e caminhões movidos a gasolina. Essa enorme frota ajuda a movimentar a vida comercial, industrial e agrícola do país. Para supri-la de gasolina, em qualquer ponto da vastidão do Brasil, é necessário por em ação um vasto e complexo sistema circulatório, por onde corre o sangue do petróleo. Dentro desse sistema, onde podemos seriar oleodutos, caminhões e vagões-tanques, destacam-se, pela importância e pela extensão de sua função, os tambores.

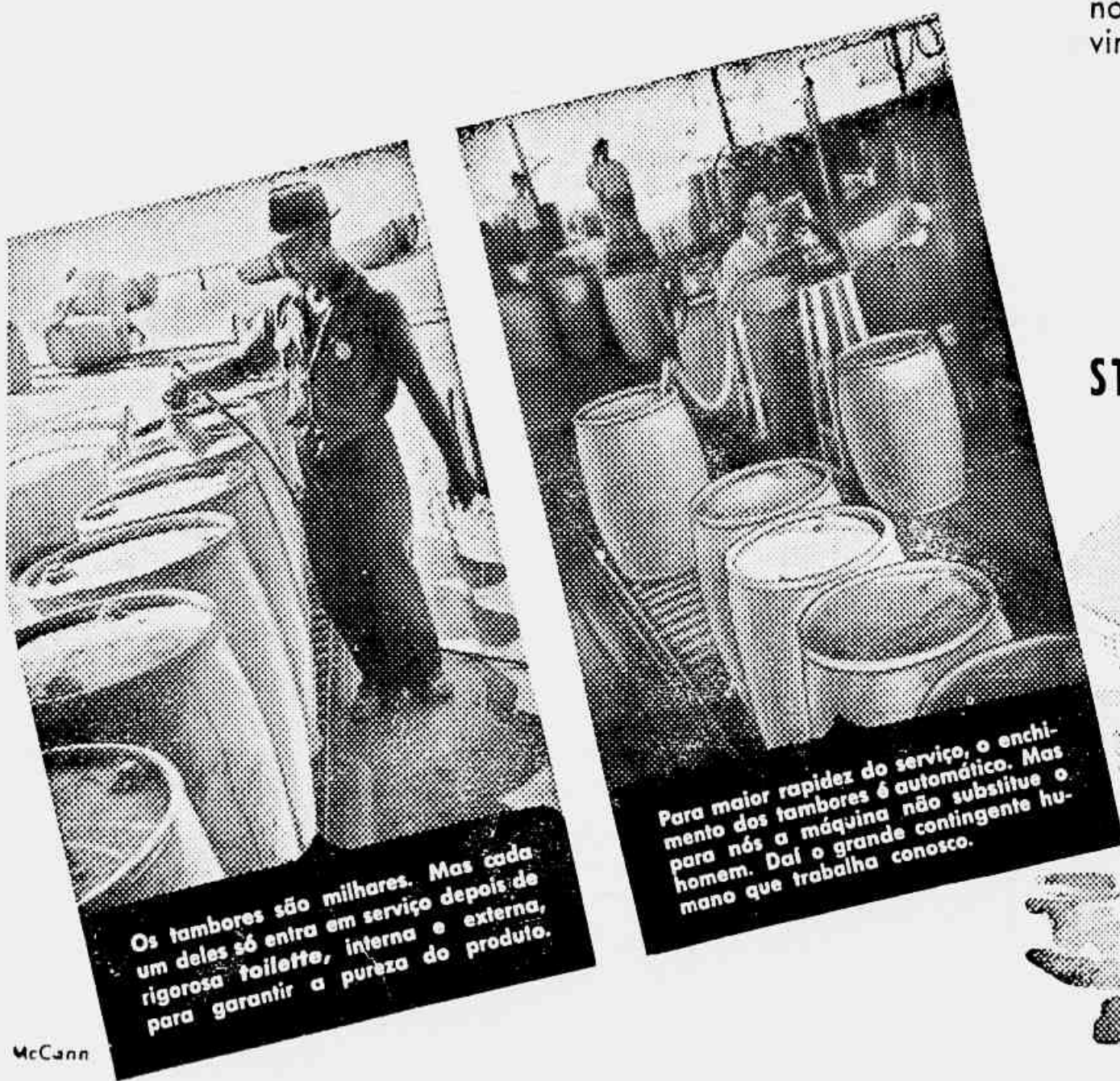
Para se ter uma idéia da importância dos tambores, basta dizer que, quando se iniciou o movimento das bases do Norte e Nordeste, tivemos que proceder a uma verdadeira mobilização para poder reunir milhares e milhares deles, afim de reforçar o já então grande sistema circulatório do suprimento local de combustíveis.

Temos, portanto, que dispor, permanentemente, de dezenas de milhares de tambores, um equipamento custoso e de manutenção difícil, mas que nos ajuda imenso em nossa tarefa de melhor servir o público consumidor do Brasil.

Ouçã o Reporter Esso, diariamente, pelas estações Nacional do Rio (ondas longas e curtas); Record de São Paulo; Inconfidência de M. Gerais, Belo Horizonte; Farroupilha de P. Alegre e Radio Clube de Pernambuco, de Recife (ondas longas e curtas)

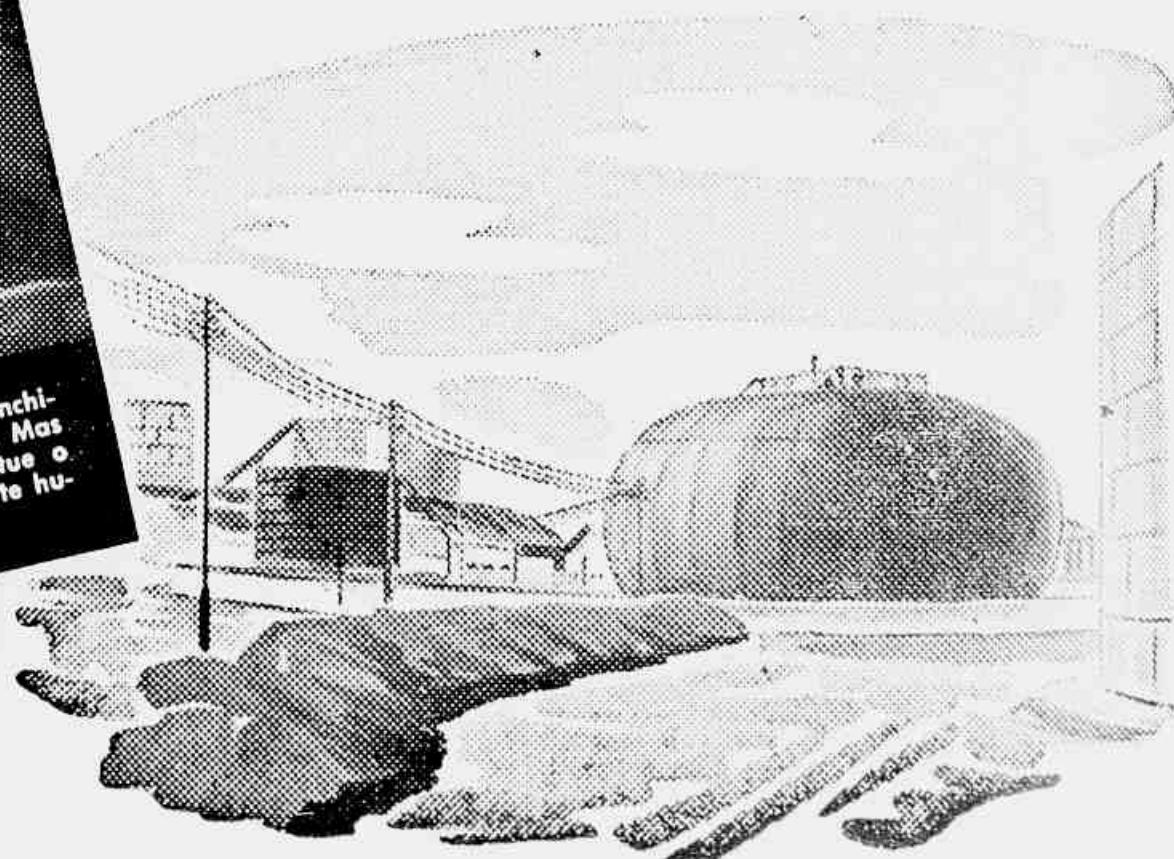
Esso

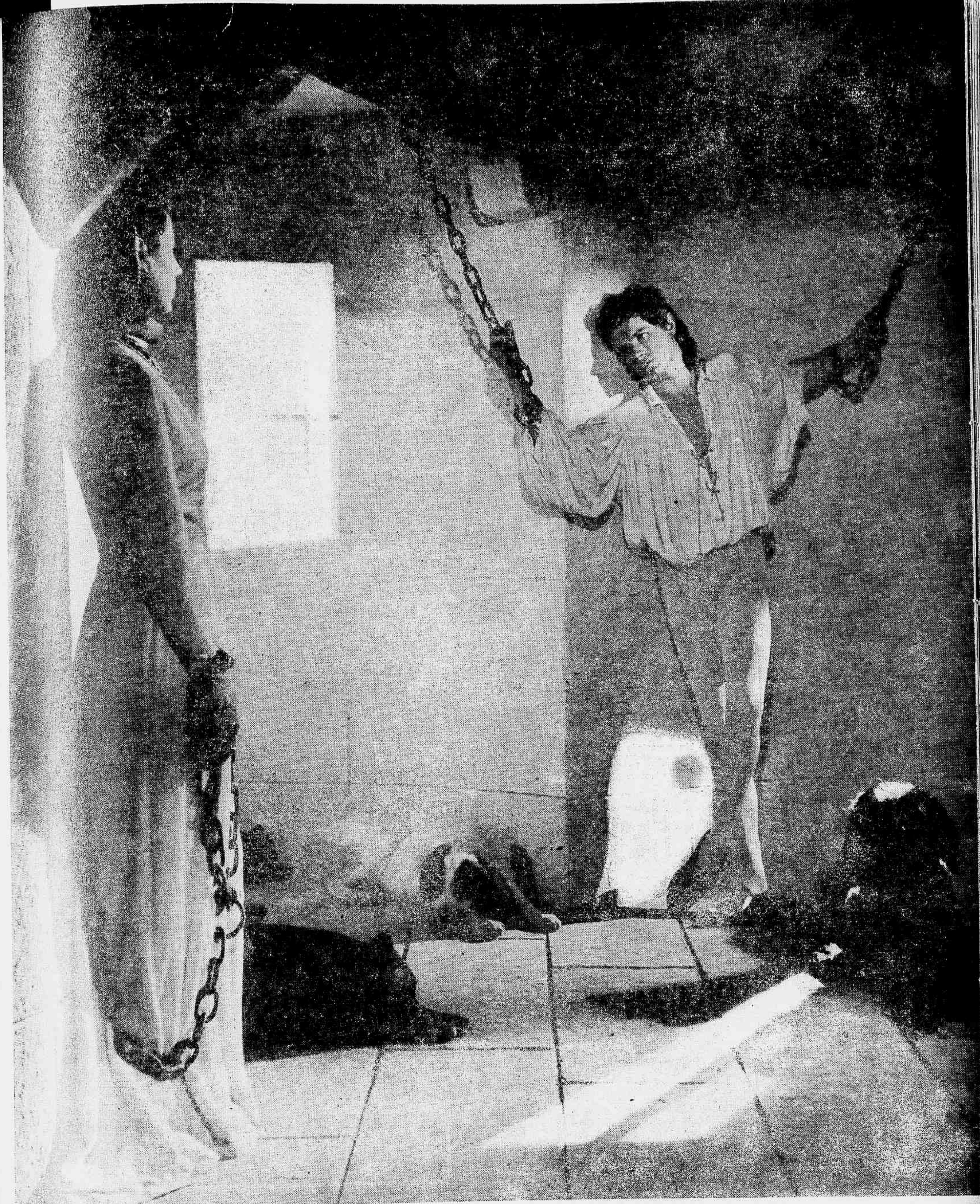
STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL



Os tambores são milhares. Mas cada um deles só entra em serviço depois de rigorosa toilette, interna e externa, para garantir a pureza do produto.

Para maior rapidez do serviço, o enchimento dos tambores é automático. Mas para nós a máquina não substitui o homem. Daí o grande contingente humano que trabalha conosco.





Quando muito se fala na "doublage" do filme norte-americano e quando um estúdio da Califórnia cuida de promover "tests" com as vozes de alguns artistas brasileiros, chegam da França as primeiras fotografias de seus novos empreendimentos cinematográficos. Esta, assim, de volta o bom cinema gaulês, aquele que tanto nos agradava o espírito, já perturbando os "businessmen" de Hollywood, pouco dispostos, tendo ganho a guerra na Europa, a perder o mercado universal do filme. De olhos postos nesse admirável documento fotográfico, marcando o renascimento da arte do filme nas telas francesas, meditamos na verdadeira origem da "doublage", depois de quatorze anos das primeiras tentativas feitas pelos americanos, aliás de um modo desastrado. Na França as atividades de cinema não foram interrompidas sequer durante a ocupação. Ali foram rodadas algumas dezenas de películas, muito poucas de "colaboracionismo" e algumas de grande classe, que agora o mundo assistirá. O filme dessa procedência está disposto

a recuperar o terreno perdido, agora com a experiência adquirida pelos técnicos, diretores e intérpretes refugiados quatro anos na América. E todos vão trabalhar por muito menos em seu país natal. O filme francês será de custo reduzidíssimo e sabe-se que da França vêm obras de arte autênticas. A gravura é de uma "mise-en-scène" de Marcel Carné para o filme "Les Visiteurs du Soir". Trata-se de uma lenda medieval, fotografada por Roger Hubert e dialogada por Jacques Prévert. Outros países também se aproveitaram do hiato da guerra para desenvolver sua indústria própria do filme, e a Argentina chegou a produzir quase duas centenas, algumas bem razoáveis. Por isso mesmo já se exibem filmes "dublados" em espanhol, na República do Prata, e também se cortou a exportação de filme virgem para as atividades do cinema portenho. Diante da ameaça de uma concorrência tão poderosa quanto a do cinema francês, na Europa, e do argentino, na América do Sul, e até mesmo do inglês para outros mercados, é que se cuida agora da "doublage", da televisão, do technicolor em larga escala e de outras súbitas transformações. O essencial é impedir que se façam bons filmes em outros países. E Hollywood facilmente levará a melhor.

Mas a reabertura dos estúdios franceses há de ser, para nós, um prenúncio de melhores dias para o bom cinema.

"LE RETOUR"

C e l e s t i n o S i l v e i r a



LITERATURA INTEGRALISTA-FASCISTA — Na exposição localizada no Taboleiro da Baiana, em pleno coração da cidade, foram apresentados muitos volumes de livros editados no Brasil, de propaganda do sigma, pelos quais os expositores provam a ligação desse credo com a cruz swastica. Alguns livros foram, mesmo, editados no idioma germânico. Esses volumes circularam publicamente por alguns anos, mas hoje só mesmo na exposição de propaganda anti-integralista são encontrados, por motivos sobejamente conhecidos. Alguns vêm-se na gravura, mas a maioria não pôde ser colhida pelo nosso fotógrafo.

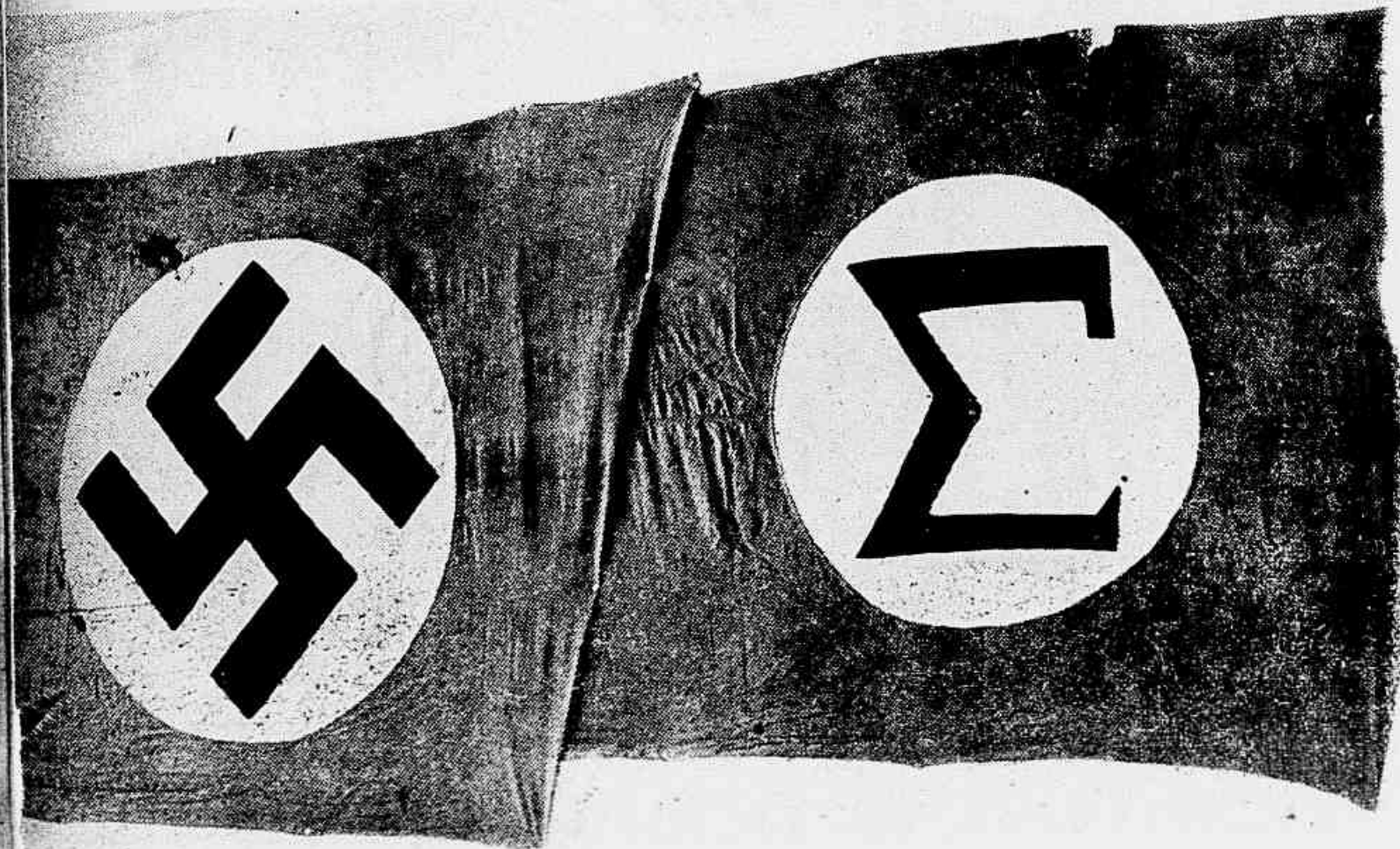
A EXPOSIÇÃO ANTI-INTEGRALISTA

Por iniciativa da União Nacional dos Estudantes e com a cooperação de várias organizações políticas, cívicas e proletárias, realizou-se nesta capital a "Exposição Anti-Integralista", na passagem subterrânea do "Taboleiro da Baiana", despertando intenso interesse público. As entradas da galeria do lado da rua Almirante Barroso foram reservadas uma para o ingresso e outra para a saída dos visitantes, ficando as que dão para o "Taboleiro" impedidas pelas próprias instalações do certame. Montada com o melhor gosto e sob a orientação de um grupo de arquitetos e pintores, a exposição apresentava grandes painéis com fotografias, documentos e cartazes alusivos às ati-

dades do integralismo como uma modalidade do fascismo internacional, cerimônias integralistas, associação dos emblemas de todos os partidos totalitários, etc. Grandes cêstas de lixo da Limpeza Urbana estavam cheias de armas apreendidas em poder dos integralistas — revólveres, fuzis-metralhadoras, punhais com a cruz swastica e livros dos teóricos do integralismo. Em outras seções alinhava-se o integralismo associado ao nazismo no Brasil, inclusive boletins escritos em alemão. Um grande quadro reunia cartas de nazistas de Berlim dirigidas aos próceres integralistas. No "stand" dedicado às atividades da quinta-coluna no Brasil, vêem-se retratos com legendas elucidativas, dos

espiões alemães e brasileiros, estes pertencentes ao integralismo. E ainda outro quadro, demonstrando os efeitos desses crimes de traição: a lista dos navios brasileiros torpedeados e dos mortos nesses atentados. Foi, sem dúvida, um legítimo acontecimento, a Exposição Anti-Integralista, que alguns comentaristas afirmaram não estar completa. Assim mesmo serviu como um atestado público frisante de definitivo das ligações do Integralismo com o Nazismo e o Fascismo, princípio que agora também se procurou, muito precipitadamente, destruir. A Exposição cumpriu a sua finalidade.

A esquerda — Bandeiras do sigma e da swastica, obedecendo ao mesmo espírito e também apresentadas na exposição em aprêgo. Uma circunferência branca, no meio de campo extenso, e, dentro dela, o respectivo emblema: do sigma, no Brasil; da cruz swastica, na Alemanha. Vários desses pavilhões foram vistos e confrontados pelo povo, durante a semana da exposição. A direita — Um punhal e um revólver dos que se encontraram, às centenas, em sedes de núcleos integralistas e agora mostrados ao povo brasileiro, nesse empreendimento do Taboleiro da Baiana. Essas armas exibem o emblema da swastica, demonstrando assim que elas foram fornecidas aos integralistas pelos derrotados "leaders" de Hitler. E provam que havia ligações entre ambos.



NAVIOS torpedeados:

	Datas
Buarque	16-7-42
Olinda	18-2-42
Arabitã	7-3-42
Cairú	8-3-42
Cabedelo	4-4-42
Parnaíba	1-5-42
Com ^{te} Lira	8-5-42
Sonçalves Dias	24-5-42
Alegrete	1-6-42
Pedrinhas	26-6-42
Tamandaré	26-7-42
Barbacena	28-7-42
Piave	—
Baependi	15-8-42
Anibal Benevolo	16-8-42
Araraquara	10-8-42
Itagiba	17-8-42
Arara	17-8-42
Lages	27-9-42
Osório	27-9-42
Antônio	—
Porto Alegre	—
Apalóide	22-9-42
Brasilóide	18-2-43
Afonso Pena	2-3-43
Itulóia	—
Pelotasóide	—
Bagé	3-7-43



A esquerda — Gráfico dos navios brasileiros torpedeados pelos submarinos do Eixo, graças às indicações dos quinta-colunistas aos quais se associavam, segundo prova a exposição, os membros integralistas. Vinte e oito barcos do Brasil foram ao fundo, enquanto dezenas e dezenas de vítimas, mulheres, velhos e crianças indefesos eram mortos. Vítimas do integralismo, afinal. A direita — Os promotores da exposição anti-integralista demonstraram que as raízes do partido em questão eram vinculadas diretamente ao nazismo, que nas regiões do Sul tiveram atividades decisivas. Nas gravuras bandeiras, livros, tambores e nazistas alemães uniformizados em desfiles e passeatas em Blumenau, logo no início da campanha, há onze anos passados.

O Departamento de Limpeza Urbana da Prefeitura do Distrito Federal ofereceu várias cestas de lixo, para recolherem os uniformes, os fuzis-metralhadoras, os livros de propaganda e outros saudosos pertences do desaparecido partido verde-integralista. "São, hoje, simples inutilidades, material de museu que deve ser mostrado às gerações novas, como documento do instinto criminoso do integralismo, e que melhor lugar para guardá-lo senão essas cestas?" — disse-nos um dos promotores da exposição que durante uma semana foi visitada por centenas de milhares de pessoas.



DOIS EM UMA

NOTICIÁRIO DO EXTERIOR

Quando todos se consomem,
Lutando aqui e acolá,
Feliz é Dewey, êsse homem
Que ninguém sabe onde está.



JUSTIÇA

Tiveram fim os horrores,
Eis de volta o tempo bom!
Vivemos hoje, senhores,
A hora do H...menon.



Caricaturas de **MICHEL**
Legendas. de Z E' **CARIOCA**

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 24 --- 16-6-945

REPORTAGENS

A Exposição Anti-Integralista	4/5
Assim é o rádio (Celius Aulicus)	9/14
Jockey Club	35

LITERATURA

"Le Retour" (Celestino Silveira)	3
Quem confessou? (Harrison Trueman)	19
Emendas e Variantes (Escragnolle Doria)	22
Névoa (Miguel Torga)	23/25
Oui, Merci (Jacqueline Lesmontel)	30
Livros Novos (J. L.)	32/33

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	23
Novidades	38/39
Outros Modelos	40/44
Os Chapéus das Estrêlas	42/43
Dois modelos para você	49

CURIOSIDADES

Os crimes do nazismo	16/17
Homenagem a Dulcina	28
Eros	29

SECÇÕES

Coisas do Brasil	15
De Hollywood (Luiz Serrano)	26/27
Artes Plásticas	34

CARICATURAS

Dois em uma (Michel e Zé Carioca)	6
De Bom Humor	18
"Charge" de Raul	50

NOSSA CAPA

E' de Alexis Smith, uma das fulgurantes "estrêlas" de Hollywood e inegavelmente das mais belas da Warner, a fotografia estampada na sobrecapa deste número. Artista conhecida e estimada do nosso público, ela vale ainda por um amável convite a folhear este número, onde se reúnem várias reportagens de sucesso e leitura variada. A reportagem levada a efeito nos bastidores radiofônicos, mostrando ao público ouvinte detalhes e segredos que até aqui se mantinham na mais rigorosa incógnita, é das que agradam a toda classe de leitores. Mas outros assuntos, por certo, despertarão a curiosidade geral: o noticiário feminino, com muitos modelos apropriados para a estação invernal; a correspondência de Luiz Serrano, enviada de Hollywood, com palpitantes notícias da gente de cinema; a exposição anti-integralista e outros acontecimentos da semana, que completam o sumário da presente edição.

Ainda este mês, dia 30, estará circulando a edição comemorativa do aniversário da REVISTA DA SEMANA.



Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

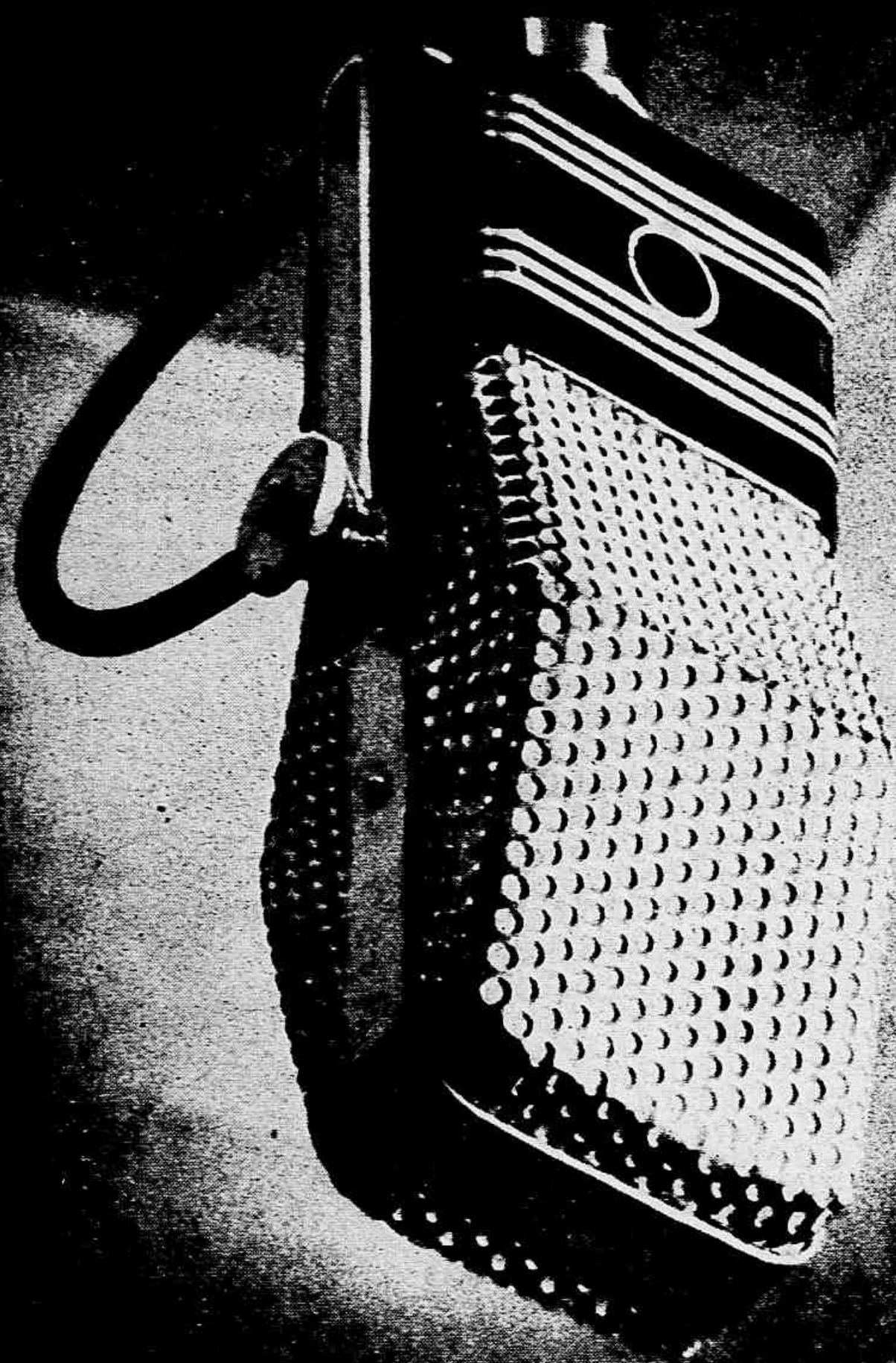
"SAL DE FRUCTA"

ENO

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fone 22-5587 - RIO



ASSIM É O RADIO

VISTO POR DENTRO

UMA VISITA AOS GRANDES ESTÚDIOS DO RIO DE JANEIRO — COMO SE ENSAIAM OS ARTISTAS — O RÁDIO-TEATRO E A CONTRA-REGRA — BONECOS DE MOLA QUE FAZEM BARULHO DE ESQUADRILHAS DE BOMBARDEIROS

Escreveu Celius Aulicus

Para quem observe a vida de hoje, posta em confronto com a do princípio do século, há de notar, por força, a diferença capital entre essas duas épocas, tão perto em verdade uma da outra e tão distanciadas no entanto pelos detalhes e pelos acontecimentos. Aquela espécie de romantismo ingênuo, que dirigia as ações de nossos pais, é hoje uma lembrança de um passado remoto, embora não nos separe dele mais que o espaço de quarenta anos.

A vida despreocupada de então, quando os namorados líricos remavam nos barquinhos da Quinta da Boa Vista, enquanto suas amadas, de sombrinha de cabo longo e chapéu largo e vaporoso, assentadas à pôpa, iam colhendo os jasmims caídos nágua, deixou há muito lugar vago para a vida agitada que sucedeu à guerra 14-18. Deviam ser por certo bem mais felizes aqueles tempos, em que os jornais eram impressos em máquinas planas,

os automóveis soltavam ainda vagidos de recém-nascidos, e o "vaudeville" fazia sucesso. Veiu porém o gramofone e matou o "vaudeville". Apareceu o rádio e matou o gramofone. E hoje o homem atarefado, sem tempo para chegar à noite até o teatro de variedades da esquina, que por sinal é hoje um cineminha de bairro, deixa-se ficar em casa, em chinelas, ouvindo pelo seu receptor uma sinfonia executada pela orquestra de Philadelphia, ou uma novela dramática, segundo o seu grau de cultura e o alcance de seu aparelho. E podemos agora dizer, sem medo de errar, que o homem de nossa era vive, age, trabalha e se alimenta em função do cinema, do rádio e da imprensa. Estes três veículos de divulgação de idéias e notícias são em seu conjunto algo de valor análogo ao pão nosso de cada dia, indispensável à nossa vida de homens civilizados.

POR DETRAS DO DIAL

O rádio está hoje difundido de tal maneira, que sempre nos surpreende entrar em qualquer casa residencial, apartamento de funcionário ou humilde barracão de estivador, sem encontrar ali o aparelho receptor, que é o símbolo mesmo de um lar do século XX.

Qualquer criança de agora, mal começa a ensaiar os primeiros passos, aprende logo a girar o dial e começa de pronto a preferir estações e a discutir programas radiofônicos. E todos estão informados, através das ondas hertzianas, dos fatos ocorridos nos mais longínquos pontos do Globo.

São raros, entretanto, os que sabem como é feita uma irradiação e os rabalhos que são indispensáveis para que possamos ouvir, comodamente instalados em nossa casa, um jornal falado, um programa de música de câmara ou um teatro sonoro. Mostrar ao público como é o rádio visto por dentro é o fim desta reportagem. Já tivemos ocasião de falar aqui da execução de uma filmagem. Disseríamos então sobre os trabalhos de um estúdio cinematográfico, falando da tarefa cumprida por todo o pessoal empregado nessa indústria afim de que o público possa ter diariamente a projeção de uma película na tela de seu cinema predileto.

Agora o rádio:

Entramos nos estúdios. Perdemos nos pelos corredores compridos, vasculhamos as salas de ensaios, percorremos as redações de textos, ouvimos a palavra dos locutores, conversamos com os técnicos de som, colhemos informações com os contra-regras dos rádio-teatros. E do que conseguimos ouvir e ver durante a nossa visita às estações de rádio aqui damos aos nossos leitores uma ligeira síntese.

O FOLCLORE NO RADIO

Qualquer que seja o gênero de um programa de estúdio, apresentação de orquestra, diálogo humorístico, canções populares requer sempre um ensaio demorado e rigoroso, feito sob a fiscalização direta do diretor e sob o controle do técnico de som.

Tivemos ocasião de assistir, num dos estúdios da Rádio Nacional, ao ensaio de um dos programas "Aquarela do Brasil", criado por Almirante, através do qual são transmitidas curiosidades folclóricas das mais diversas regiões brasileiras, por meio de uma narração feita em linguagem singela, à qual servem de fundo um arranjo orquestral, cânticos e vozes isoladas, que cantam ao microfone as canções inspiradas nesses mesmos motivos da narrativa. Na noite em que nos foi dado assistir a

êsse ensaio, os músicos, sob a regência de Radamés Gnattali, executavam uma sinfonia macabra. Mario Brasin, junto ao microfone, lia um estudo sob os duendes concebidos pela credence de nossa gente. E, dando princípio àquele programa de bruxas e lobisomens, Almirante aproximou-se de outro "micro" e cantou com voz macabra:

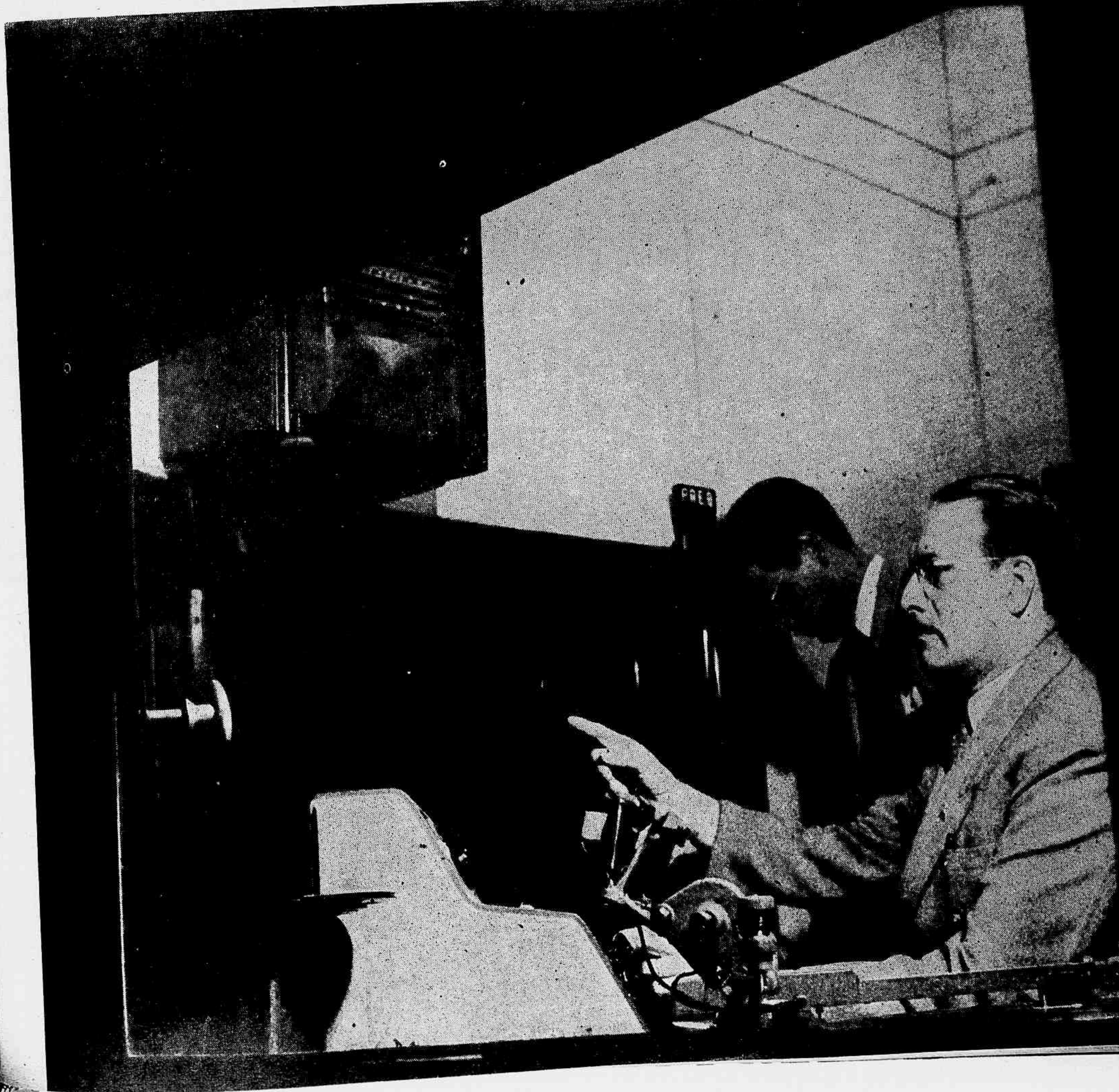
"E' meia noite, minha gente está na hora!
Zabumba o congo, que o Tinhoso assobiou."

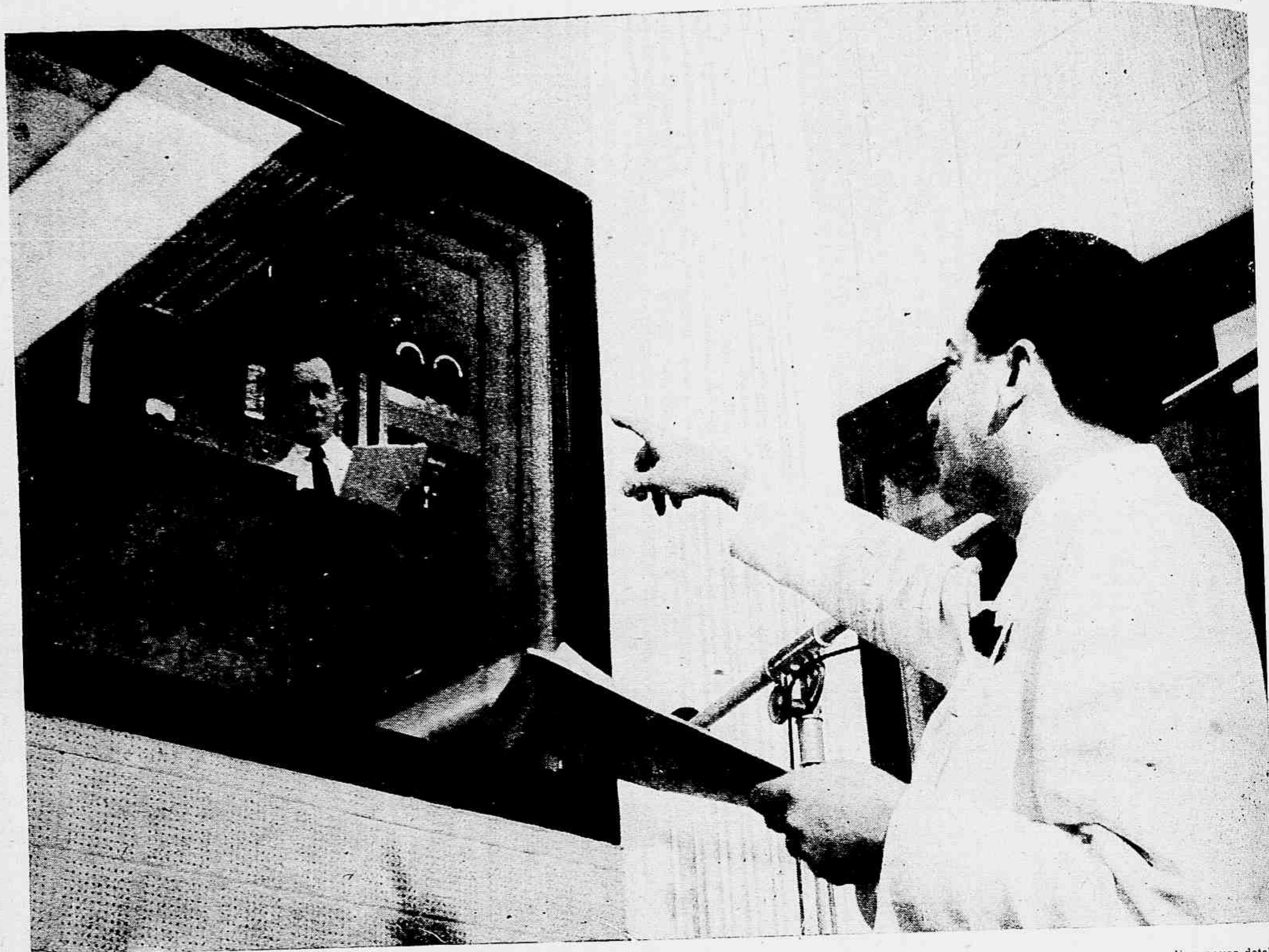
Um rapaz do côro entrou na deixa e assobiou diabolicamente. E começou a festa terrífica da meia noite de sexta-feira, no meio da encruzilhada: o homem da bteria zabumbou um congo bravo, o resto da orquestra prorrompeu numa ventania sinistra. Desfilaram pelo microfone as narrativas trágicas de toda a série de malvadezas que os duendes iam espalhando sobre a terra. Ouviam-se nitidamente os pinotes e as gargalhadas dos sacis, que se iam pulando num pé só, negros como a noite, metidos nas suas camisolas brancas com as toucas vermelhas enterradas na cabeças. Vieram depois outras lendas. A "boiu-

na" brava, cobra grande das margens do Amazonas, que se estica nas noites de luar pelas ribanceiras do Rio Mar, passou também pelo

estúdio. O côro entoou uma canção que falava do medo de que se tomam os caboclos dos seringais quando a "boiuna" de prata,

Os locutores encarregados de apresentar um programa de rádio-teatro são em geral dois: um para a leitura dos textos, outro para as explicações necessárias à perfeita compreensão da novela ou peça irradiada. No clichê acima vemos os speakers Carlos Palú e Reynaldo Costa, da Rádio Nacional, trabalhando durante uma transmissão de novela radiofônica. Abaixo, outro detalhe importante nos serviços de um estúdio: o trabalho executado na cabine de controle. Enquanto o técnico de som Ataulfo Xavier Alves faz uma advertência por mímica ao contra-regra, o ensaiador Rodolfo Mayer trabalha no fundo da cabine.





Durante um ensaio de "Aquarelas do Brasil": Almirante recebe do técnico de som advertências sobre as falhas dos sons, da orquestra e do coro, e por sua vez explica novos detalhes ao homem da cabine de controle. O diálogo é entabulado através do microfone, mas convém auxiliar as palavras com gestos sugestivos. O creador de "Aquarelas do Brasil" já está pronto para entrar em cena no auditório, trajando um "summer-jacket". Mas nunca é de mais uma nova revista à execução do programa que daí a quinze minutos estará no ar.

alma da lua, desce pelos raios do sereno satélite, para fazer mal às populações ribeirinhas. Veiu depois a história da "cabra-cabriola", narrada com graça e entremeada pelas canções da lenda. A quem assistisse ao programa, por um fenômeno psíquico banal, pareceria por certo, depois, haver presenciado de perto a lenda sinistra. Mario Brasini, Almirante, o coro e a orquestra de Radamés, usando dos mais variados recursos, fizeram uma completa reconstituição sonora da legendária tragédia dos sertões baianos. Ouvindo-os agora retrocedemos vinte anos em nossa vida. A voz da velha Sinhá, que nos havia contado a história da cabra-cabriola, voltou a vibrar em nossos ouvidos. Não era Mario Brasini quem falava. Era a velhinha sertaneja que ia nos contando: "Cabra-cabriola, um bicho terrível e maléfico, chegou um dia em frente a uma casinha perdida no meio do mato, onde moravam uma pobre mulher e seus dois filhos". Isto aconteceu, como todas as lendas do nosso folclore, em vários lugares e em muitas épocas. Para nós a casinha estava situada a meio caminho entre o arraial de Cansansão e Monte Santo, no alto sertão da Bahia. Assim nos afirmava a velha Sinhá. Ora, muito bem. A voz de Sinhá, ou de Mario Brasini, continua a história: "A mãe dos meninos saiu a buscar alimento para eles. Era a oportunidade que o monstro esperava. Bateu à porta, gritando com um sotaque caprino pronunciado: 'Abreéé... Abreéé...'. Mas os garotos, a quem a mãe recomendara cuidado, permaneceram firmes". O monstro enfurecido saiu a correr pelos matos, atravessando as caatingas espinhosas, povoadas de cansansão bravo. O seu trote largo de cabra fantasma era marcado pelo homem da bateria. Radamés agitava os braços, marcando o ritmo da carreira. Um acorde forte,

um stacatto: a cabra parou. Em seu cérebro de duende brotara uma idéia, retratada por um piano do conjunto de cordas. E pouco depois o narrador avisa ao público que o monstro voltou à casinha da pobre mulher. Esta chegava também dali a instantes, carregada de lenha. Cabra-cabriola, através de uma moita, observava todos os seus movimentos. A boa mulher bateu numa porta posta ao lado do estúdio pela mão de um rapaz do coro. Agora uma cantora aproxima-se do microfone e imita o pedido da camponesa a seus filhos, numa doce canção:

"Filhinhos, filhinhos.
Abri-me a porta.
Que eu sou vossa mãe,
Trago lenha nas costas."

Os garotos abriram. E cabra-cabriola, com uma idéia sinistra, galopa novamente pelas caatingas, corta valados, atravessa rios e vai até a Vila de Santo Antonio das Queimadas, procurar um ferreiro que lhe bata a língua até que sua voz fique semelhante à da boa mãe. E' Almirante que faz o papel da terrível assombração. E, enquanto a orquestra imita os ruídos de uma ferraria, ele bate com força dois grampos de linha férrea um contra o outro, simulando o malho de encontro à bigorna. E vai experimentando a voz da cabra: "Mée... Mée...". Quando o bicho julgou que a sua voz estava "no ponto", voltou à casinha. A mulher saiu novamente a buscar lenha. E cabra-cabriola cantou junto à porta com voz adocicada:

"Filhinhos, filhinhos.
Abri-me a porta.
Que eu sou vossa mãe,
Trago lenha nas costas."

E quando os meninos abriram: Buumm!!! A orquestra em peso entra na deixa da história num acorde infernal.

Assim, através do microfone, com todos os seus ruídos sinistros, é contada aos ouvintes a lenda de todos os duendes que povoam os nossos sertões.

OS ENSAIOS

Mas esse programa de Almirante, como aliás todos os programas radiofônicos, não é lançado ao ar sem que se encontrem preparados todos os que dele participam. E os ensaios são feitos nos próprios estúdios, sob a vista do diretor e sob o controle do técnico de som. Este permanece em sua cabine, que fica em geral num plano superior ao do estúdio. Nessa espécie de beliche encontram-se os picarps para a irradiação de gravações e um alto-falante que permite ao técnico ouvir os sons procedentes do estúdio. Assim como o programa de que falamos acima, que permite a todos tomarem conhecimento de nosso folclore, há, no rádio carioca, outras transmissões de caráter educativo e cultural. Infelizmente elas são poucas. E quando se faz alguma coisa nesse sentido é tudo em pura perda, por isso que os seus organizadores se esquecem por completo de intercalar com a parte propriamente educativa músicas populares, anedotas ou diálogos que façam o povo se interessar de fato pela irradiação. E, quase sempre, os programas educativos são mal ensaiados, o que concorre em grande parte para o seu fracasso.

E o ensaio é questão primordial em qualquer programa radiofônico. A ele se dedicam técnicos e diretores, cantores, radioatores e locutores, e quando assim não o seja pode-se

contar com certo um fracasso na apresentação.

Tivemos ocasião de assistir também, num estúdio, ao ensaio de uma grande orquestra. Não era esse entretanto apenas a preparação da harmonia a que deveriam obedecer os instrumentos. O técnico de som anotava todas as falhas verificadas na transmissão e no fim, de acordo com o diretor de estúdio e o regente, corrigia todas as faltas.

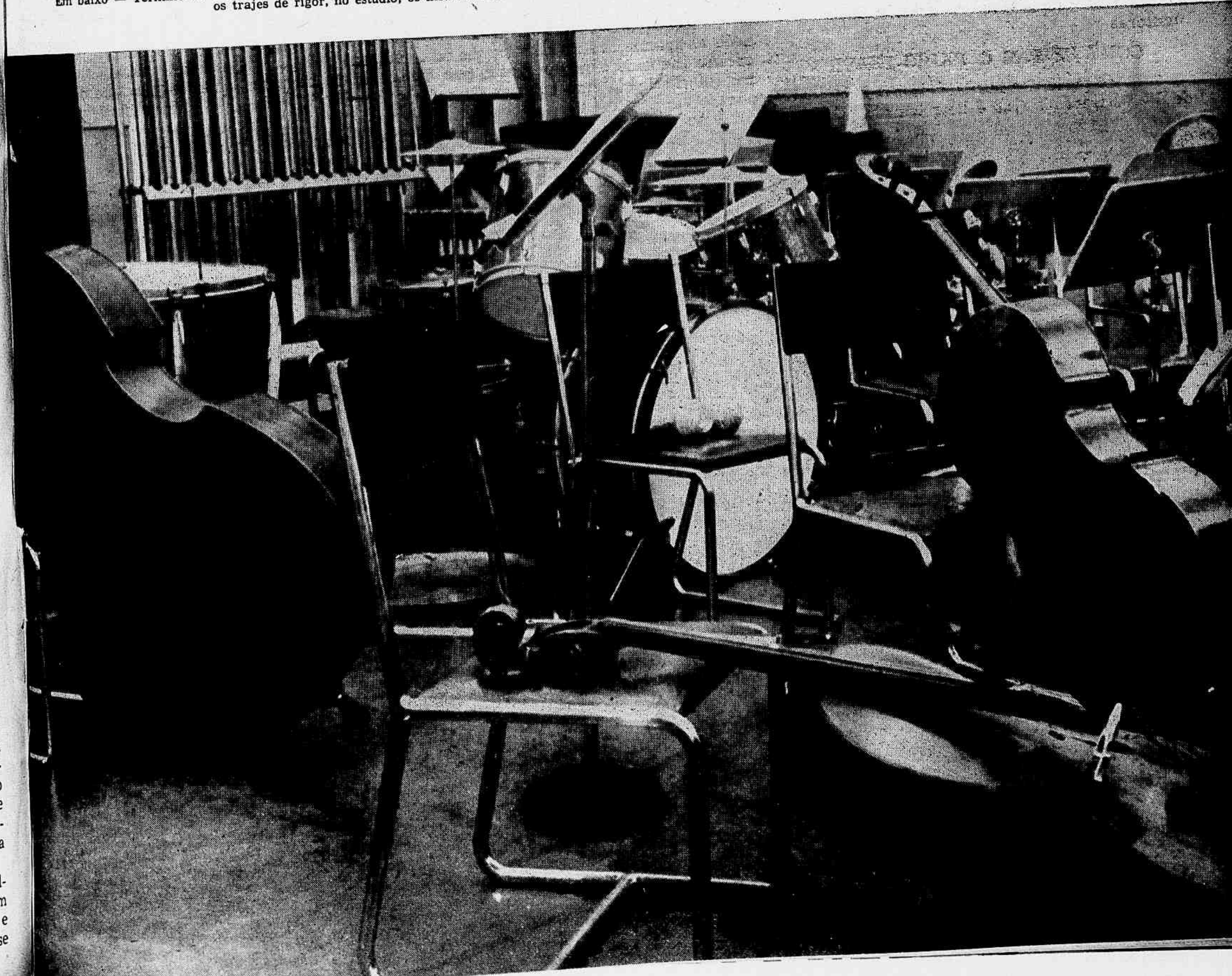
Assim como as orquestras, o rádio-teatro. Nas novelas e peças radiofônicas o ensaio deve ser ainda mais rigoroso. A sincronização dos ruídos com as vozes dos atores tem que ser perfeita. Um ensaio é pois feito em conjunto, com a presença dos contra-regras, do diretor de estúdio, do técnico de som e de quantos são necessários à irradiação da novela ou da peça teatral.

Também um programa de auditório é ensaiado como todos os outros; mas neles não são levados em conta os ruídos, por isso que a sua irradiação nunca pode deixar de ser ligeiramente prejudicada pelo barulho da plateia, que interfere um pouco na música da orquestra e nas alocações dos speakers.

Assim, um programa que ouvimos em quinze minutos, foi cuidadosamente preparado em alguns dias e ensaiado durante muitas horas. E o seu sucesso é o fruto paciente de centenas de pessoas, técnicos, cantores, diretores, artistas, contra-regras, isto para falar somente no pessoal dos estúdios sem nos re-



No clichê acima — O auditório está repleto. Vieram dos subúrbios mais distantes homens, mulheres e crianças deliciar-se com as canções e os shows do programa. Os olhos se prendem no palco, as cabeças permanecem imóveis. A um lado um conjunto regional repinica um sambinha de bossa gostoso e brejeiro. E, diante do microfone, Jorge Veiga faz tremeliques e salamaleques, enquanto canta eternas histórias de brigas com mulher e prisões por desordem. (Foto feita nos estúdios da P.R.G-3, Rádio Tupi do Rio de Janeiro). Enquanto os músicos vão vestir nos camarins os trajes de rigor, no estúdio, os instrumentos dormem silenciosamente, num descanso absoluto. Eis aí a orquestra em repouso.



rádio-teatro, que venceu definitivamente no Brasil. Em princípio essa modalidade de literatura chegou a se tornar uma febre contagiosa, da qual eram presas todos os habitantes dos grandes centros urbanos. Hoje, mais serenos, ainda estão espalhados por aí muitos milhões de fãs do rádio-teatro. Cumpre-nos aqui, porém, lamentar que este maravilhoso veículo de divulgação de cultura se empenhe apenas em levar aos quatro cantos do Brasil dramalhões tremendos, rabiscados às pressas por romancistas de improviso, ao invés de divulgar adaptações de obras dos nossos grandes autores vivos ou mortos. Mas mesmo assim o rádio-teatro tem um papel importantíssimo na educação das massas e, estamos certos, ele virá a cumprir brevemente o papel que lhe cabe como fator de cultura e progresso.

Aos que ouvem habitualmente as novelas radiofônicas, são desconhecidos por completo os detalhes de sua irradiação, e todos se admirariam se viessem a saber como se faz na realidade a representação das mesmas nos estúdios. Tivemos ocasião de assistir a uma dessas transmissões e ficamos boquiabertos. As grandes estações têm um estúdio exclusivamente dedicado ao rádio-teatro, que nunca pode ser transmitido à vista do público justamente para não tirar a ilusão dos ouvintes que, quando os ruídos e sons lhes são levados aos receptores, têm a impressão de que as cenas se desenrolam perante os seus olhos.

A novela ouvida é bem diferente entretanto da novela representada. Enquanto o altofalante emite ruídos de automóvel, businas, tiros e correrias, no estúdio os atores, distribuídos por três ou quatro microfones, acompanham as indicações do diretor de estúdio, que vai lhes apontando a maneira mais correta de falar ao "micro". E ele, por sua vez, obedece às instruções do técnico de som, que da cabine lhe indica por gestos o que é necessário. A distância dos artistas do microfone é regulada por um letreiro luminoso pôsto diante do diretor de estúdio e controlado pelo

técnico de som. Ali, de acordo com as necessidades de ampliação ou restrição do volume, se acendem os letreiros: "Mais longe" e "mais perto". E o diretor por gestos indica aos atores as posições. Estes vão lendo os seus papéis, sem gestos, sem expressões faciais. Muitas vezes, com a cara mais risonha do mundo um galã faz uma melancólica dissertação sobre os seus amores infelizes. E no outro "micro" o vilão ameaça de morte o mocinho, passando a mão direita pelo cabelo enquanto a esquerda sustenta o papel. E quando os dois entram teoricamente em luta o contra-regra toma de um revólver e dispara dois tiros de pólvora seca para o ar.

Esta é a visão final de uma novela. Ela, entretanto, antes de ser irradiada, passa por um processo longo de adaptação ao rádio.

Em primeiro lugar o argumento é adaptado pelo escritor e pôsto em forma de diálogos. Passa depois às mãos do diretor, que faz a "sonoplastia", isto é, intercala no entrêcho músicas e ruídos. Isto feito, escolhem-se os atores e distribuem-se os papéis. Os artistas escalados são chamados ao serviço por um quadro colocado na parede do estúdio e, tomando ciência da missão, assinam-se no livro de ponto e apõem um sinal característico ao seu nome. Marcado o ensaio comparecem todos. E quando o diretor se dá por satisfeito pode-se começar a irradiação.

CONTRA-REGRA, O MAGO DO SOM

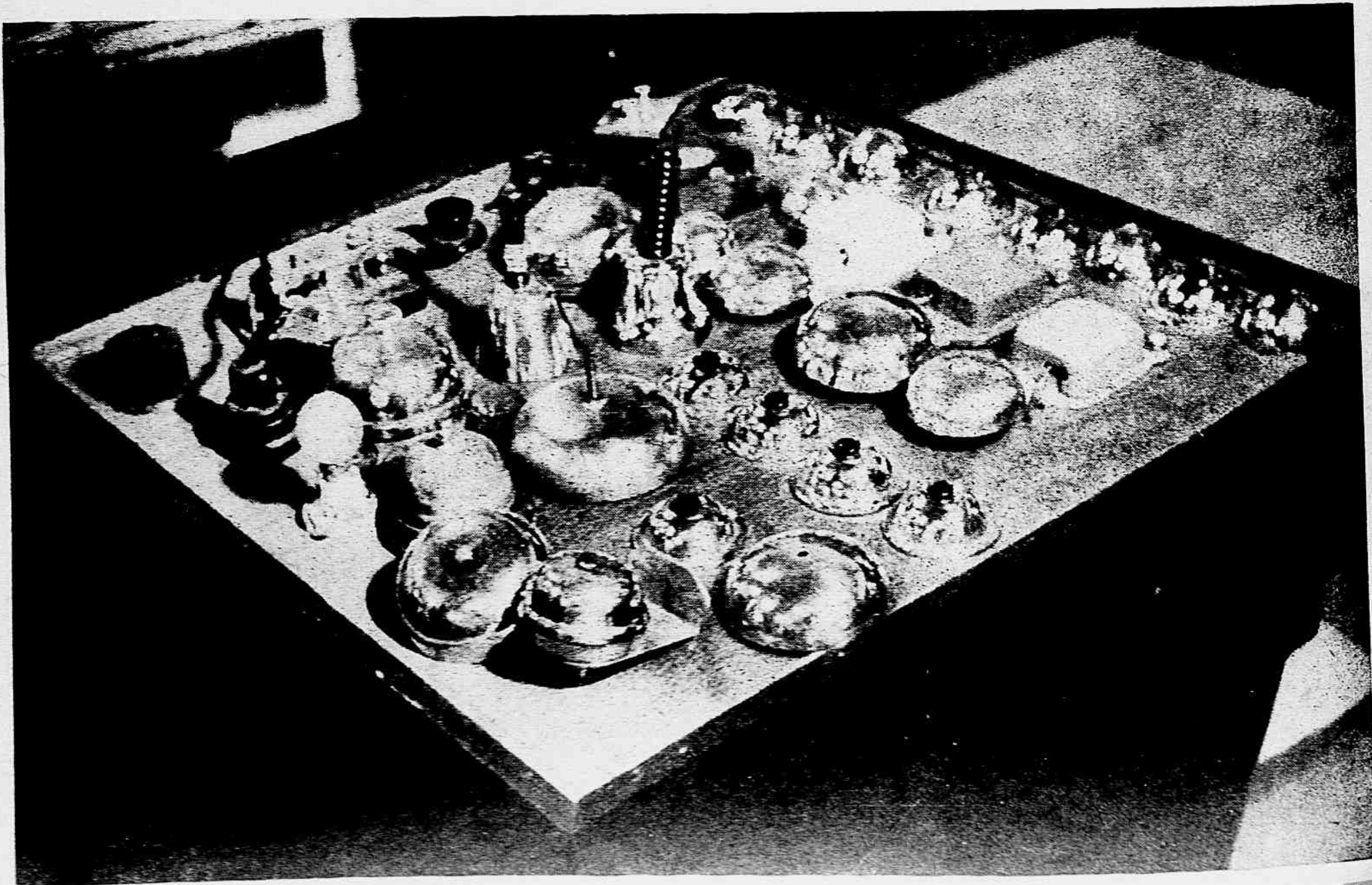
Uma das partes mais interessantes do rádio-teatro é a função do contra-regra. Este homem, verdadeiro mago do som, deve fazer o ouvinte ter a ilusão perfeita dos ruídos e sons indispensáveis à perfeita compreensão da novela ou da peça que está sendo irradiada. E, para tal inventa os mais estranhos recursos. Num estúdio de rádio-teatro vamos encontrar sempre as coisas mais bizarras e pitorescas. Visitamos a Rádio Nacional, onde nos foi dado ver os trabalhos incansáveis dos contra-regras para que mais perfeita se faça a seme-

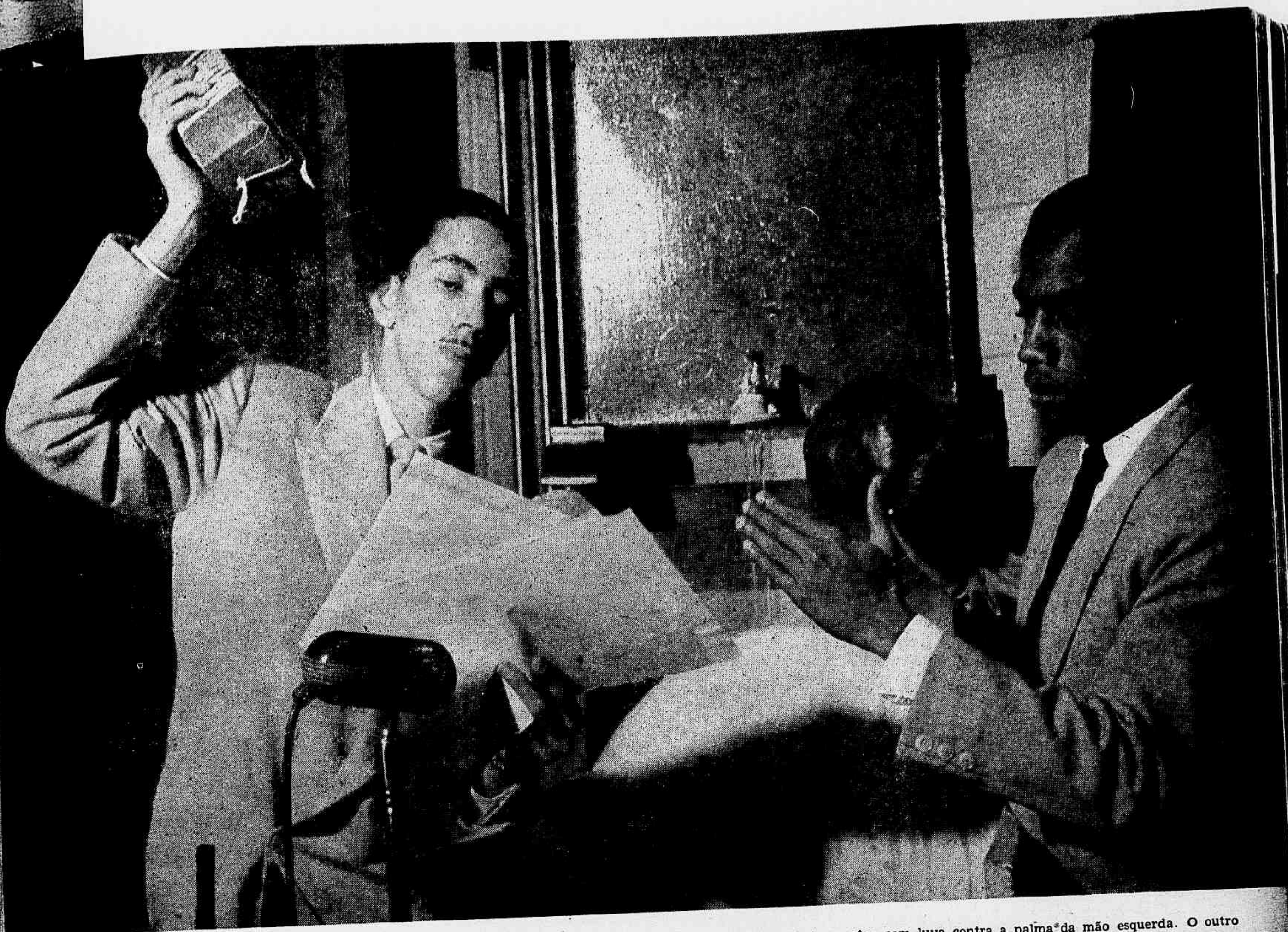
portarmos aos que labutam nas estações transmissoras.

COMO SE FAZ O RADIO-TEATRO

Grande parte dos horários de irradiação de nossas transmissoras é hoje tomado pelo

Os atores, contra-regras e todos os demais elementos do rádio-teatro são chamados ao serviço por uma tabela fixada no estúdio. O artista vê o seu nome e apõe ao mesmo um traço convencional, além de mostrar que tomou conhecimento da chamada. Além disto assina o ponto no livro que é pôsto logo abaixo da tabela. No clichê acima vemos um artista quando tomava conhecimento de sua tarefa. Abaixo, a mesa onde figuram campainhas de todos os tipos conhecidos, das quais se serve o contra-regra para provocar o ruído. Ambulâncias, carros de bombeiros, bondes, barcas e navios são levados ao receptor de qualquer ouvinte com um simples toque num desses botões. Os quatro interruptores alinhados ao centro acionam um carrilhão.



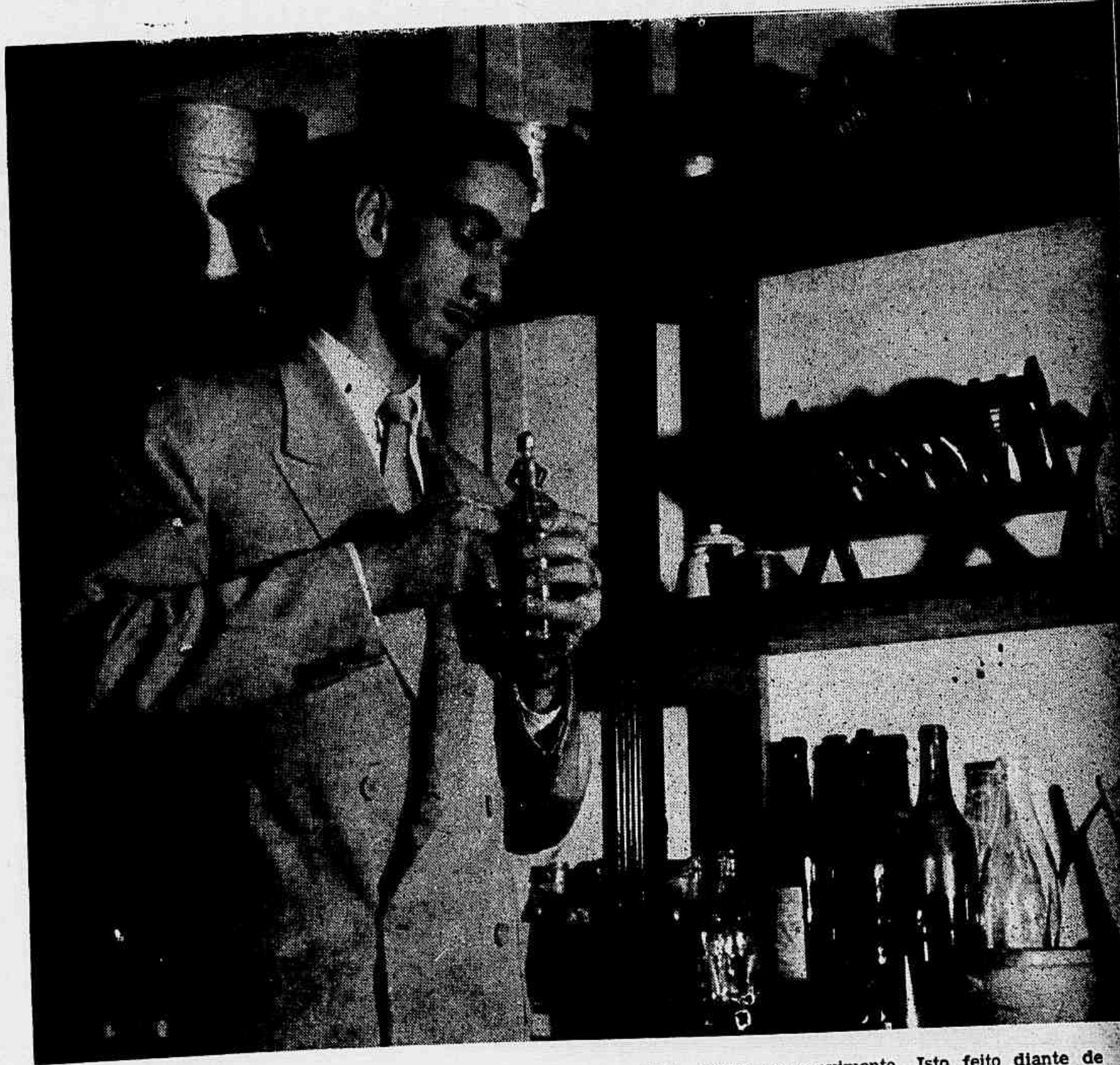


13

Aí estão os dois contra-regras Roberto Faissal e Sady Machado esperando a deixa para entrarem em ação. Um dará um sóco com luva contra a palma da mão esquerda. O outro imediatamente lançará o pedaço de pau dentro d'água. E o ouvinte terá a impressão de haver presenciado uma luta que terminou pela queda de um dos contedores no rio e consequente afogamento. O microfone pôsto ao lado capta todos os detalhes dos ruídos simulados pelos contra-regras. Ao fundo, um tanque com um pouco d'água está fazendo o papel de rio, como poderia fazer o mar ou um lago suíço. A água que escorre da torneira reproduz o estrépito de uma catarata.



Ao fundo aparece o contra-regra descendo uma pequena escada de madeira, para dar a impressão de um homem que deixa o seu lar. Em primeiro plano uma porta, cuja única função é ser aberta e fechada pelos contra-regras.



O contra-regra põe um bonequinho de mola dentro de um copo e fá-lo entrar em movimento. Isto feito diante de um microfone dá a impressão exata ao ouvinte do ruído de uma máquina de costura. Ao fundo da foto aparecem, na estante, os mais variados e bizarros objetos. Cada um deles tem uma utilidade definida. Panelas, garrafas, bombas de inseticida funcionam aqui, às vèzes, nos seus papéis naturais, mas muitas outras para imitar ruídos que nem sequer passariam pela idéia dos leigos.



lhança dos ruidos emitidos com os que eles se destinam imitar. Existem ali espalhadas portas de vidraça, janelas de guilhotina, tanques de lavar roupa, pedaços de pau, panelas, copos, talheres, pistolas automáticas, campainhas, telefones — enfim, uma verdadeira loja de belchior transplantada para o estúdio.

Conversámos com os contra-regras e eles nos mostraram várias coisas curiosíssimas. Brinquedinhos de crianças que servem para imitar os mais disparatados ruidos: um bonequinho de mola que, pôsto em movimento sobre um bombo vulgar de orquestra, reproduz o barulho infernal de uma esquadrilha de bombardeiros levantando vôo. Uma bailarinazinha de latão imita perfeitamente uma máquina de costura em trabalho. Assim outros ruidos são provocados pelos processos mais singulares e estranhos. Um batalhão em marcha, por exemplo, é imitado por uma grossa de pedacinhos de madeira ligados entre si por uma rede de arame, que o contra-regra bate de encontro a uma mesa.

Mas para imitar outros ruidos são necessários mesmo os ambientes naturais. Existem nos estúdios calçadas de pedra, escadas, portas de automóveis, etc... A semelhança na execução dos sons depende quase que exclusivamente da competência do contra-regra, que tem que se valer de muitos recursos por ele descobertos em pesquisas e experiências e que ele tem que pôr em prática no momento preciso. Além da perfeição do ruído o fator tempo tem também um papel preponderante no rádio-teatro. Um segundo de demora na execução de um barulho pode desfazer por completo o efeito do som.

AUDITÓRIO, DIVERSÃO POPULAR

Já falámos sobre todos os aspectos do rádio que mais de perto interessam ao público. O trabalho dos locutores é outra tarefa de grande importância numa estação transmissora. A dicção e expressão dos speakers se deve o sucesso de muitos programas. O locutor em geral trabalha numa cabine à parte do estúdio, junto ao técnico do som. Há entretanto programas que requerem o concurso de dois speakers. Eles falam então de pé, um defronte do outro. E só se põe junto da orquestra, dos cantores ou dos artistas de rádio-show quando se faz um programa de auditório.

Ah! os programas de auditório das rádios. São eles os "ai Jesus!" de quanta pequena suburbana existe por aí. Mal se anuncia um destes shows, acorrem às platéias e aos balções dos estúdios abertos milhares de pessoas, vindas dos mais remotos pontos do Rio, que se plantam por horas numa fila cansativa e extensa, para ouvirem ao fim de tudo alguns números de seu cantor predileto ou um sketch brejeiro.

Também esses programas, como o rádio-teatro, requerem um longo ensaio dos seus participantes.

Mas aqui, durante a audição, eles não podem contar com a colaboração do diretor ou da cabine de som. Esta apenas lhes transmite, através o letreiro luminoso, os avisos clássicos: "Mais perto", "Mais longe".

Assim é o rádio visto por dentro. Muitos ficarão surpresos ao saber que um corpo que cai nágua numa novela é apenas um murro do contra-regra contra a mão esquerda e o baque de pedaço de pau dentro de um pequeno tanque. Assim é o rádio... Que ele nos agrade ou não, é assim... E assim continuará a ser...

Ao alto — O diretor de estúdio João Matos está atento aos papéis e aos letreiros luminosos, com o auxílio dos quais o técnico de som lhe indica a posição dos atores com relação ao microfone. Ao centro — Oswaldo Elias está fazendo uma declaração de amor a Lolita França, que está no outro microfone. Ao fundo, esperando a vez, estão Lucia Helena, Terezinha Nascimento e outros. Em baixo — Uma cena movimentada no rádio-teatro da Nacional.

COISAS DO BRASIL

Semanas atrás um seleto grupo de membros do Clube de Excursionistas do Rio de Janeiro realizou uma viagem ao Paraná, que teve como objetivo a visita às montanhas e localidades daquele Estado.

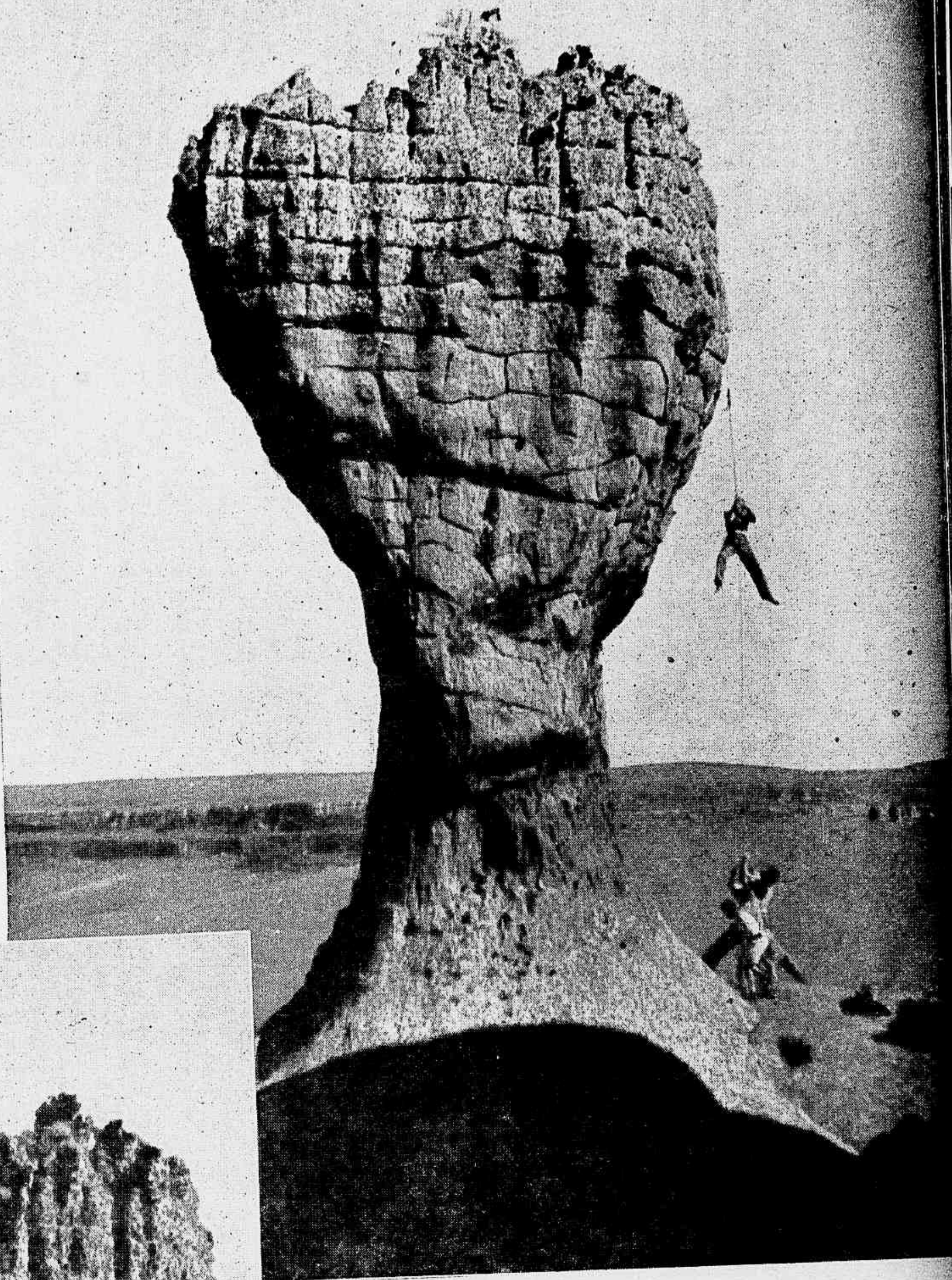
Os componentes da caravana tiveram ocasião de escalar ali a famosa "Taça" de Vila Velha, uma montanha de forma "sui-generis", a cujos contornos se deve o seu nome.

Esta rocha, embora pequena, continuava até há bem pouco virgem da presença humana, por isso que a sua conformação jamais permitira a alguém aventurar-se à subida. Esta ascensão, bem como a escalada do Pico de Marumbi, constituíram os pontos altos da excursão. Aliás esse pico já havia dado nome ao Círculo de Marumbinistas de Curitiba, cujos membros também participaram da arrojada empresa montanhista.

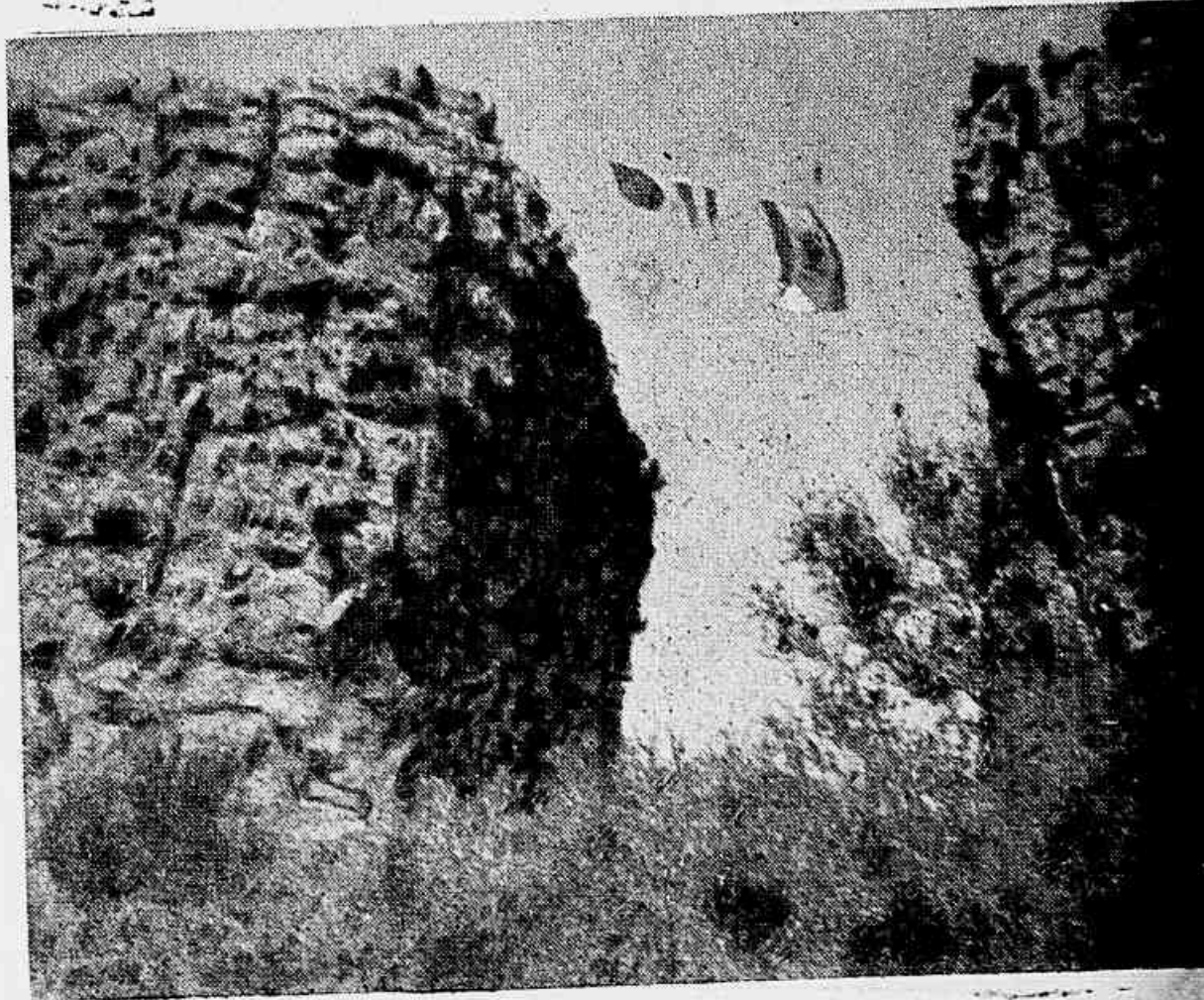
A "Taça" de Vila Velha é uma dessas obras primas da Natureza que encantam a vista e deslumbram a sensibilidade, e diante das quais nos assalta a dúvida de que sejam realmente produtos da formação geológica ou a obra de um artista brincalhão que quisesse algum dia pregar uma partida aos pósteros.

A "Taça" é uma rocha escarpada de aspecto similar ao cálice, apresentando fendas irregulares em toda a extensão de sua superfície gretada e plantada em meio a uma planície ampla, que não é quebrada nem sequer pelo ponto negro de uma colina.

Pelas duas fotografias dêsse original e majestoso rochedo que estampamos nesta página, pode-se fazer uma idéia do quão interessante tenha sido a excursão dos "sportmen" cariocas às terras do Paraná, sempre tão pródigas em aspectos de beleza exuberante e de maravilhosas paisagens.



Nesta página reproduzimos alguns aspectos fotográficos da famosa "Taça" de Vila Velha, vendo-se, ao alto, um aspecto da difícil ascensão, quando o guia Índio do Brasil Luz fazia sua primeira tentativa. Em baixo, à esquerda, o guia José de Souza, fotografado no alto da "Taça", e, à direita, a flâmula dos clubes excursionistas e a bandeira do Brasil flutuando sob uma passagem perigosa.





A OBRA DO NAZISMO

Judeus... Homens como nós, com dois olhos, 32 costelas, estômago, coração e cérebro. Judeus da Áustria, da Alemanha, da Tchecoslováquia. Almas infelizes que o destino atirou nas garras rapazes de um grupo de sádicos fanatizados, para que lhes desse imposta a mais cruel das existências...

Quando as tropas russas e norte-americanas infiltrando-se no território do III Reich, foram rasgando as redes eletrificadas de farpas agudas que enlaçavam essas legiões de desespero e da dor, quantos dramas escuros não foram sendo revelados ao mundo, que assiste agora, após 11 anos de escuridão e treva, à história de um Sade hediondo, que a insensatez de uma geração colocou sobre o poder de um império! As fotografias apinhadas nos campos de concentração que se espalhavam pela Alemanha e países ocupados nos dão ideia de que tenha sido a vida da Europa escravizada pela fúria sanguinária de Hitler. Enquanto durou o poder desse Napoleão degenerado, por sobre tudo pairou o silêncio: todos os crimes eram trancados dentro da sacola dos seus dinheiros que, cambiados em marcos, a liberalidade sinistra das embaixadas ia espalhando por todas as capitais. Agora a claridade da libertação abre uma nova era sobre a terra. Mas enquanto morrem nos hospitais aliados as últimas vítimas do nazismo, os agentes do sadismo organizado choram por todo o mundo pedindo perdão para os culpados e sobre o luto dos lares russos, americanos, ingleses e brasileiros enodam amargamente a fúria entranhada de Cesar. Não seria maior que se apresentasse na Alemanha (incluindo os ataques e bombardeio de Londres e a destruição de Stalingrado, Brest-Litovsk) para levar ao muro os culpados, que os seus russos rassem essas fotografias feitas nos campos de concentração da Tchecoslováquia e da Áustria. Mulheres nadas. Homens não anãos. Crianças ausentes. Todos sacrificados por bem da civilização mas...

MO

coração e
felizes que
a que lhes

o III Reich,
as legiões
ao mundo,
Sade he-
m império!
pela Ale-
ropa esca-
Napoleão
dentro
sintura das
libertação
aliados os
por todo o
americanos,
Cesar. Não
abandono de
culpados,
entração da
crianças aus-





— Que é isso, pequena? Você está me imitando?



DE BOM HUMOR

O criminoso deixara uma confissão, mas esquecera de assiná-la...

QUEM CONFESSOU? Conto de HARRISON TRUEMAN

OS relâmpagos iluminavam, de vez em quando, o céu, seguidos pelo ribombar dos trovões, e a chuva continuava a cair, sem parar. Na biblioteca o fogo da lareira iluminava um recanto. Caido, em frente a ela, estava o corpo de um homem. O fogo parecia ironizar a situação, lançando arabescos de sombra vacilante no rosto em que a palidez da morte havia muito tempo se refletia. No escuro uma voz exclamou:

— Mario!

Passos rápidos se aproximaram. Minutos depois todas as luzes do solar estavam acesas e ouvia-se, lá fora, o apito de um guarda noturno.

— Alô! Alô! Chefatura de Polícia? Faça o favor, mande um policial à rua Stratton 450, imediatamente. O dono da casa acaba de morrer e parece que foi assassinado.

Transmitido o recado, a criada ajeitou a touca engomada e dirigiu-se para a sala, onde se reunira a família.

— Já avisei à polícia.

Catherine levantou-se, impaciente:

— Está bem. Está bem. Pode ir, agora.

— A senhora quer dizer que eu posso ir me deitar ou a polícia há de querer falar comigo?

— Naturalmente que há de querer falar com você. E com os outros criados. É melhor que vocês esperem reunidos na cozinha. E escute: faça um pouco de café. Quando estiver pronto traga.

— Sim, senhora.

Havia qualquer coisa de irônico no tom de voz da criada. Sem mais uma palavra, ela retirou-se. Assim que a porta se fechou Catherine correu para verificar se de fato ela fora cumprir as ordens e não ficara a escutar do outro lado. Em seguida voltou para a sala e disse:

— E, agora, eu acho bom decidirmos o que vamos dizer à polícia...

— Minha querida Catherine — murmurou uma voz preguiçosa, partida das profundezas de uma confortável poltrona — eu não compreendo o que você quer dizer...

— Quero dizer uma coisa: vamos ou não contar, ao detective que for enviado, tudo o que se passou aqui esta noite?

Novamente a voz fez-se ouvir:

— Minha querida, você, como sempre, está dramatizando uma situação que, apesar de horrível, nada tem de dramática. Todos nós odiávamos este homem. Isso não é novidade para ninguém. Para que esconder uma briguinha atoa?

— Frank, você pode brincar com um fato grave, mas eu confesso que acho o seu humor um pouco deslocado nesse momento...

— É o que você pensa, meu tesouro, é o que você pensa. Afinal de contas, por que chorar? Sabemos bem que foi um de nós que matou Mario...

— Frank! Por favor, pare com isso!

Era a primeira vez que falava uma outra mulher, sentada do outro lado da sala.

— Margaret, você precisa, antes de mais nada, tomar um calmante — aconselhou Frank. — Senão, quando a polícia lhe fizer a perguntinha fatídica, você há de confessar, meramente por histeria... Eu nunca confiei nos seus nervos, meu bem.

— Por que não para com esses termos

carinhosos que você nunca usou, Frank? É isso que você considera humor fúnebre?

— Está boa essa. Enfim mais uma pessoa corajosa, como eu. Aproxime-se, Janet, e dê um beijo de dia de assassinato no seu irmão. E vocês também, Margaret e Catherine. Venham buscar forças nos braços firmes de seu irmão.

Janet sorriu:

— O quadro é verdadeiramente tocante

Os quatro irmãos. Entendiam-se tão bem... Um dia...

Catherine protestou, quase gritando:

— Janet, pelo amor de Deus, isso assim também é de mais. Que esse homem (sua voz mostrou bem a repugnância que sentia) tenha morrido, muito bem. Que estejamos certos de que foi um de nós que o matou, ainda posso suportar. Mas essas brincadeiras fúnebres...

— Por que fúnebres, meu bem? Hoje

é dia de festa para nós, não é? Afinal de contas, somos os herdeiros...

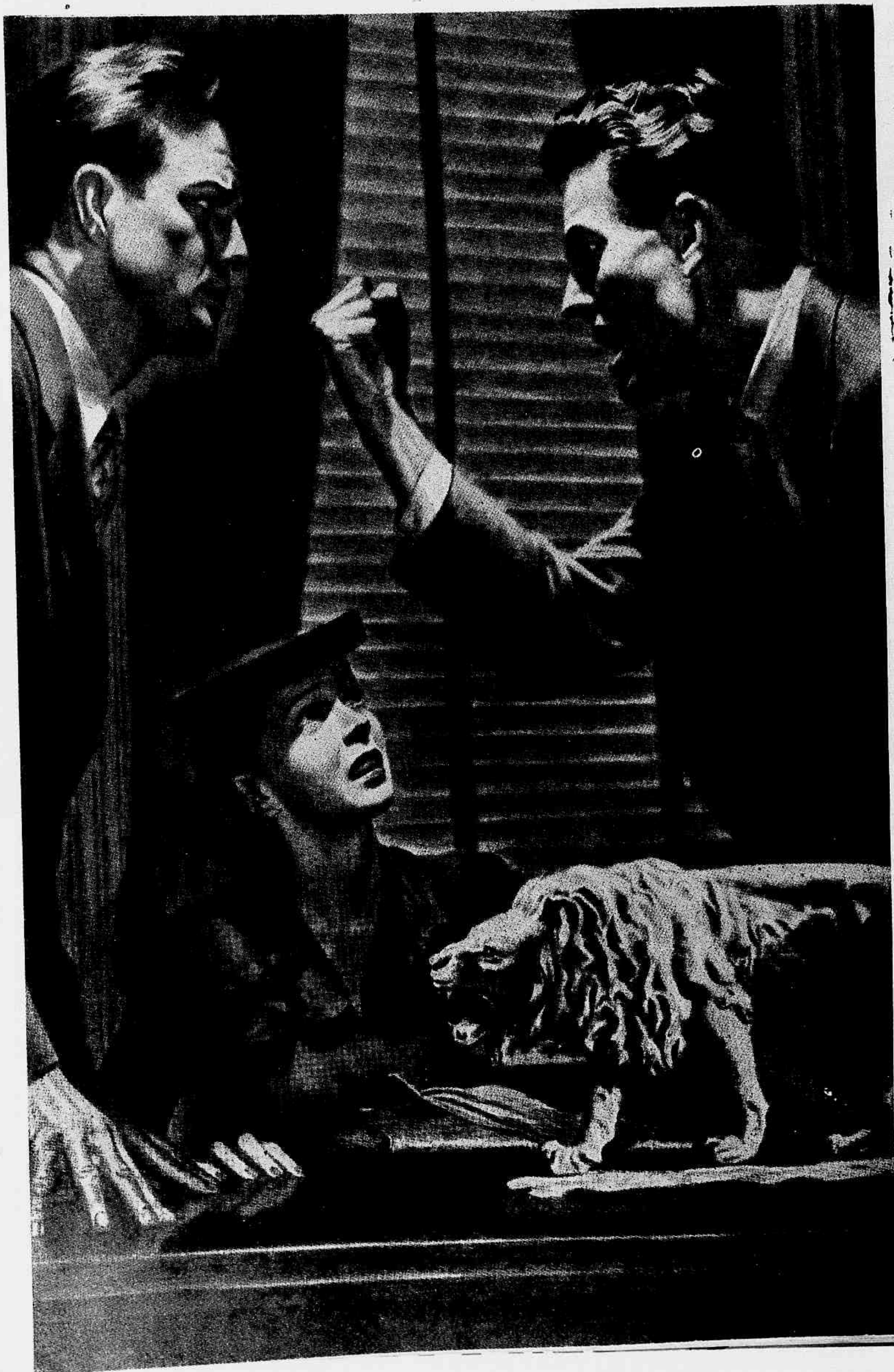
— Mas não me agrada a brincadeira.

— Catherine, minha flôr de maçã, você parece que está descobrindo seu jôgo, se não está jogando muito bem... Compreende o que eu quero dizer? Ou isso é "bluff", ou então foi você quem o matou!

— Frank, se você não parar com isso...

— Foi ela, queridas irmãs, foi ela; e

(Continua na página 37)





Enlace Maria de Lourdes Gonçalves da Fonseca — Vicente Galo



Realizou-se no dia 31 de maio o enlace matrimonial da sta. Maria de Lourdes Gonçalves da Fonseca, filha do sr. José Gonçalves da Fonseca e d. Diamantina Fonseca, com o sr. Vicente Galo, filho do sr. Francisco Galo e sua exma. esposa d. Palmira Reis Galo. No ato civil, que foi realizado na residência dos pais da noiva, à rua Osório de Almeida n.º 25, serviram de testemunhas o dr. Antonio Maia Filho e senhora, e o casal Silvestre Galo.

A cerimônia religiosa foi celebrada às 17 horas, na imponente igreja da Candelária, servindo como padrinhos os pais da noiva e o sr. Luiz Galo e senhora. A bênção nupcial foi dada por d. Henrique Magalhães, tendo as stas. Marcela Zanobini, Maria Fernanda de Carvalho, Iracema





Pimentel Ramos, Alice Rodrigues, Daisy Costa e Cremilde Cavalcanti Maia servido como damas de honra, e a menina Lourdinha de Castro conduzido as alianças ao altar.

O tradicional templo, lindamente ornamentado, achava-se repleto de pessoas amigas, que cercaram os nubentes de demonstrações de afeto e carinho.

Após a solenidade religiosa o distinto casal José Gonçalves Fonseca ofereceu na sua magnífica residência fidalga recepção, à qual compareceram os elementos mais representativos da sociedade carioca.

Nestas páginas apresentamos alguns flagrantes desse grande acontecimento social, colhidos pela nossa objetiva.





Durante a realização do "meeting" de domingo último, tiveram lugar no Hipódromo da Gávea várias solenidades com que os profissionais do turf homenagearam o seu grande benfeitor, ministro Salgado Filho. Nesta página reproduzimos alguns aspectos destas festas, a saber: à esquerda, do alto para baixo: Mme. Salgado Filho

JOCKEY CLUB MUNDANO

recebendo a rica "corbeille" que lhe foi ofertada naquela ocasião; o presidente do Jockey Club Brasileiro recebendo a saudação de um orador, na sala de imprensa; e um aspecto do almôço oferecido pela diretoria do Jockey aos criadores, no salão rosa. Completam esta página dois flagrantes coihidos na "pelouse".





ADELE JERGENS (Columbia)

Perfumar-se deve ser uma arte. Aliás toda a mulher em sua facieira deve ser, acima de tudo, artista. Ser facieira com inteligência é ser duplamente encantadora. Na escolha do perfume, por exemplo, você deve atender ao seu temperamento, à sua personalidade e até mes-

mo à qualidade de sua pele. Há perfumes violentos, que não se harmonizam a um tipo angélico de loura, assim como um perfume demasiadamente suave não se coaduna com um tipo exuberante de morena tropical. Há perfumes com um tipo exuberante de morena tropical. Há perfumes que não se adaptam a certas epidermes. E é preciso prestar atenção a isto. Se você pode usar sempre o mesmo perfume deve fazê-lo. Fica sendo o seu perfume uma nota marcante da sua personalidade. E será um meio de fazer-se lembrada. A música e o perfume são a varinha mágica, o "abre-te, Sésamo" das recordações. Quantas vezes a gente vai pela vida num deambular indefinido, a alma dormente, o coração cheio de marasmo e, de repente, lá nos entra uma melodia pelos ouvidos, lá nos invade o olfato uma certa essência, um perfume de outros tempos, e

tudo desperta sob o aquilhão da saudade e o sub-consciente começa o seu trabalho de reconstrução! O perfume é um meio de ficar na lembrança dos outros. E' um traço de requinte. E' uma necessidade. Se você porém não pode adquirir um bom perfume, procure usar um bom talco, uma boa água de colônia, uma boa loção. Perfume suas roupas de interior com "sachets", que se encontram nas perfumarias. Mas evite os perfumes ordinários, que só lhe podem prejudicar. Perfume é romance, é sedução. A lágrima que a gente chora desaparece. Mas o perfume fica no lenço para contar o romance que a nossa lágrima chorou!...

Jesy Barbosa

Névoa

Conto de MIGUEL TORGA
Ilustração de JOSE ANTONIO

Já nos tempos de rapariga, quando as outras da sua idade, de nariz sujo, brincavam aos casados, ela ficava de lado, penteada, limpa, linda como um amor-perfeito. Tinha um fino e ondeado cabelo loiro, uma pele branca e rosada que nem pare-

cia gerada ali, olhos azuis, e era esbelta como um vime.

— Muito bonita é a tua filha, ó Joana!

A pobre mulher desfazia no no elogio, com medo de qualquer castigo de Deus, e ficava lá para consigo a pensar como tinha po-



JOSE ANTONIO

16
dido sain
vestida
tura ass
reza.
A mã
um car
os vento
ao seu
Desgraç
da ao
vida for
o Loure
vida da
— N
— lame
de, já
Sofri
ainda
ataque
Joana
desme
— E
ser lin
teza.
Naq
tura c
a fum
nia qu
da fi
nito h
feição
insist
sem t
cabel
os se
com
a tiv
fanta
mida
parig
dê'es
justo
roso
Q
fal
riu
hora
tar-
rosa
líric
—
azu
F
talv
teri
E a
à e
con
M
por
se
O
da
pa
Jo
qu
a
pl
ra
he
p
co
a
q
e
c
n
c
p
v
n

dido sair de si, tão feia, tão mal vestida e tão infeliz, uma criatura assim, bafejada da natureza.

A mãe de Celestina era como um cardo da beira-mar. Todos os ventos maus tinham de ir dar ao seu corpo, duro e mirrado. Desgraçada ao nascer, desgraçada ao casar, desgraçada pela vida fora, morreria-lhe o homem, o Lourenço, quando andava grávida da filha.

— Não chego a ver a menina — lamentou-se ele um dia à tarde, já com a esgana a apertá-lo.

Sofria de asma. E como tinha ainda os olhos esbugalhados do ataque de há pouco, a boa da Joana nem teve coragem de o desmentir.

— E gostava tanto... Há de ser linda! Tenho mesmo a certeza...

Naque'a vida sem ar e sem altura que fôra a dê'e, a cavar e a fumar-se de pós da Abissínia quando os agarrava, o sonho da filha representava um infinito horizonte de vento e de perfeição. Sempre que falava nela, insistia na sua beleza, no rosto sem terra que havia de ter, nos cabelos loiros e finos que seriam os seus, e, sobretudo, tocava-a com a sua imaginação como se a tivesse ao pé. A mulher, sem fantasia, ficava-se por uma tímida certeza onde cabia uma rapariga ou um rapaz, e qualquer dê'es nem feio nem bonito, um justo fruto de si, natural e terroso.

Quando o homem morreu, a falar nos olhos azuis da menina, riu se compassivamente. Numa hora tão crucial, não quis cortar-lhe a ponta das asas. Generosamente, voou com ele no delírio que o transportava.

— Sim, azuis... Hão de ser azuis...

Feliz daquele acôrdo final, e talvez a vê-la lá no céu donde teria de vir, o Lourenço morreu. E a Joana ficou-se na sua dôr, à espera, Deus sabia de que, e como.

Nasceu a Celestina. E, uma por uma, as esperanças do pai se realizaram no seu corpo. Olhos azuis, cabelos loiros, linda...

— Só me admiro é como o teu pai adivinhou isto! — dizia a Joana a olhar a filha e a saber que ela a não entendia.

— Beri-berá... — respondia a criança, com uma luz de resplendor a nimbá-la.

O retrato do pai, tirado na feira dos vinte e dois, era o de um homem feio, barbado, balofo dos pulmões sem ar. E contudo, mal começou a ter tino do mundo, a pequenita ficava-se horas esquecidas a olhá-lo, num carinho e numa ternura que a princípio comoviam a mãe. Mas de tal modo a adoração passou as marcas, que foi preciso lançar uma palavra de desaprovação.

— Ó rapariga, nem tanto!

À medida que os anos passavam, a saudade do homem ia morrendo no coração de Joana.



A presença do marido diluía-se dia a dia, e ficava da passada vida em comum uma recordação sem nitidez, baça, que até as feições do morto diluía. O retrato dêle lá estava sôbre a cômoda a olhá-la de vez em quando. Mas, apenas fechava a porta de casa, a imagem perdia os seus contornos. Para a lembrar, se era preciso contar um fato, ou se um remorso a convidava a isso, era-lhe preciso obrigar o espírito, concentrar certas forças, até que de uma nuvem esfarrapada se gerasse a figura antiga. E era ao contrário dêste caminho que Celestina andava. Partindo precisamente de um polo oposto, do nada, o seu amor ia modelando as feições do morto, tirando, pondo, corrigindo, na febre de o ressuscitar em corpo inteiro.

— O pai era baixo, não era, mãe?

— Era.
— Eu já calculava...
— Como é que calculavas?
— E tinha a boca grande, não tinha?
— Tinha.

Um mal-estar indizível, uma zanga que não era raiva, começou então a apoderar-se de Joana sempre que via a filha a olhar o pai. Dentro de si, qualquer coisa protestava contra a evidente contradição: ela a esquecer irremediavelmente o homem, e a filha a lembrá-lo cada vez mais.

— O pai gostava muito da mãe, não gostava?

— Olha que conversa!

Era já Celestina uma mulher perfeita, sempre limpa, sempre penteada, cada vez mais bela e mais distante. Como que aquele enleio do pai a prendia nas suas rêdes e cada dia a roubava mais ao mundo. Os rapazes ronda-

vam-lhe a porta, escreviam-lhe ou falavam-lhe, e ela mantinha-se longe dêles, insensível e fria.

— Tu não te queres casar? — perguntou-lhe a mãe a certa altura.

— Casar, para que?

— Essa agora! Então para que há de ser?

— Para depois esquecer o homem, como a mãe fez ao pai...

A pobre e velha Joana sentiu estalar qualquer coisa dentro do coração. Foi uma suspeita esticada, tensa sem poder mais, que, tocada pelo gume daquelas palavras, rompeu. Mas a sua razão não tinha nome para aquilo. Doeulhe muito o que rasgou, olhou a filha como se ela fôsse outra mulher, com ódio, mas não podia saber bem ao certo o que sentia, nem o nome de tal dôr. Por isso calou-se, e afastou-se



EM VISITA AOS ESTÚDIOS

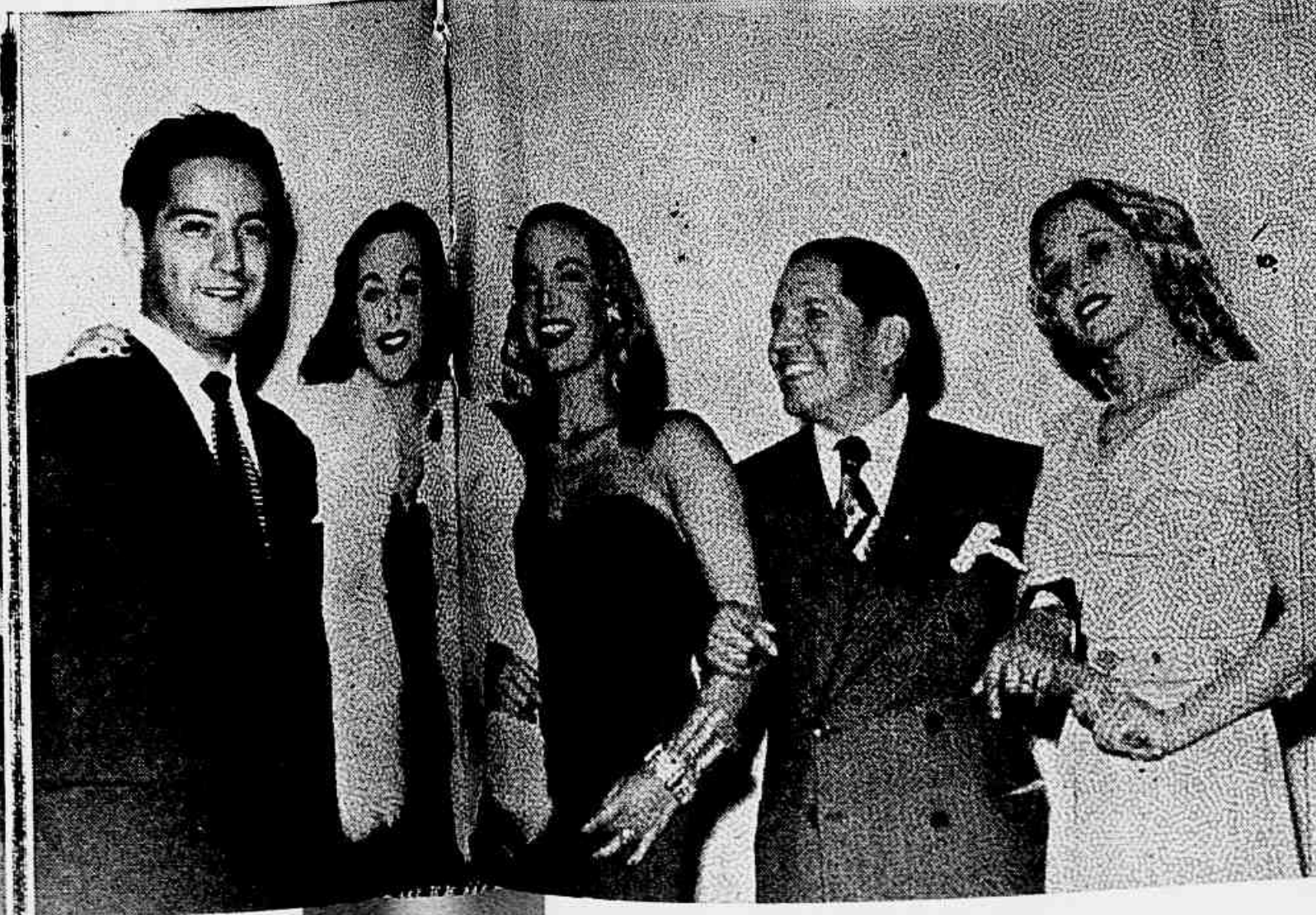
Nossa visita periódica aos estúdios, com o propósito de colher material para melhor informar aos leitores, foi das mais auspiciosas, esta semana. Encontrámos, nos estúdios da 20th. Century-Fox, um filme de grande espetáculo em preparativos: "The Dolly Sisters". Os papéis de Betty Grable e June Haven são de duas irmãs gêmeas e parecidíssimas. De fato, elas ficam tão semelhantes que é difícil distingui-las, e quem não conhecer Betty Grable em pessoa há de sentir-se em apuros. Mas, no fim de contas, ambas são bonitas e cada qual mais galante. "The Dolly Sisters" deve ser, por força, um grande e espetacular musical.

As gravuras desta página representam: à esquerda, Betty Grable e June Haven, nas protagonistas de "The Dolly Sisters". — À direita, em cima: Gene Tierney, num relaque de "maquillage"; Linda Darnell escolhe os figurinos para seu próximo filme, e Maureen O'Hara faz o contorno dos lábios. Em baixo, Alice Faye corta um dos bolos de aniversário que recebeu, abolindo as clássicas velas por um princípio de superstição. — John Payne e Gloria de Haven, recém-casados, brincam de marido e mulher... — E novamente Betty Grable e June Haven, verdadeiras "sósias" em "The Dolly Sisters". — Em baixo, Carmen mata saudades do samba, dançando com Ciro Rímac; um grupo de Carmen e Alzirinha, ladeando Ciro Rímac, marido da segunda, e à esquerda Chuchu Martínez e sua esposa Estellita. Finalmente, Carmen e Alzirinha Camargo, ambas de lenço, mandam um sorriso de saudades para os "fans" do Brasil, ao lado de Ciro Rímac. (Fotos 20th. Century-Fox enviadas por Luiz Serrano.)



Instantâneos de HOLLYWOOD

Hollywood, junho. (LUIZ SERRANO, correspondente especial da REVISTA DA SEMANA) — Posso hoje oferecer aos leitores alguns sugestivos flagrantes de Carmen Miranda em companhia de Alzirinha Camargo. Duas "estrelas" brasileiras encontraram-se em Hollywood, e o resultado foi o que se vê nas gravuras: algumas horas de "bate-papo" muito à brasileira, para matar saudades da Cinelândia, do Café Nice e dos estúdios das emissoras cariocas, quando ambas, Carmen e Alzirinha, aí desenvolviam suas atividades. Carmen continua a excelente camarada de sempre, dispensando a Alzirinha Camargo um mundo de atenções. E quando o pessoal da terra as viu, tão juntas e tão amigas, chegou a indagar se era outra irmã que a "estrela" dos balangandans acabava de receber da terra carioca. Sim, porque aqui é tudo carioca, e para se destratar de uma boa popularidade à brasileira a melhor coisa é ainda falar em Carioca. Resultados de Zé Carioca, de Walt Disney e de toda a grande propaganda que o Rio tem recebido aqui por estes lados. Posso dizer-lhes, apenas, que Alzirinha Camargo foi a dama de honra de um número de visitas, homenagens e festas. — E para fechar este bilhete, mais uma notícia de sensação: James Stewart vai voltar às atividades na Metro, depois de ter dado conta de seus deveres militares.



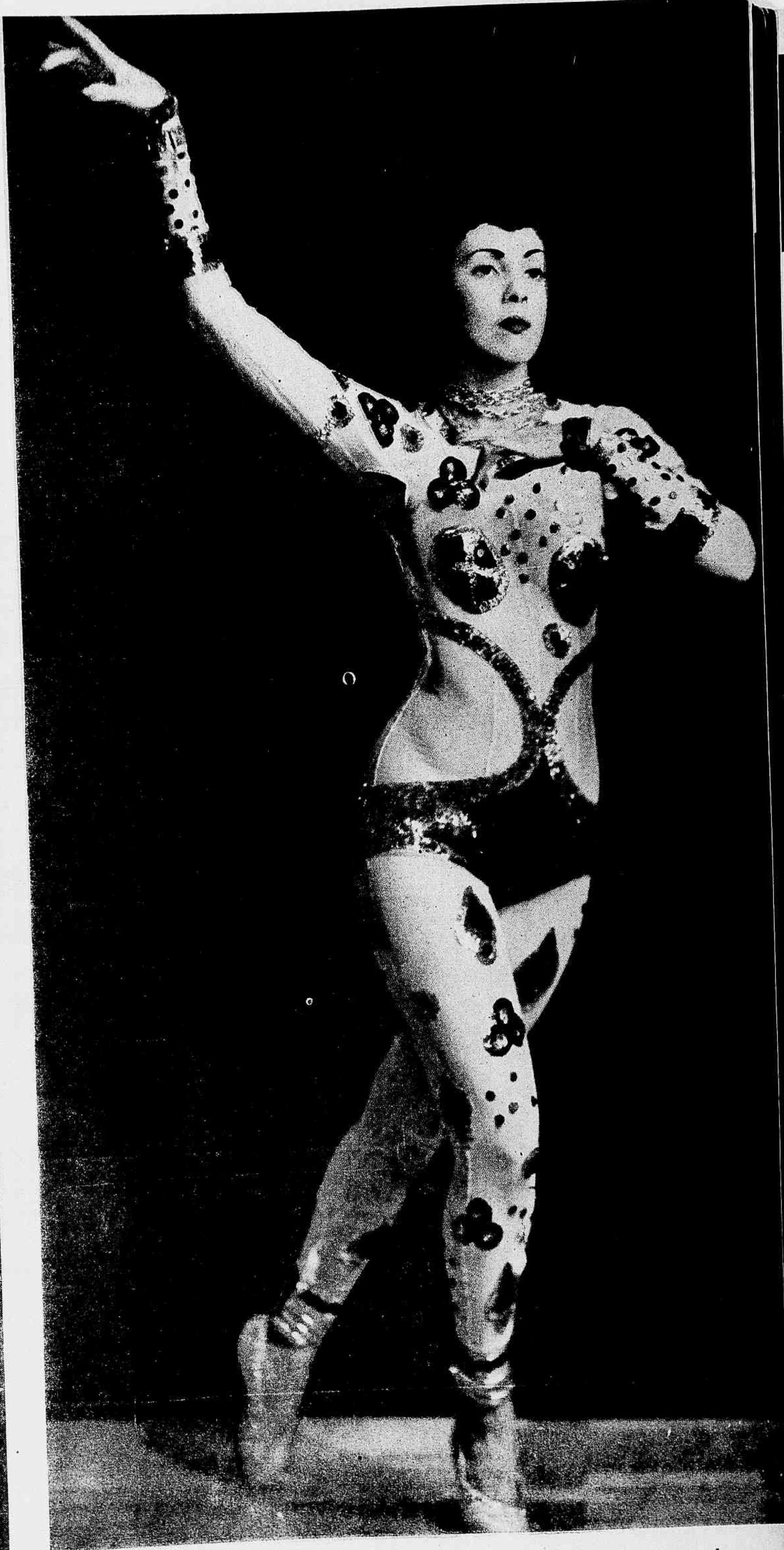
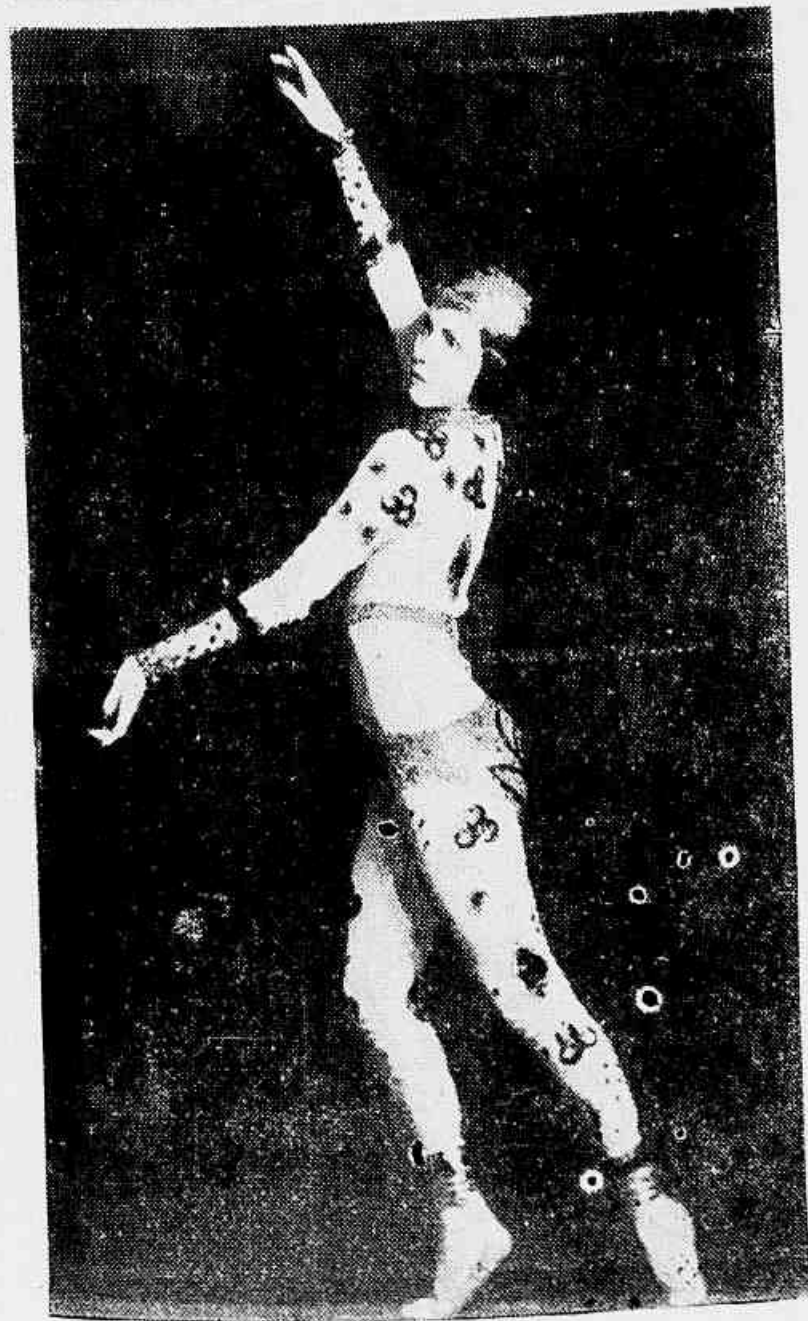
Homenagem a Dulcina

Por iniciativa da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, com a aprovação do prefeito do Distrito Federal, sr. Henrique Dodsworth, e a solidariedade do público em geral, foi levada a efeito na noite de 3 do corrente, numa das dependências do "hall" do Teatro Municipal, a inauguração de uma placa homenageando a figura inconfundível da atriz patricia Dulcina. Em um dos intervalos da representação de "Chuva", que ali estava em cartaz, reuniram-se os intérpretes da peça e os admiradores da artista, usando da palavra, inicialmente, o nosso confrade Bandeira Duarte, redator-teatral do "Diário da Noite" e presidente da A. B. C. T. Finda a oração, sob os aplausos do público, foi descerrado o velário que cobria a placa, onde se lia o seguinte: "A Dulcina, intérprete máxima e diretora magistral, que tanto ilustrou as tradições artísticas deste teatro na temporada de 1944 da Companhia Dulcina-Odilon com 'CESAR E CLEOPATRA', 'ANFITRIÃO 38' e 'SANTA JOANA' HOMENAGEM DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS TEATRAIS". Dulcina, visivelmente comovida, leu algumas palavras de reconhecimento, confessando-se sensibilizada pela homenagem que lhe tributavam seus amigos e admiradores, e prometendo continuar envidando o melhor de seus esforços para manter bem alto o nível da Arte Dramática no Brasil, da qual se confessava em publico uma fervorosa discípula.

Foi uma noite de grande entusiasmo, que serviu de pretexto para render à grande figura da cena dramática o tributo das simpatias, dos aplausos e da admiração do público e da crítica. Exatamente agora Dulcina vem de encerrar outra vitoriosa temporada naquele mesmo teatro, encenando mais três peças de responsabilidade: "Rainha Vitória", "O Pirata" e "Chuva", esta última constituindo um acontecimento artístico sem precedentes.



EROS



Uma nova concepção coreográfica de Eros Volusia, obedecendo ao espírito moderno de suas realizações plásticas. A jovem bailarina patricia, que vem de receber convite para voltar a Hollywood, onde teve suas atividades interrompidas com o deflagrar da guerra dos Estados Unidos, em 1941, prepara repertório inédito para esta temporada. Aqui a vemos em vários flagrantes desse novo trabalho de arte, destinado, sem dúvida, à repetição de seus habituais êxitos.



Oui-Merci

CONTO DE JACQUELINE LERMONTEL

Tony sentou-se a um canto e tomou o menu que o garçon, obsequioso, lhe ofereceu: — Isto aqui — disse, em inglês, apontando para um nome.

Não tinha a menor noção do que o rapaz lhe traria e isso, de certo modo, lhe parecia divertido. Especialmente ao lembrar-se das recomendações do amigo:

— Procure um intérprete ou não conseguirá nada.

Por que não? Por que não haveria ele de se divertir em Paris, com o seu formidável estoque de palavras: oui, merci? Afinal de contas, **oui** significa assentimento e, com várias inflexões, ele conseguiria o que desejasse. Por exemplo, uma situação: uma moça linda que se aproximasse; ele se levantaria, gentilmente, e diria:

— Oui?

Tom interrogativo e implorante.

Se ela concordasse, com o que quer que pensasse que ele lhe sugeria, ele já tinha no seu vocabulário com que agradecer-lhe:

— Merci (obrigado).

Que mais pode desejar um rapaz solteiro, servindo no exército e gozando de curtas e merecidas férias?

O garçon voltou trazendo um sorvete que mais parecia a pirâmide de Queops, que Tony

vira no Egito. Sentiu ímpetos de escalá-lo, mas, apesar das gigantescas proporções, o sorvete não dava para tanto. Além disso aproximava-se um pedaço do céu flutuante pela terra. Um vestido azul que lhe chamou logo a atenção. E' verdade que não foi propriamente o vestido, mas seu conteúdo, aquele corpo que o fazia flutuar que o interessou, mas justamente a comparação de celeste foi inspirada pela cor. Tony sempre imaginara o céu assim: ouro sobre azul. Que cabeleira! Eis uma oportunidade para praticar o meu francês:

— Oui?

Ela voltou-se, encarou-o e disse qualquer coisa rapidamente. Ele, sem titubear, retrucou:

— Merci.

Diante disso ela não conteve uma risada. Achando-se muito perspicaz, ele fez a dedução lógica. Ela o insultara, pela sua audácia, e ele, agradecendo, fizera-a rir do cinismo.

A moça aproximou-se e disse outra coisa.

— Oui.

Ela pareceu, então, interessada, e sentou-se ao lado dele na mesa. Começou a contar uma longa história e Tony, fã ardoroso, pensou: "os efeitos sonoros não são maus, mas o elemento plástico é distintamente superior,

além do que isso para mim é cinema mudo com música de fundo. A voz dela, como a música de fundo, haveria de dar a entender, pelas inflexões, quando estivesse zangada, ou quando satisfeita: música suave, "background" para cenas românticas; música rápida e barulhenta, fundo para a cena de rompimento e precedendo matematicamente as lágrimas da heroína. Mas a história deveria ter um "happy-end". Nem que fosse à Clark Gable, quando a "mocinha", ao mostrar-se obstinada, é posta fora de combate com o clássico beijo".

Ela contava-lhe, sem dvida, uma história engraçada, pois esboçava um sorriso. Ele, reflexo dos estados d'alma dela, sorriu também, e ela pareceu satisfeita. Enquanto se preocupava em fingir que seguia o que ela lhe dizia, ele pensava: "como ela vai ficar desapontada! Com todo o francês que ele sabe, com certeza não arranjou uma "pequena" tão linda! E dizer que com duas palavras, duas simples palavrinhas, eu consegui o que muita gente passa anos para achar. Um pedaço dos céus ao meu lado. E que pedaço!"

Depois de uns quinze minutos de palestra animada, ele fez sinal para o garçon, deu-lhe uma nota cujo valor não conhecia muito bem e, sem esperar o trôco, ofereceu o braço a ela e saíram.

Foram descendo a rua, de braço dado, ela conversando animadamente, ele ouvindo... religiosamente. Passaram pela porta de um cinema. Ele parou, sugestivamente, olhando os cartazes. Ela, ao que parecia, sugeriu que entrassem. Pelo menos seus gestos eram eloquentes... Ele não hesitou. Aproximou-se da bilheteria, pigarreou na hora de dizer o número de entradas à bilheteira, fez o sinal dois com os dedos e de posse dos ingressos reuniu-se à moça. Dentro de alguns segundos estavam instalados, assistindo a um filme francês. Em outra ocasião ele deploraria a sua falta de sorte. Naquele instante, porém, bastava-lhe a deliciosa companhia. Assim como que por acaso, tomou a mão da moça; e ela, assim como que por acaso... retirou-a.

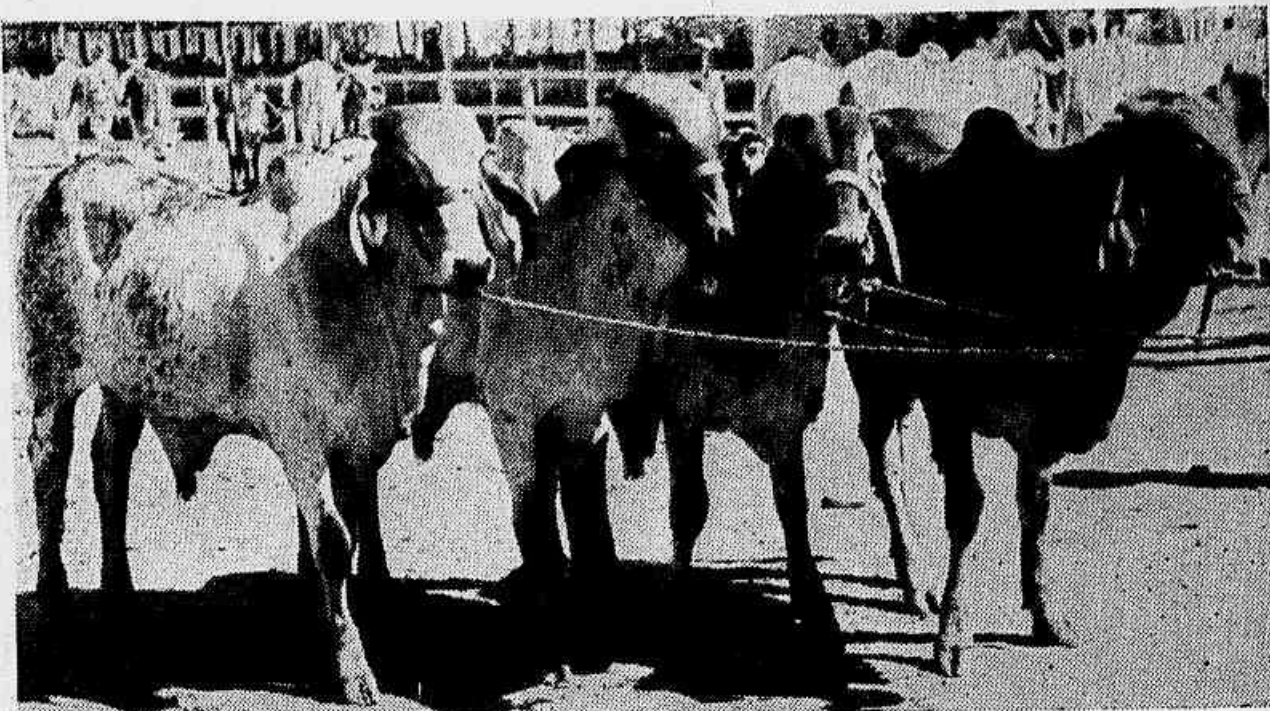
— Mais devagar, Tony, meu velho. Isso aqui, êsse terreno ainda não foi reconhecido. Pode haver alguma bomba oculta...

Apesar de tudo, somente a proximidade deliciosa daquela francesinha compensava... Quem será ela? imaginava ele. Que terá dito? Como terá justificado essa apresentação sumária, que, ao que parece, é uma moça direita? Dava cem francos para saber o que ela disse... Mas, afinal, ela não deve ter me achado tão desagradável assim. Não tinha obrigação nenhuma de vir sentar-se à minha mesa, de contar-me tantas histórias, muito interessantes, sem dúvida. Então, por que? Ora, meu amigo Tony, você está perdendo uma oportunidade preciosa. Se ela aceitou sua companhia aceitará seus galanteios. E seus galanteios terão que ser mimicos, meu velho, a serena linguagem internacional do coração atingido. Jôgo de mãos, suspiros, e todo arsenal um tanto envelhecidos que o papai e a mamãe utilizaram... O gesto dela, afastando a mão, à primeira tentativa, estava nas regras do jôgo. Afinal, já aceitara prontamente seu convite. Não poderia consentir, assim da primeira vez, não é? Senão o que é que ele iria pensar? De repente Tony verificou que, identificando-se com o raciocínio do "que é que ele iria pensar?", estava se prejudicando. Não há procedimento pouco discreto que um rapaz não julgue justificado, se o parceiro da indiscreção é ele mesmo. Sendo assim...

— Não, positivamente estou sem sorte, pensou. Passara a oportunidade. As luzes se tinham acendido e ela estava se preparando para sair.

— Nada feito.

(Continua na pág. 46)



Bezerros puro sangue da raça Gyr, produtos da Fazenda Experimental de Criação "Monte Líbano", de propriedade do Estado do Espírito Santo, que foram vendidos em leilão por ocasião da realização da 3.^a Exposição de Pecuária de Cachoeiro de Itapemirim, em 28 de maio último.

TERCEIRA EXPOSIÇÃO PECUÁRIA DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

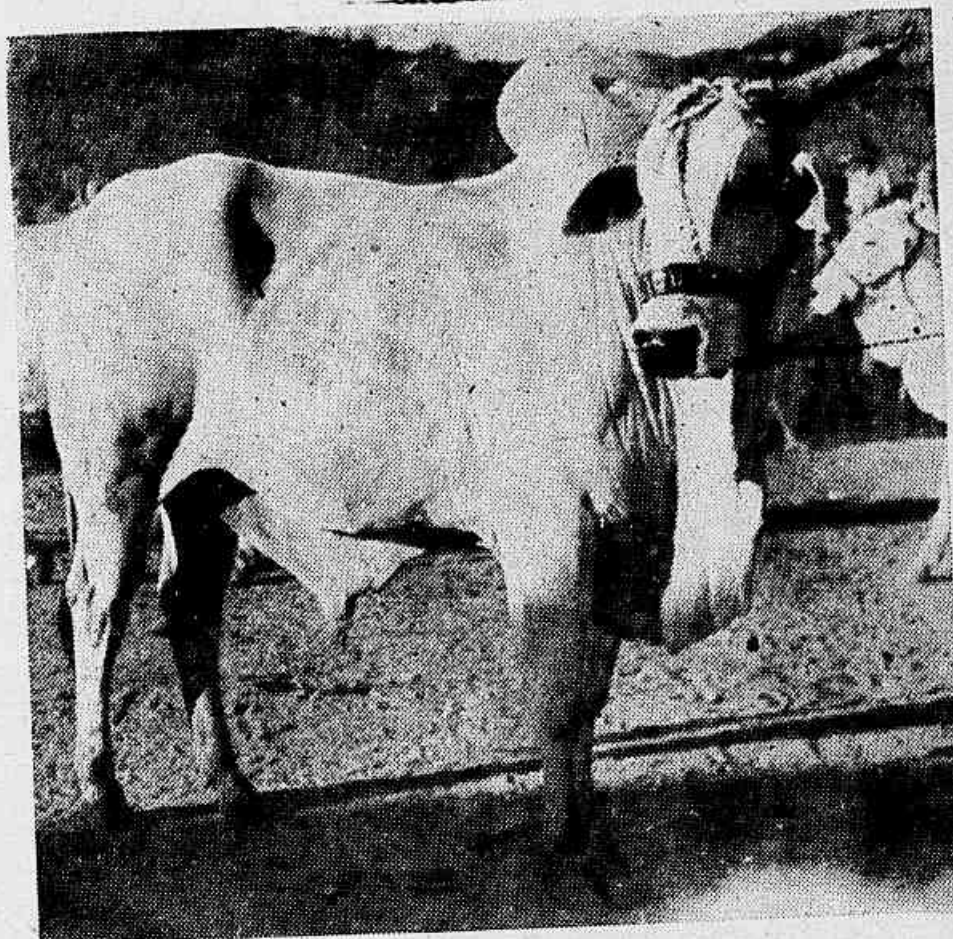


Tourinho "Espelho", da raça Gyr, do rebanho da Fazenda "Monte Líbano", do Governo do Estado.

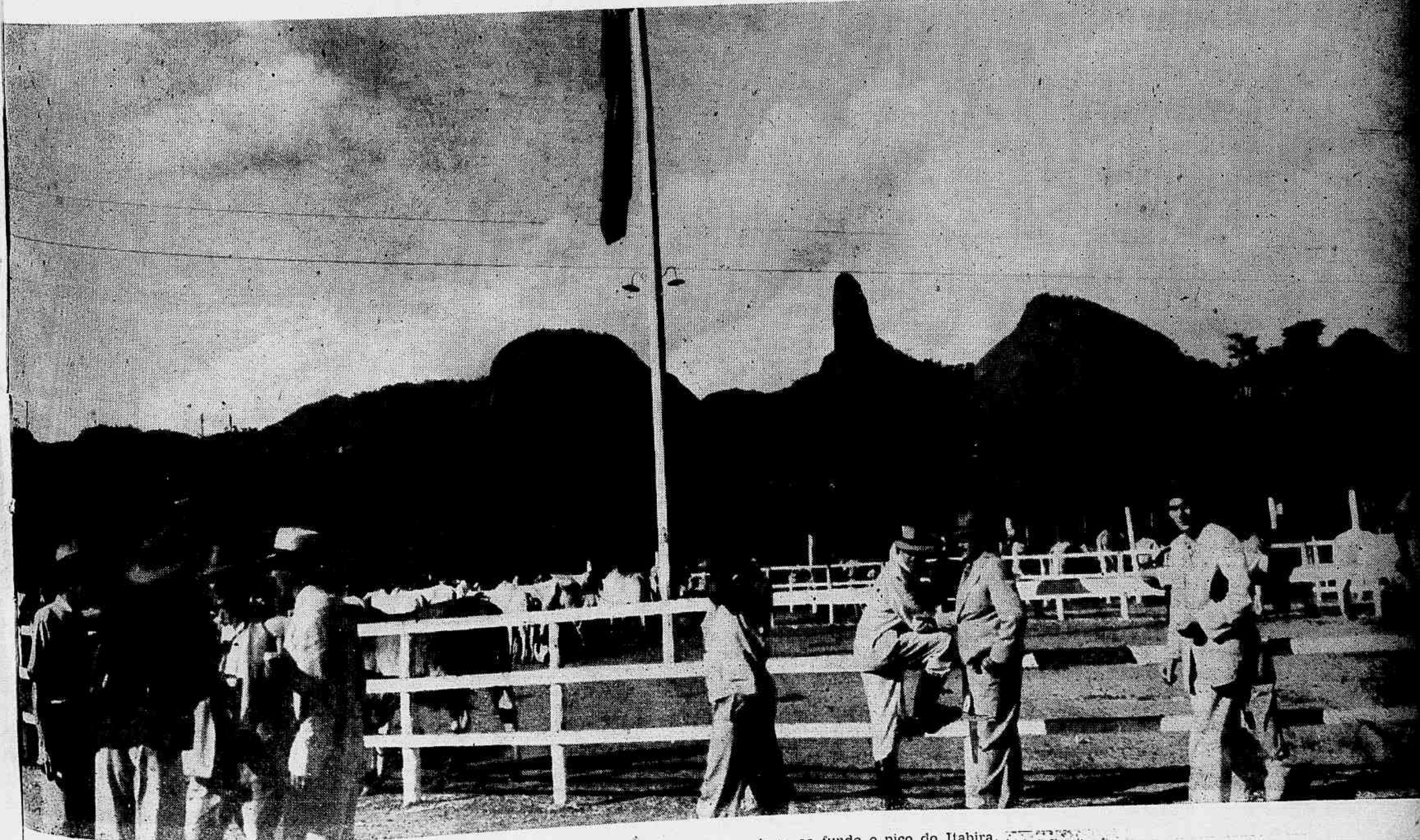
Organizada pela Divisão do Fomento Animal da Secretaria da Agricultura do Espírito Santo, acaba de realizar-se, em Cachoeiro de Itapemirim, a 3.^a Exposição de Animais dessa importante cidade capicaba, abrangendo toda a zona de criação do sul do Estado.

O referido certame constituiu mais um grande êxito do programa de incremento à produção animal, traçado pela Secretaria da Agricultura do Espírito Santo, a cuja frente se encontra o dr. Marcondes Alves de Souza Junior, programa esse que obedece à linha administrativa do interventor Jones dos Santos Neves.

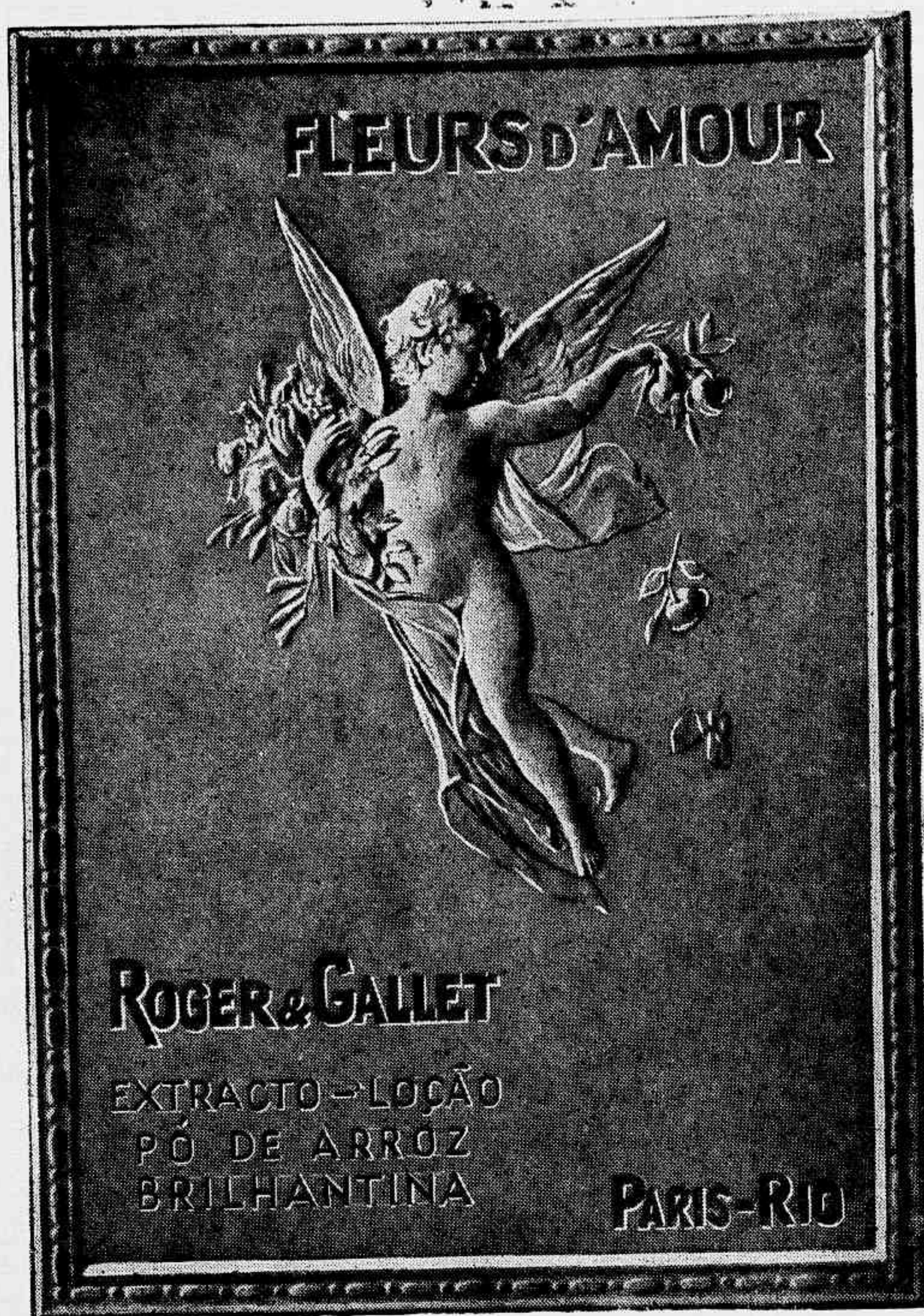
A exposição foi inaugurada pelo sr. Interventor Federal no dia 26 de maio último. Reuniu 415 expositores, sendo expostos numerosos exemplares entre bovinos e equinos, numa bela demonstração do desenvolvimento da indústria pastoril espírito-santense. Diversos prêmios foram conferidos aos animais classificados, tendo a exposição despertado grande interesse aos criadores, técnicos e autoridades federais e estaduais ali presentes.



Touro "Irapuá", da raça Nelore, 1.^o Prêmio na 3.^a Exposição de Pecuária de Cachoeiro de Itapemirim, de propriedade do sr. Ismael Vivacqua.



Vista parcial do recinto da Exposição, vendo-se ao fundo o pico do Itabira.



FLEURS D'AMOUR

ROGER & Gallet

EXTRACTO - LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
BRILHANTINA

PARIS-RIO



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

Livros

ELE TE DOMINARÁ, romance de Ondina Ferreira — Companhia Editora Nacional — e literatura — São Paulo, 1945.



A romancista de *Outros dias virão*, que, há um ano, acalhamos, com todas as possíveis honras desta secção, traz-nos a segunda das obras prometidas, garantidas por tão ditosa estréia. Quem a passos tão bem orientados e tão firmes entra na carreira, tem forçosamente que proseguir e ha de ir longe. E a obra presente dá bem ideia do caminho em tão pouco tempo percorrido.

A Sra. Ondina Ferreira desenvolveu as suas faculdades de observação como apurou a sua maneira de considerar a vida — a dos personagens que lhe interessam e a vida em geral. Alargou as suas vistas, apurou no sentido a complacência, da benignidade, o seu sentimento. Se as suas histórias foram — como das que estão nos livros a Sra. Luciano Dupré se tem dito — tiradas da pura realidade, isto é: escritas sobre coisas acontecidas, a emotividade da escritora lhes atenuou as asperezas e as mesquinhas, suavizando-lhes até as absolutas misérias, e tudo aquilo em que pudesse haver beleza ou virtude deu-lhe o realce preciso do seu enternecimento. Se o romancista pode ser olhado também como julgador dos indivíduos

de que se serviu para organizar o seu enteecho, a Sra. Ondina Ferreira, cu os premeia além de magnánimamente, ou os absolve, como aquele protagonista de Capus diz fazer, "por unanimidade". As suas criaturas, se alguma perversidade manifestam, ao mesmo tempo nos mostram, certa ingenuidade, uma sorte de candura que nos desconcertaria se pretendêsemos condená-las.

De tal modo a sua conduta diverge, às vezes, dos seus temperamentos ou instintos declarados, que não sabemos como relacionar logicamente tais causas e tais consequências. Assim por exemplo, uma senhora da sociedade, que casou sem amor, por mero interesse, frequenta vaidosamente recepções e festas de luxo, não desdenha o *flirt* e chegou à idade balzaquiana — aceita o convite que lhe faz um crítico de arte, conquistador notório, para vir a sua casa admirar um nú de Paul Chabas. Tendo, no dia, hesitado um pouco, mas sem chegar a enganar-se a si própria — nem a nós tampouco — lá vai ela, a hora marcada, em todo o aparato de aventura. A tela adorna uma parede do quarto de dormir do esteta profissional — o que indica não ter ele tão bom gosto assim. A dama entra resolutamente no reduto do Casanova. Quando, porém, este vai proceder como as circunstâncias indicam, e, a bem dizer, exigem, eis que a leviana o repele o invectiva, como quem acaba de passar pela surpresa mais revoltante. Depois, diante da estranheza do Lovelace: — Para que veio ela, então! Só para olhar o quadro? — com 1.e a dama.

— Foi um mal entendido. Ninguém é culpado.

Equívocos mais ou menos como esse se verificam em outras passagens, outros desencontros. Dir-se-ia então que, obrigada pela força da verdade a deixar que o personagem caminhe até à beira da definitiva perdição ou ignomínia, a romancista, à última hora, teve pena dele e resolveu, com um golpe de caneta, salvá-lo, ou reservá-lo para outra vez, se de todo o não puder reabilitar. A Sra. Ondina Ferreira alia à inteligência de narradora uma larga parcela de bondade. Perdoa aos culpados ou faz que as vítimas lhes perdoem. Assim um marido, que é um algoz e um infame, não chega a incorrer na total aversão da esposa. Esta é uma heroína e uma santa. E da maneira como e tá apresentada e a gente a acompanha pelos capítulos fora, resulta a figura de mais destaque e a que deixa de si mais firme e intensa recordação.

A Sra. Ondina Ferreira não aderiu à orientação dos autores cujo estilo próprio imita o falar dos personagens — sobretudo dos que falam mal. A romancista de *Ele te dominará* escreve em geral tão correcta quanto desenvoltamente. E, quando se nos depare uma ou outra vulgaridade: "Quanto á Carlos Angelo" ou "Ao chegar em casa", devemos tomar esses casos como excepções e até admitir que não passem de erros de tipografia.

REGRA DE TRÊS, compêndio do capitão Waldemar Kitzinger — Editora "A Noite" — Rio de Janeiro, 1945.



Toda a gente imagina saber o que seja uma regra de três. Efectivamente, tal como julgamos conhecê-la, nada mais simples. *A* está para *B* assim como *C* está para *X*. Para se encontrar o valor de *X* e, portanto, se resolver o caso facilímo, basta multiplicar os meios e dividir o produto pelo outro extremo. Uma criança faz isso sem que depois se sinta orgulhosa, com direito à admiração universal. Como, pois, se escreve um livro, um volume de amplo formato e com cem páginas bem contadas bem contadas, sobre um problema que, a não ser pela quantidade de algarismos, se liquida em dois tempos, sobre o joelho? O nosso velho Dr. Fr. Domingos Vieira, a quem, por mera curiosidade, interrogamos, responde-nos singelamente: "Regra de três: aquela que tem por objecto a resolução dependente de uma ou mais proporções. Divide-se em *simples* e *composta*: simples, quando depende de uma só proporção; composta, quando depende de mais." Mas esta condição de composta nenhuma transcendência acarreta consigo, pois o processo, apenas um tanto ou quanto mais demorado continua o mesmo, isto é: fácil de manejar como o próprio lápis com que se faz a operação.

Assim nós pensamos sempre e sem que admitíssemos a possibilidade de, um dia, mudar de ideia. Dessa ilusão ignara nos vem tirar a obra presente. A regra de três, a que o capitão Waldemar Kitzinger aplica três adjetivos, qual delas mais estimável: útil, prática, atraente — vai assumindo por estas páginas além a feição mais temerosa. Bifurca-se em diviões e subdiviões como a árvore mais caprichosa; faz-se indicar por flechas que ora sobem ora descem e acabam positivamente cabriolando aos nossos olhos; acastela-se em números e iniciais que temam conta de páginas inteiras; e vai dar a embroglios deste jaez:

"Para abrir uma vala de 32 metros de comprimento, 1,2 de largura e 1,5 de profundidade, foram precisos 27 operários, trabalhando 9 horas por dia durante 24 dias; quantas horas por dia trabalharão 30 operários, durante 35 dias para abrir uma vala de 25 metros de comprimento, 1,4 de largura e 1,6 de profundidade, sabendo-se que as atividades dos operários são inversamente proporcionais aos números 3 e 4 e as dificuldades dos trabalhos estão entre si como 6 está para 5?"

Felizmente o autor do livro previu o estado lamentável em que ficaria a nossa mió-leira e deu logo a solução: *Trabalharão 6 horas por dia.*

Felizes os estudantes que, graças a professores da sapiência do capitão Kitzinger e sem, como os doutros tempo, queimarem as pestanas à luz do candeiro, chegam a conhecer exata e completamente a regra de três!

Novos

MAUÁ, organização, prefácio e anotações por Lídia Besouchet — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1945.

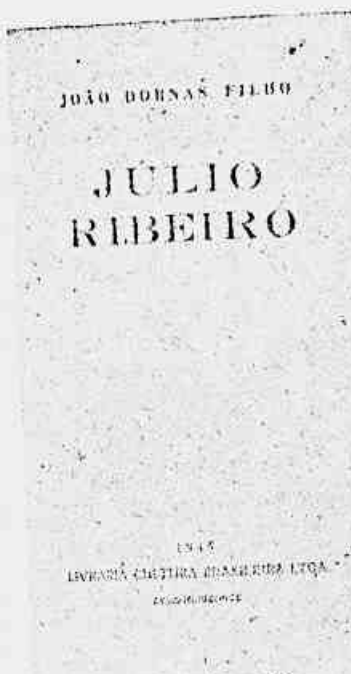


Mais uma pedra para o monumento literário à memória de Mauá. Não se assemelha absolutamente à que o Sr. Drumond de Andrade encontrou no caminho. É uma boa pedra de real significação e valor positivo. Entra para o pedestal da estátua do Visconde como novo elemento que a há de alçar e robustecer. É o próprio Irineu Evangelista de Sousa, que o traz, com o seu "pensamento vivo" reflexivo nas duascentas páginas do presente volume.

Depois de tantas panegíricas, entre os quais o Sr. Cláudio Gans, com o vasto volume *Visconde de Mauá*, para o qual escreveu um prefácio de cem páginas, não deixa a Sra. Lídia Besouchet de nos oferecer obra proveitosa e por vários títulos louvável. Aqui se encontram trechos altamente significativos da autobiografia e da correspondência do empreendedor que por tantas atividades dividiu a sua grande inteligência como a sua excepcional energia laboriosa. E a inclusão desta individualidade na "Biblioteca do Pensamento Vivo", da empresa editora paulista — série em que figuram filósofos, cientistas, críticos, políticos, historiadores — a Sra. Besouchet a justifica no prefácio do volume, dizendo, entre outras coisas ditadas pela admiração o seguinte:

"Mauá pode, dentro do quadro americano, ser considerado uma figura extraordinária, muito acima dos valores literários e artísticos do seu tempo. Pode ombrear com os homens mais significativos da sua época, embora não seja escritor, nem pensador, nem filósofo, nem político. Na realidade, em que foi inferior Mauá a Gonçalves Dias? Em que foi menos importante para o Brasil que Paranhos? Em que foi menos significativo, em sua época, que Pedro II? Julgo, ao contrário, que a singularidade da sua figura no ambiente fartamente estudado do romântico Segundo Reinado, o coloca em situação privilegiada para resumir, expressar e esclarecer as falhas de nosso ambiente econômico e social. E principalmente pela força pessoal, inconfundível, singularíssima que aportou (sic) à civilização brasileira, merece a fusão o seu "pensamento vivo", todo ele ação e ação útil ao país".

JULIO RIBEIRO, estudo biográfico e crítico por João Dornas Filho — Livraria Cultural Brasileira Ltda., editora — Belo Horizonte, 1945.



O centenário de Júlio Ribeiro fez, naturalmente, resurgir a figura e a obra do insigne filólogo e gramático que foi também romancista de valor. Depois do Sr. Origines Lessa, que lhe consagrou um trabalho, a bem dizer, completo; do Sr. Manuel Bandeira, que, em sessão pública da Academia Brasileira de Letras, o celebrou numa conferência altamente pensada, caprichosamente organizada; outros panegiristas e cronistas de nomeada, vem o Sr. João Dornas Filho prestar ao autor do *Pedre Belchior de Pontes* a sua homenagem convicta. Não pretendeu apresentar uma produção rigorosamente original. Não entrou nos seus cuidados criar um ponto de vista perfeitamente novo nem chegar a uma conclusão que outros não houvessem já alcançado. A sua tarefa consistiu sobretudo em coordenar os dados capazes de melhor documentar aquela existência quase sempre atribulada ou agitada e estabelecer entre as opiniões dos antecessores a maneira mais nítida de considerar aquela obra que suscitou admirações extremas, mas também os ataques mais violentos. Constituiria, na verdade, missão grandemente louvável a de quem, reunindo e combinando, para os examinar, um por um e em confronto, tão diversos juízos, pudesse obter um critério, se não impecavelmente exato, que de modo mais ou menos satisfatório se aproximasse da boa justiça. Assim, não apenas se renderia um preito de real valia ao homem de letras — porque o resultado honroso o saldo a seu favor forçosamente havia de ser grande — mas também se prestaria um serviço aos estudiosos não letrados no sentido superior do termo e que, por isso mesmo, lucraram em receber, para certas leituras, a orientação dos mais sabedores ou mais esclarecidos.

NOVOS POEMAS, de Camillo de Jesus Lima — Editora Combate — Bahia, 1945.

Já nestas colunas nos referimos, com a maior simpatia, aos *Poemas* do Sr. Camillo de Jesus Lima. Oferece-nos ele agora os *Novos poemas*. Novos, por virem depois dos outros. E dois livros, que, pela mesma regra, poderíamos qualificar de novíssimos, o poeta nos promete para muito breve: *Cantigas da tarde nevoenta* e *Cancioneiro de Viramundo*.

Louvamos da outra vez o poeta e o artista, pela pureza da inspiração, pelo amor à boa linguagem e aos esmeros da forma. Esse apuro parnasiano continua no presente volume; e oxalá que, nos anunciados, se mantenha, livre das vaidades e das aberrações da chamada poesia modernista.

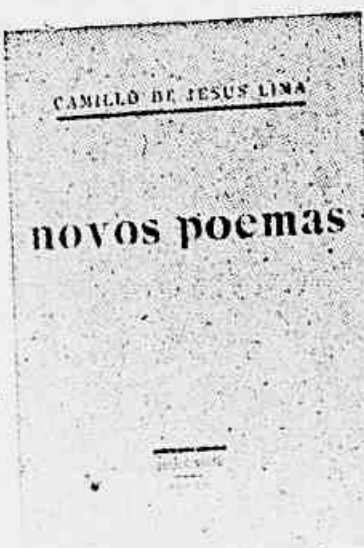
Dos sonetos reunidos nos *Novos poemas*, tomamos o de título *Alquimista*, que se inspira na prática dos sonhadores medievais da "pedra filosofal", servindo sangue humano nas suas retortas e esperando vê-lo converter-se em ouro:

Rasga as veias. O sangue a retorta redonda
Enche. Tinge de rubro a face do cristal.
Mais sangue! E sobe mais, e espuma, e ferve a onda,
Em coloris sensuais, nervosos, de coral.

Nada de ouro! O alquimista os olhos baços ronda
Em torno. O sangue escava-se em rútila caudal.
— "Ouro maldito!" exclama. Elomba. Emorre. E avonda
O sangue na retorta, em lígubre espiral.

Bebe mais, sonho meu, todo o meu sangue. Corta.
Para a gula da tua insaciável retorta.
Essas veias. E eu morrerei sem ver brilhar.

Nos espasmos da dor, — trágico alquimista —
O ouro desse ideal infindável de artista,
Grande demais para viver sem me matar! J. L.



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCEPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratia.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sob. Mo.

Nome

Rua

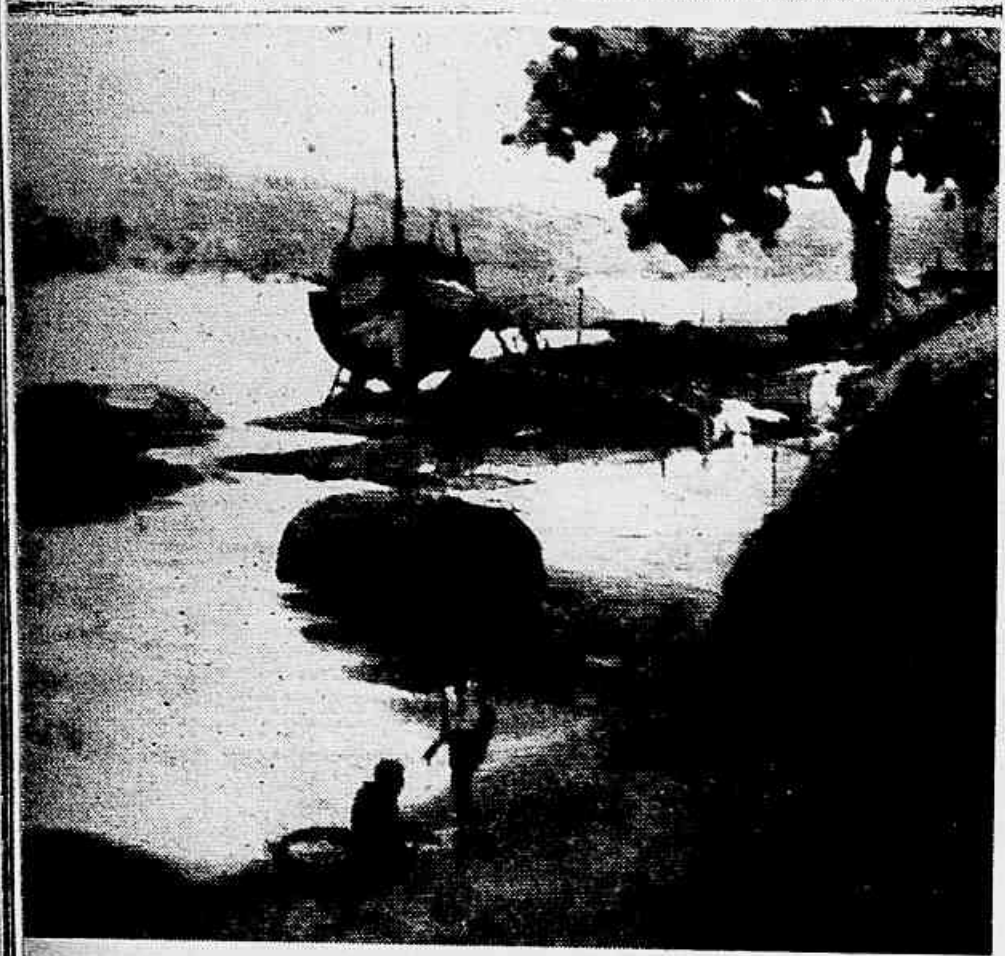
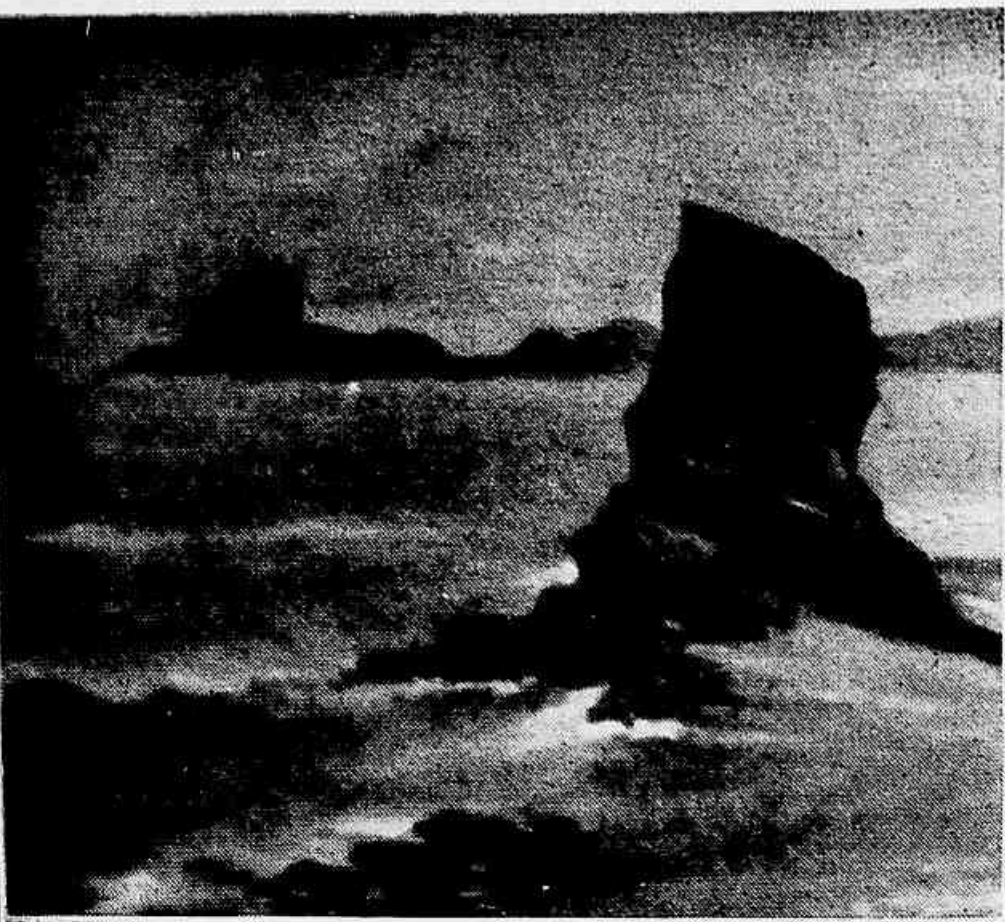
Cidade

Faça seu nome ressaltar com Brasso!



Brasso
— DÁ BRILHO AOS METAIS!

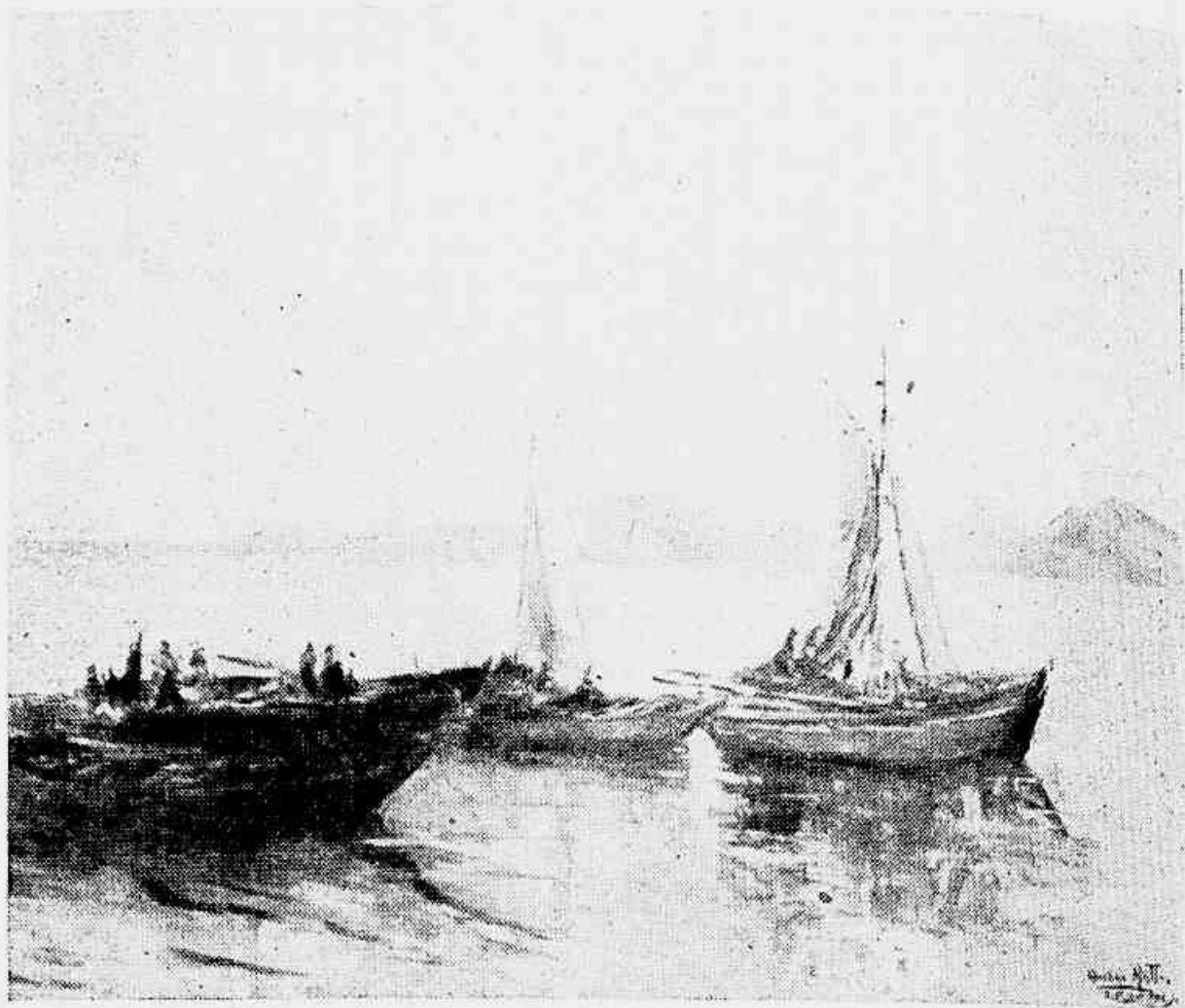




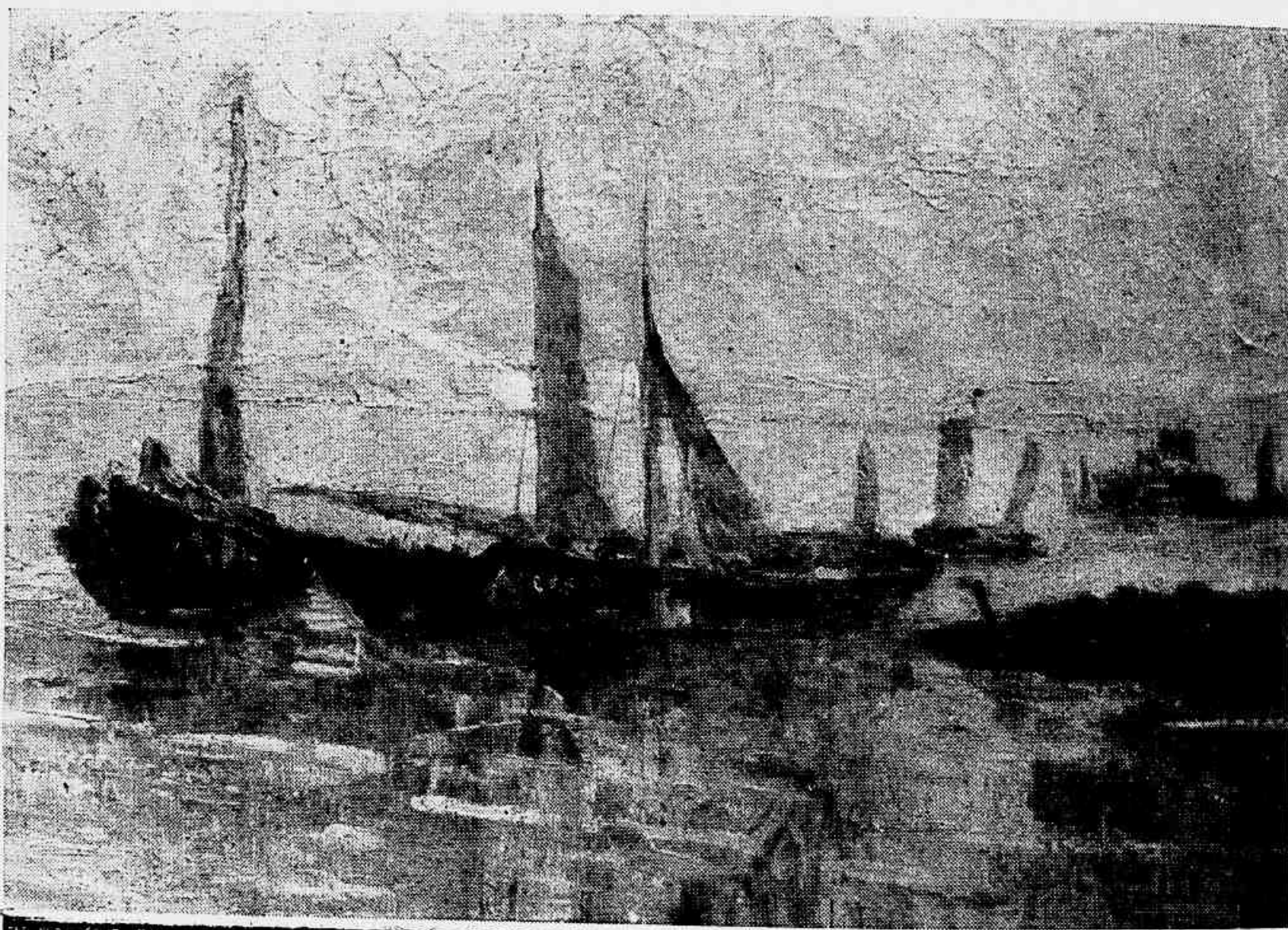
Continua registrando um legítimo acontecimento de arte plástica a exposição de pintura do laureado artista Angelo Bigi, cujas telas mereceram um registro especial no último Salão. Das cinquenta obras expostas no Liceu de Artes e Ofícios reproduzimos, neste lado da página, ao alto, "Pedra de Itapuca", "Barco em conserto" e "Capela de São Conrado". E ainda, em baixo, "Dois Irmãos". Na visita que a REVISTA teve ocasião de fazer à mostra de Angelo Bigi, apreciámos outros excelentes trabalhos, podendo mencionar-se, ao acaso, "Tacho e peixe", "Tempestade", "Cair da tarde" e "Praia das Flechas".



O professor Anibal Matos inaugura hoje sua exposição de pintura, no salão nobre do Palace Hotel. O laureado artista da Sociedade Brasileira de Belas Artes expõe uma série de seus mais interessantes trabalhos, dos quais reproduzimos ao lado e em baixo três quadros: "Barcos", "Marinha" e "Paisagem Mineira". Mas são em muito maior número as telas de Anibal Matos, que é também presidente da Academia de Ciências de Minas Gerais e membro da Sociedade Brasileira de Estudos Panamericanos, nome conceituado da pintura nacional e um veterano paladino dentro do seu setor artístico.



ARTES PLASTICAS



ESCRAGNOLLE DORIA

EMENDAS E VARIANTES

Motiva prazer a estudiosos e dá pasto a críticos o exame dos manuscritos originais de obras célebres ou de superior qualidade. Os aplicados ao estudo ou à crítica têm meio de surpreender na fonte a elaboração de obras famosas ou recomendáveis, através de retoques, das variantes de autores empenhados em polir e repolir a frase, no apuro da forma, respeitando a força, a graça ou a profundidade do pensamento.

A poder de emendar, certos autores tornam quase ilegíveis seus manuscritos, originais ou provas de imprensa. Assim Balzac, o antigo impressor, obrigando a decifrações os tipógrafos, mártires dos caixotins.

Nas letras francesas primam as reproduções, até fotográficas, dos manuscritos originais de autores notáveis, as de um Flaubert, o emendador-mor de escritos, um Stendhal de uma, duas, três e mais variantes até fixação de idéias.

Emile Henriot mostrou disto exemplo quanto a Stendhal. Este, referindo-se a Pádua, num trecho de "La Chartreuse de Parme", só acabou por deixar em texto impresso a seguinte frase: Em Pádua, encantadora cidade italiana.

Primeira variante: — Em Pádua, cidade onde a gente se diverte. Segunda variante: — Em Pádua, cidade feliz, cujos habitantes sonham com o prazer e não odeiam. Terceira variante: — Em Pádua, cidade feliz, amável, na qual só o prazer vale e onde a gente se esquece de odiar.

Não foi fácil, pois, a Stendhal o qualificar a cidade parmesa lembrada em perfumaria por suas violetas.

Acompanha Stendhal outro grande emendador de manuscritos, Pierre Loti. Prova-o o original de um de seus mais belos livros — "Le Mariage de Loti", a princípio apenas "Rarahu", nome de heroína do lidíssimo romance exoticamente polinésico.

O original do aludido livro, dado de presente pelo autor a Barthelemy, o ministro literato, contém emendas, variantes, raspagem de palavras substituídas ou como notas a lapis lançadas por Plum Kett, amigo de Loti, no verso das folhas, notas algumas meio apagadas ou ilegíveis.

Não poucas vezes aceitava Loti as correções de Plum Kett. À vista do original de "Le Mariage de Loti", Raymonde Lefèvre trouxe a público aquelas correções.

Loti ora concordava, ora não com as indicações de Plum Kett. Dois exemplos sejam tomados entre os muitos citados pela sra. Lefèvre, meticulosa examinadora do manuscrito original de "Le Mariage de Loti" de tanta contribuição para a fama literária do autor, de entrada na Academia Francesa.

Referindo-se a Pomaré, rainha de Tahiti, o romancista escreveu:

"La Reine qui était me personne profondément intelligente"

Observação de Plum Kett:

"Profondément intelligente me paraît douteux; je dirai très".

Loti riscou "profondément", escreveu "très".

Em carta a Voltaire, d'Alembert declarava puerilidade e dano à simpleza e à ingenuidade do estilo a caça aos hiatos.

Plum Kett não lhe adotava o parecer, assinalando a Loti os hiatos decorrentes do correr de pena de sua prosa.

Enaltecendo a natureza tahitiana disse primeiro o prosista:

"Ecoutez le grand calme de cette, le bruissement monotone et éternel des brisants de corail".

A Plum Kett desagradava o "Et éternel, sugere "le bruissement monotone". Loti conserva a frase primitiva, mas a euforia aplaude Plum Kett.

Quando fica dito em relação a emendas, a variantes, a manuscritos originais se não pode ainda aplicar ao Brasil. Nele não se tem querido guardar passado ou se o tem guardado mal, com desprezo.

Os nossos melhores autores não legaram os manuscritos de suas melhores obras cujo estudo seria hoje de interesse e valia.

De interesse e valia, por exemplo, os originais completos de "Primeiros Contos" de Gonçalves Dias, da "Lira dos Vinte Anos" de Alvares de Azevedo, das "Espumas Flutuantes" de Taunay, ou de "Inocência", pelo poliglottismo, romance difundido mundo afora.

De bom aviso a quem não possui muito é contentar-se com pouco. Contentemo-nos aqui com um pouco de Alvares de Azevedo.

A luz de inéditos, devidos à generosa cessão de duas senhoras dignas do mais alto respeito, D. Branca Tosta da Silva Nunes e D. Maria Dulce Monteiro de Oliveira, esta desaparecida, acaba de estudar de novo Alvares de Azevedo quem tanto já o tem estudado.

grande amigo Luiz Antonio da Silva Nunes, acaba de dar ensejo a Luiz Felipe Vieira Um soneto inédito do poeta, composto aos quinze anos de idade e oferecido a seu Souto para considerar mais uma vez quem morrendo aos vinte anos tanta vida deixou a sua obra em verso e prosa.

O soneto inédito, dádiva da filha de Silva Nunes, data de 1847, a morte de Alvares de Azevedo de 1852.

Mostra a primeira data o desabrochar de um talento poético, a segunda apresenta-lhe a florescência, mas... a juncar um túmulo. E' do tempo da florescência a poesia humorística "Vagabundo". Alguns versos da mesma constava de autógrafa e permitem o conhecimento de variantes.

Na edição princeps da "Lira dos Vinte Anos", edição tristemente póstuma em 1853, encontram-se assim impressas a 4.ª, a 5.ª e a 6.ª quadras de "Vagabundo".

"Namoro e sou feliz nos meus amores;
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrassada de amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada.

Oito dias lá vão que ando cismando
Na donzela que ali defronte mora.
Ela ao ver-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora.

Tenho por meu palácio as longas ruas;
Passo a gosto e durmo sem temores;
Quando bebo sou rei como um poeta
E o vinho fez sonhar com os amores

O degrau das igrejas é o meu trono,
Minha pátria é o...

No autógrafa a poesia não continua.
Resta cotejar o texto da edição de 1855 e a congerie dos versos do autógrafa, em quadra única, a seguinte:

"Namoro e sou feliz nos meus amores
Passo a gosto e durmo sem temores
Quando bebo, sou rei como um poeta
E o vinho faz sonhar com os amores."

A História encarrega-se bastante de esfriar calor de Poesia ao exaltarem poetas homens e fatos sem exame histórico e consulta de documentos. Tal o caso da poesia "Pedro Ivo" inserida no fim das "Obras em Prosa" de Alvares de Azevedo, poesia na qual ele exalta o participante da briga partidária de 1848 em Pernambuco, o participante oficial do exército.

Condenado à morte por superior tribunal militar, a pena comutada em prisão por dez anos, Pedro Ivo, com outros sentenciados, evadiu-se da fortaleza da Lage, embarcando para a Europa, outros disseram para os Estados Unidos, morrendo em viagem, ao que também se disse.

Sem dúvida, ao saber de possível aplicação de pena capital, Alvares de Azevedo dirigiu apêlo de clemência a D. Pedro II, a "Praia" pernambucana beneficiada pela última anistia do Segundo Reinado.

O poeta datou "Pedro Ivo", do Rio de Janeiro, Novembro de 1850, época de férias do 3.º ano no Curso Jurídico de S. Paulo.

Antes de consignar quatro variantes da poesia de tom heróico, para imediato compreender de alusão, seja dito quem foi o Rateliff pluralizado pelo poeta, embora o singularizar do nome não prejudicasse métrica decassilábica.

João Guilherme Rateliff, nascido no Pôrto e de família ponolesa, homem de certa categoria, instruído, por motivos políticos, emigrou para o Brasil em 1823. Mal chegado ao Recife envolveu-se no movimento separatista da Confederação do Equador, pagando com a vida intromissão em luta partidária de terra alheia.

Referindo-se a "Pedro Ivo", a 3.ª estrofe da poesia de Alvares de Azevedo diz:

"Era filho do povo — o sangue ardente
As faces lhe assomava incandescente."

Variante:

"Era filho do povo — o sangue em lava
Pelas faces crestadas lhe assomava."

No final da estrofe são lembrados reis sanguinários:

"Para êsses — maldição! que o leito cavam
Em lodaçal corrupto."

Variante: "Em tremedal corrupto".

Nos dois primeiros versos da 8.ª estrofe lê-se:

"Nem sangue de Rateliffs o fogo apaga
Que as frentes populares embriaga."

Variante:

"Nem sangue de Rateliffs apaga a chama
Que os anhelos políticos inflama."

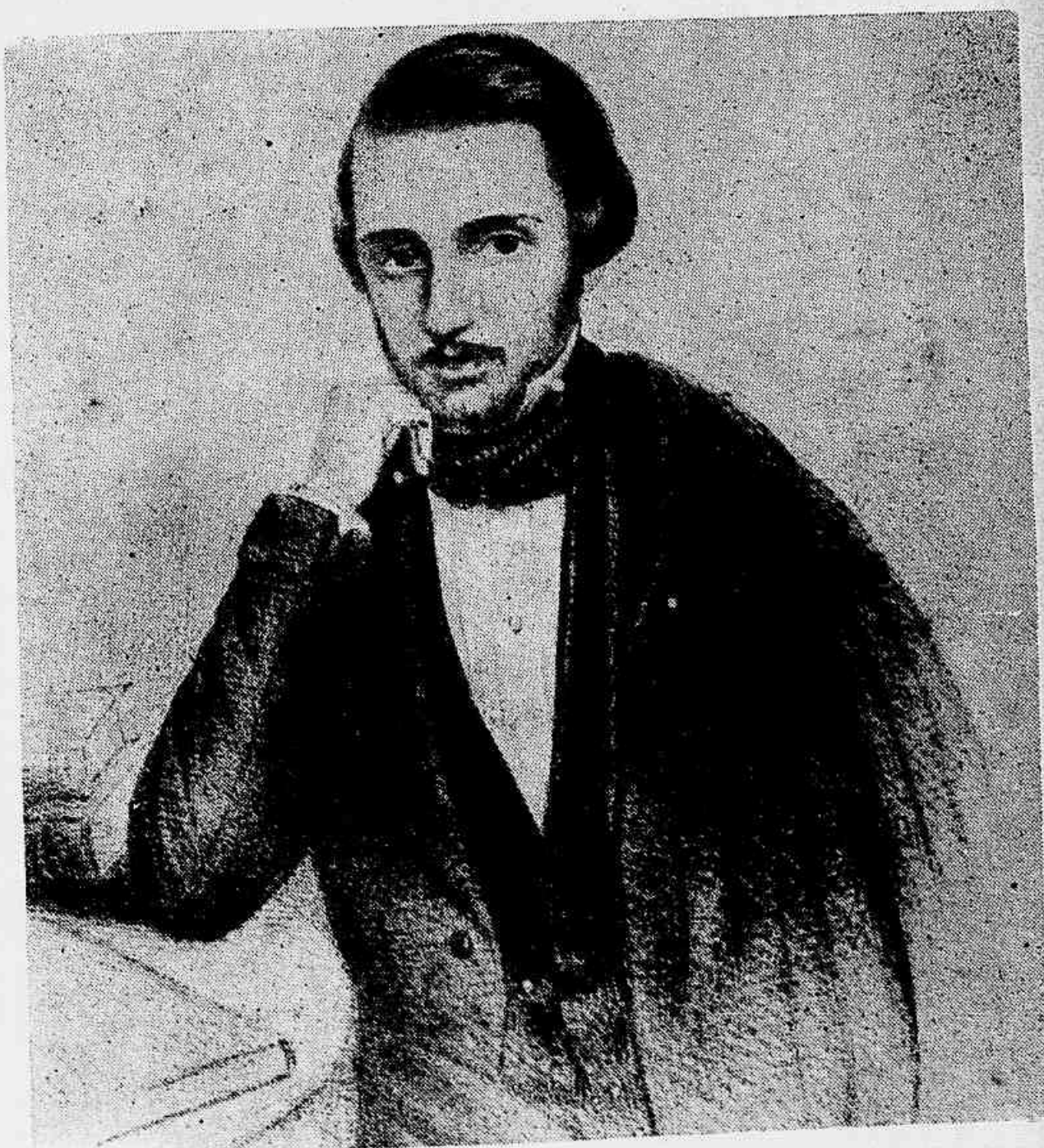
A 9.ª estrofe alude a fuzilamento de culpado cujo cadáver e cuja fronte:

"Ao sono imperial c'os lábios frios
Podem passar no escárneo desbotado
Ensanguentando a seda ao cortinado
E rir-te aos calafrios."

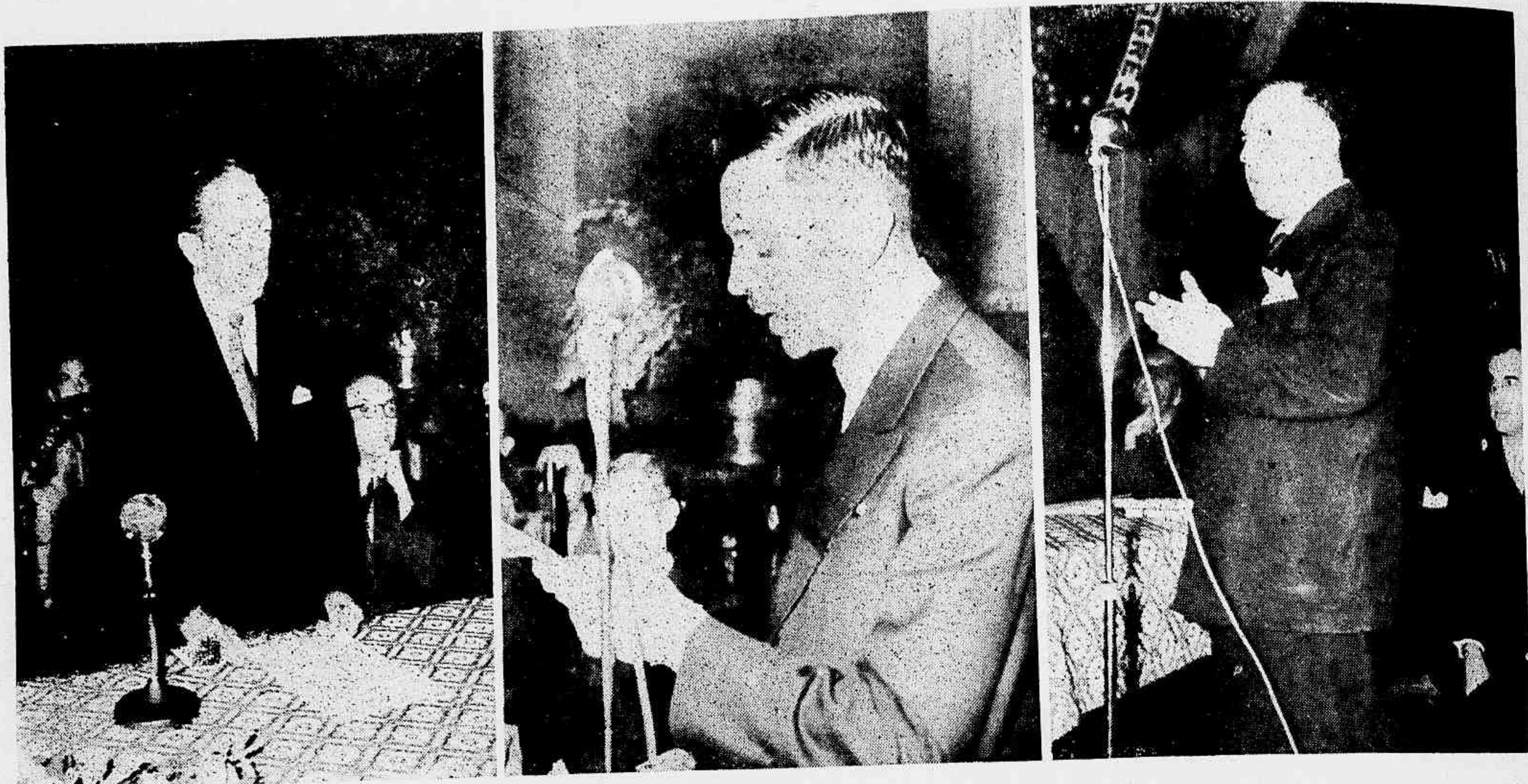
Variante:

"Ao sono imperial c'os lábios frios
Podem passar no riso desbotado
Ensanguentando-lhe a seda ao cortinado
E rir-lhe aos calafrios."

D. Pedro II lia incessante, o que lhe agradava, dever de espírito culto, o que lhe desagradava, dever de chefe de Estado. Teria lido o monarca os versos do simples estudante, por Byron tão inclinado a letras inglesas? **Perhaps.** E' procurar êste **Talvez** em Shakespeare, para companhia do **Remember** de Carlos I no cadafalso.



ALVARES DE AZEVEDO
Num desenho de Boulanger litografado por Martinet



A esquerda — O sr. Israel Pinheiro, representante do governador Benedito Valadares, saudando as forças políticas espírito-santenses. Ao centro — O sr. Asdrubal Soares proferindo o seu discurso sobre o atual momento político brasileiro e os problemas do Espírito Santo. A direita — O jornalista Abner Mourão, representando o general Eurico Dutra, faz uso da palavra em nome do candidato à Presidência.

Confraternização política no Espírito Santo

A FUNDAÇÃO DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO — HOMOLOGADA A CANDIDATURA DO GENERAL EURICO DUTRA
A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA — ECOS DA CONVENÇÃO PARTIDÁRIA DE 23 DE MAIO EM VITÓRIA

No dia 23 de maio último realizou-se em Vitória, a pitoresca capital do Espírito Santo, a solene instalação do Partido Social Democrático, entidade que congrega todas as forças políticas de real expressão na terra capichaba. Conseguiu o interventor Jones dos Santos Neves reunir em torno de seu nome os elementos mais representativos da

opinião espírito-santense, há muitos anos dividida em facções divergentes, que agitaram memoráveis lutas partidárias na terra de Domingos Martins, em campanhas ainda hoje lembradas com emoção pelos que delas participaram e que tantos e tão salubres ensinamentos cívicos trouxeram ao povo capichaba. Hoje ali estão essas forças

em apoio unânime ao atual governante do Espírito Santo, o que manda a verdade seja reconhecido e proclamado. A reunião do dia 23 de maio foi, por conseguinte, uma festa de conagração da família espírito-santense, e como tal marcou um acontecimento de rara significação na vida política dessa unidade da Federação.

Aspecto parcial da grande assistência que lotava o Teatro Carlos Gomes. No primeiro plano as representações municipais.





A mesa que presidiu à reunião, fotografada parcialmente no momento em que falava o interventor Jones dos Santos Neves.

A grande convenção política homologou a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra à Presidência da República. O titular da Guerra foi representado no ato pelo jornalista Abner Mourão, que falou em nome do candidato à curul presidencial.

Os srs. Israel Pinheiro e Silvio Tavares representaram, respectivamente, o governador Benedito Valadares e o interventor Amaral Peixoto, tendo ambos discursado em saudação ao Espírito Santo. Além do interventor Jones dos Santos Neves, que proferiu importante oração, falaram numerosos

oradores, abordando os mais variados problemas da atualidade brasileira e espírito-santense, bem como pondo em destaque a união dos diversos setores da opinião capitalista, agora sob a mesma bandeira e orientados pelo mesmo programa de ação.

A. M.



A esquerda — O sr. Carlos Fernando Monteiro Lindenberg pronuncia o discurso de lançamento da candidatura do general Eurico Gaspar Dutra. Ao centro — O sr. Ubaldo Ramalhete fala sobre o conagraçamento da família espírito-santense, presente à memorável assembléia política. A esquerda — O sr. Silvio Tavares, representando o interventor Amaral Peixoto, saúda os convencionais presentes ao importante conclave.

TUDO É BRASIL!

nesta magnífica produção REPUBLIC

BRASIL

Música de Ari Barroso

Um terno romance, todo passado em
nosso país! Cenas de irresistível comici-
dade. Números de canto e dança.

★
VIRGINIA BRUCE
TITO GUIZAR

EDWARD EVERETT HORTON
FORTUNIO BONANOVA
AURORA MIRANDA

com

ROY ROGERS

(O Rei dos Cowboys)

vale a pena
ver e rever
"Brasil!"



PEGGY RYAN (Universal)

A beleza dos olhos deve ser motivo de cuidado e atenção em toda a mulher que se trate com o apuro necessário para ser sempre formosa e atraente. Os olhos devem também tomar o seu banho diário. Devemos banhá-los com água borçada ou um bom colírio. É necessário também usar, de quando em vez, compressas de algodão embebidas em água de sal ou em água de rosas, sobre as pálpebras. Essa aplicação, que é esplêndida para o repouso dos olhos ou para as pálpebras inchadas, deve durar uma meia hora pelo menos. Pela manhã, ainda no leito, podemos fazer a ginástica dos olhos, ótima para fortalecer. Lentamente, devemos fazê-los girar para cima o mais possível, o mais possível para baixo e para os lados. Esse exercício, executado umas dez ou doze vezes, concorre bastante para a mocidade dos olhos. Cuidado porém para não enrugar a testa durante essa ginástica que, de preferência, não deve ser assistida por ninguém. Há um pó prateado -- negro prateado -- que as turcas usam para a pintura dos olhos que é a pintura ideal para os mesmos. Aliás vocês sabem como são lindos os olhos das turcas! Pois bem. Esse posinho é até benéfico para a vista. Embeleza e faz bem. Os soldados turcos, ao atravessarem o deserto, usam-no como preservativo contra os malefícios do vento e da areia. Outra coisa importante para a beleza dos olhos é o traço das sobrancelhas, que deve sempre harmonizar com o feitiço dos olhos que sublinham. Há um rítilo, por demais conhecido, que diz serem os olhos o espelho d'alma.

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigor. PANSEXOL existe numa fórmula para cada sexo: Masculino e Feminino.

Encontra-se à venda em todas as Dro-
garias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGESILIO

Remeteremos pelo reembolso postal — Cr\$ 20,00 o vidro
Produtos PANVITAL — Rua da Estrela n.º 6 — RIO DE JANEIRO



RITA HAYWORTH (Columbia)

As tranças românticas de Julieta, aquelas tranças louras que serviram de escada a Romeu, aqui estão, como um diadema, aureolando a belíssima cabeça de Rita Hayworth. As tranças, com a sua tradição lendária; as tranças, que sempre estiveram presentes no lirismo dos nossos poetas antigos, ainda são um adorno esplêndido e marcam, até hoje, a personalidade das mulheres que as ostentam, poetizando e emoldurando com uma graça tôda especial a cabeça feminina dos nossos tempos.

Cuidemos pois do seu reflexo. Uma alma serena, cheia de amor e de ternura; pensamentos delicados, sentimentos puros, afetos duradouros, conforto moral, uma alegria sã, um espírito são poderão consistir o remate necessário ao encanto do olhar, uma vez que os olhos são o espelho da alma...



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA

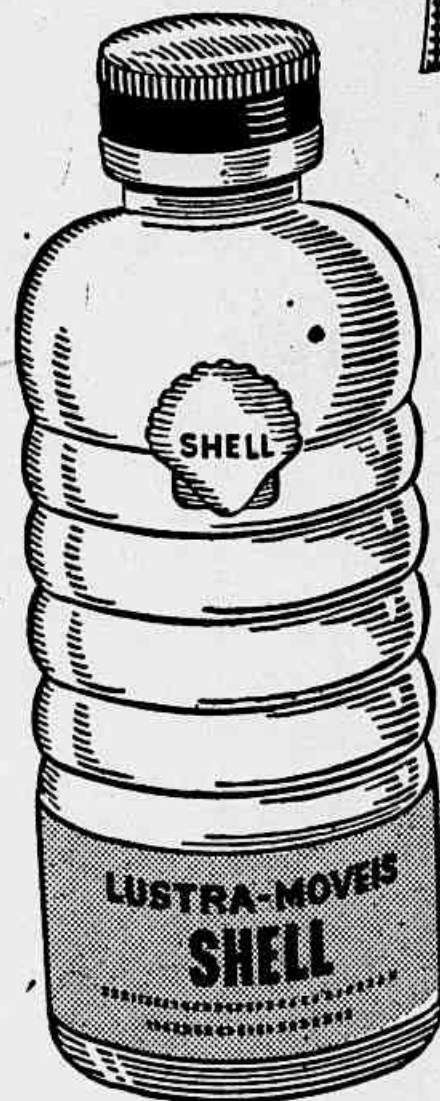


INFALIVEL NA CÁPRA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

CONSERVE SEUS MOVEIS
Sempre Novos

COM

LUSTRA-MOVEIS
SHELL



LIMPA - LUSTRA - PROTEGE

ANGLO-MEXICAN PETRÓLEUM COMPANY LTD
PRODUTOS DE PETRÓLEO



ANEL "ZODIAICO"
A Oitava Maravilha
Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECÍVEL, feito de prata fina com OURO 18K., e também todo de OURO 18K. com os signos de platina. Mande dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio, pelo sistema de Reembolso Postal. Peça catálogos grátis desta joia maravilhosa. Fáb. de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.

STANDARD
CRB 100

FEDERAL
CRB 160

INCA
CRB 260

AMERICA
CRB 135

CAPITAL
CRB 260

BRASIL
CRB 280

NOIVAS

Apresentamos abaixo três belíssimas sugestões de Paris para vocês. Ligeiramente semelhantes entre si, estes vaporosos modelos se diferenciam entretanto pelos magníficos detalhes das grinaldas e dos véus. Escolha o que melhor se adapte à sua beleza.

fixbril
ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO!



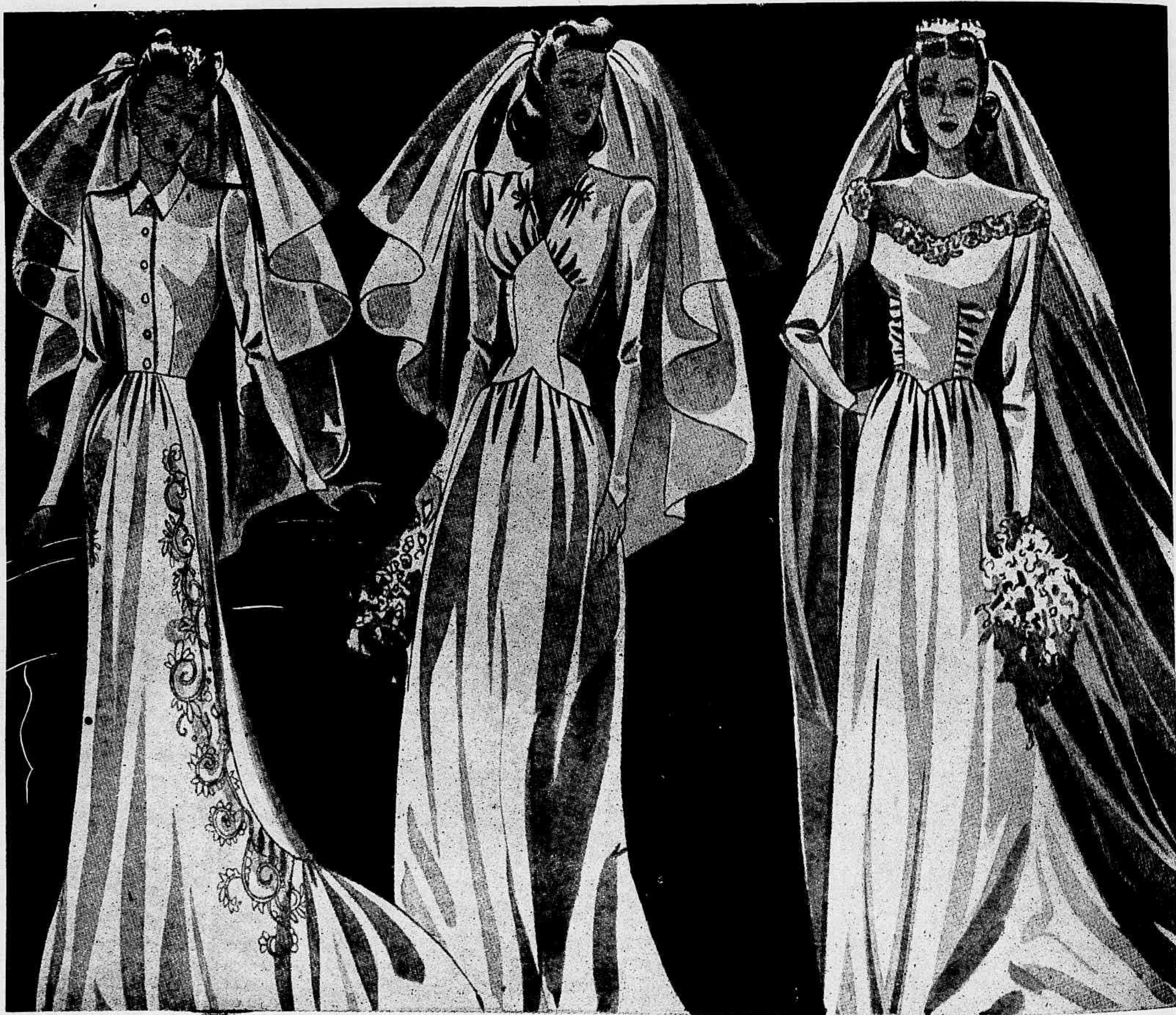
MÁ DIGESTÃO, DISPEPSIA, DORES NO ESTÔMAGO

BIOGASTRINA

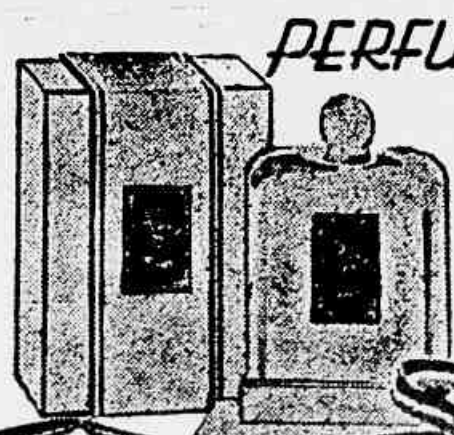
O DIGESTIVO IDEAL QUE GARANTE UMA DIGESTÃO NORMAL

RUGÔL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

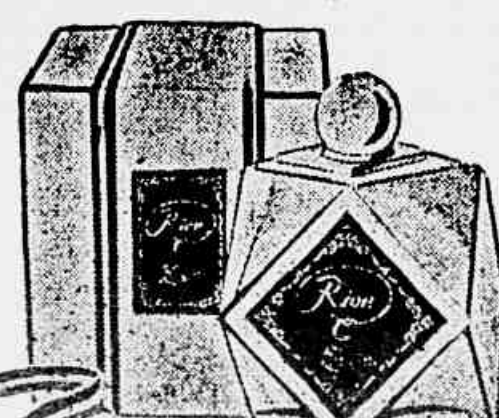
LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINÉ
05

DE HOMEM PARA HOMEM!**DEIXE DE PESSIMISMO
RAPAZ, FAÇA COMO EU.**

Tenho mais de 60 anos e desde que comecei a usar as Pilulas Maratú, sinto-me cada vez mais jovem. Este poderoso tônico nervino é composto de duas plantas brasileiras: a Catuaba e a Marapuama (Acanthos virilis). Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos indígenas que usavam-nas como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Elas lhe restituirão o entusiasmo perdido, proporcionando-lhe uma sensação de bem estar e alegria de viver. Experimente-as e verá. As Pilulas Maratú são licenciadas pela Saúde Pública como tônico nervino, no tratamento da asténia neuro-muscular e suas manifestações.

**PILULAS
MARATÚ**
O SEGREDO DA MOCIDADE

WARMAN

NÉVOA

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 25)

devagar como se fugisse de um inimigo.

— Onde está o retrato? — perguntou dias depois, ao ver que sobre a cômoda, rodeado do seu caixilho de arame, já não estava o morto.

— Não sei.

Olhou fixamente a filha.

— Então se tu não sabes, quem é que sabe?

A rapariga, sem pestanejar, enfrentou-a.

— Já lhe disse que não sei.

Voluntariosa, Celestina sempre lhe metera medo. Mas agora o pavor era doutra natureza. Depois da última conversa que tinham tido, havia entre elas, clara, uma força a separá-las,

fôrça que a pobre velha sabia que não estava do seu lado.

— Guardaste-o, é o que foi — rematou, a querer sanar a nova ferida. — Mas podias ter dito...

Cheia de vida, cada vez mais loira e mais formosa, a rapariga parecia um sol imerecido a iluminar a terra.

— E' sua filha? — perguntava na feira quem vinha de longe, ao passar à porta.

— É.

— Abençoado pai que a fez!

Os olhos de Celestina fulguravam de alegria; os de Joana nublavam-se de parda tristeza.

— Pois olhe que a boniteza dêle... — disse uma vez, quase sem querer.

— É você mais engraçada! — saltou de lá a rapariga, como se lhe tivessem mordido.

— Amiga dêle é ela — comentou o de fora.

— E nem o conheceu...

Era à tardinha, no setembro, e passavam ranchos de vindimadores para a ribeira. No som dos instrumentos tóscos que tocavam, morria uma tristeza velha, poeirenta e sem préstimo. A filha tinha-se recolhido já, e a desgraçada Joana, sentada na soleira da porta, acompanhava com quanta fôrça tinha aquêlê fim de tarde e desalento.

Como as uvas maduras que iam ser cortadas, assim ela sentia terminada a duração da sua vida. Nada a segurava mais no mundo senão a débil lembrança de um caminho brumoso, triste, com muita chuva, muito frio, e algum sol que, em vez de aquecer, queimava. O homem fôra

no seu amor uma angústia constante; a filha trouxera-lhe um desespero mais profundo ainda. Que bruxedo as afastara tanto, e matava na rapariga a mocidade, e a ela lhe roía a velhice?

Sem resposta à sua dôr, erigueu-se, foi à cozinha, pegou na faca e na cêsta, e correu pelo atalho dos Barrocos ao encontro do último rancho.

— Vocemecê quer mais uma mulher na sua roga? — perguntou, desesperada, ao feitor.

— Então não quero! Mas o que é preciso é que ela ainda distinga os bagos das pedras...

A velha Joana sorriu com brandura. Depois, humildemente, disse:

— Distingo. Mas se me enganar, dê-me um empurrão e atire-me aos boleirões ao Doiro.

Seu Dentista lhe dirá:

De cada
5 cáries
4 começam
aqui...



J.W.T. - 14.253

...Gessy protege no Ponto Vital!

PARA PROTEGER seus dentes no Ponto Vital — nas faces ocultas onde a escôva não atinge — use Gessy. Sua espuma, de ação ultra-

penetrante, limpa onde a escôva não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Proteja seus dentes no Ponto Vital: use Gessy três vezes ao dia. Gessy higieniza, dá brilho aos dentes e combate o mau hálito.

GESSY CUSTA MENOS
que os demais dentífricos de alta qualidade. Use Gessy e economize até 20% em cada tubo de creme dental.

A busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. Benal encontra-se em todas Drograrias e farmácias.

50 ANOS

A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA

OS CHAPÉUS

cabelos e um sem número de outros detalhes. Os dois chapéus apresentados nesta página pela referida artista, à esquerda e à direita ao alto, começam por combinar de maneira notável com o rosto e a expressão característica de Andréa King. Já o modelo "bolero" exibido por Eleanor Parker, em baixo, à esquerda, é de estilo diferente e associa-se ao rosto comprido, de olhos amendoados e de lábios mais rasgados, da intérprete de "Ol Human Bondage". Finalmente, o tipo de chapéu com véu e "aigrette", que Martha Vickers apresenta à direita, em baixo, é realmente um complemento ao vestido de cetim preto, fechado e simples, sem en-



Parodiando o adágio, também os cronistas mundanos podem dizer: Mostra-me os chapéus que usas e dir-te-ei quem és. E na realidade, pelo chapéu que uma mulher usar, podemos, senão dizer com exatidão quem seja, quais seus sentimentos, suas predileções e seus defeitos, pelo menos até onde vai o seu grau de elegância e de bom gosto na requintada arte de bem vestir. Nesse particular as artistas de Hollywood, tangidas por profissão a agradar às multidões, não apenas a um homem que lhes pertença, apuram-se ao máximo, tendo ao seu serviço pelotões de técnicos, de chapeleiros e desenhistas, de costureiros e retocadores de "maquillage". Mas a associação desse esforço dá, quase sempre, um resultado afirmativo, coroado do maior êxito. Andréa King, "estrela" da Warner e protagonista do filme "Hotel de Berlim", afirma, por experiência própria, que "não é bastante escolher um modelo e colocá-lo na cabeça". Antes de mais nada, será mister observar se um determinado modelo de chapéu vai combinar com o conjunto do vestido e, particularmente, com a altura de quem o veste, a conformação do rosto, a cor dos



DAS ESTRELAS

feitos, que a "estrela" de "Hollywood Canteen" oferece às nossas leitoras. Todavia, o aproveitamento de qualquer desses modelos deve ser feito após um estudo de sua assimilação ao tipo feminino de cada interessada. Os chapéus mais em moda, para a estação invernal em que nos encontramos, tem de ser discretos por natureza e, tanto quanto possível, racionalizados no material com que os confeccionaram. Se a leitora é "habitué" de cinema e não quer perturbar a visão daqueles que ocupam as filas de trás, nada mais aconselhável que um dos tipos reunidos nesta página, onde prevalece esse espírito inicial. Os artistas de cinema po-



oem despender vultosas somas na constante renovação de seus guarda-roupas, e, como todos sabemos, em certos casos têm o auxílio financeiro dos estúdios para a exibição constante e infinita de tudo que vestem e calçam. A artista de cinema que se mostrasse em dois filmes com o mesmo chapéu, estaria desde logo relegada para um irremediável ostracismo, a menos que seu tipo obedecesse a um propósito meramente cômico.

Há, todavia, mulheres que não conseguem realçar seus encantos mesmo a poder dos mais exaustivos esforços. Nem sempre isso acontece porque sejam feias, senão porque não estudam o próprio tipo nem cuidam de assimilar as modas. O que acerta e combina com uma jovem pode não realçar de modo algum os predicados físicos de outra, embora ambas tenham seus encantos. Eis por que é de todo conveniente estudar-se a si mesma, antes de copiar um modelo, por mais lindo que ele pareça. Em última instância, um conselho: consulte a sua melhor amiga...

Será este um conselho de amigo... da onça?

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CRIATILHAS
ESPEC. GUILHERME ELOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brás, Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Pelo conforto e segurança!

CARELOS BRANCOS ?
LOCÃO
Brilhante

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

PARA OS DIAS FRIOS



Os ditadores da moda nos oferecem, ainda uma vez, uma variedade infinita de gêneros para a escolha dos trajes de inverno. Nos cinco modelos aqui estampados destaca-se, de maneira frizante, a diversidade encantadora com que a moda nos apresenta, deixando-nos uma ampla liberdade na preferência do talho e do feitio que se nos apresentam. Como se vê, está em voga o adorno de peles, o que é realmente encantador.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

A COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO INAUGURA SUA AGÊNCIA SUBURBANA NO DISTRITO FEDERAL NA ESTAÇÃO DO ENGENHO DE DENTRO

A Companhia Internacional de Capitalização, um dos baluartes da economia sistematizada em nosso País, prosseguindo na sua vitoriosa campanha de ampliação no Distrito Federal, inaugurou dia quatro do corrente sua novel Agência Suburbana, com escritório na Av. Amaro Cavallanti n.º 1871 sob., no próspero e movimentado subúrbio de Engenho de Dentro.

Estiveram presentes à cerimônia inaugural personalidades de real destaque em nossos meios sociais, financeiros e comerciais. As quinze horas, dando início à solenidade de inauguração, usou da palavra o sr. M. Dias Martins, superintendente da Companhia, exaltando os méritos do dirigente na Agência Suburbana, o inspetor geral sr. Sylvio Passos da Costa, profissional dinâmico, entusiasta e com longos anos de prática no ramo de capitalização. Terminando seu breve discurso sob calorosos aplausos, solicitou ao dr. Bilac Pinto, diretor da Companhia, inaugurasse oficialmente a Agência Suburbana. O ilustre diretor, após manifestar o contentamento da Diretoria pela criação de mais aquele departamento de produção, e ressaltar mais uma vez as qualidades do seu inspetor geral, deu por



inaugurada a Agência Suburbana, formulando os mais ardorosos votos pelas continuas e retumbantes vitórias que certamente alcançará. Suas últimas palavras foram demoradamente aplaudidas. Profundamente emocionado, o sr. Sylvio Passos da Costa agradeceu às elogiosas referências feitas à sua pessoa e os votos que foram formulados pela prosperidade da Agência Suburbana, prometendo tudo fazer pelo engrandecimento da Companhia na qual, desde o início, encontrou um ambiente sempre amigo e sincero. Estrepitosas palmas traduziram no final o alto grau de simpatia com que era visto por todos os convidados a figura simples e inconfundível do incansável batalhador, o inspetor geral sr. Sylvio Passos da Costa!

A seguir foi oferecido aos presentes uma finíssima mesa de doces, usando ainda da palavra diversos oradores.

Augurando à nova Agência constante prosperidade, felicitamos a Diretoria da Companhia Internacional de Capitalização e os moradores dos subúrbios da Capital Federal, pela fundação de mais uma Agência de Capitalização, o que, certamente, em muito virá contribuir pelo desenvolvimento sempre maior do espírito de economia entre seus habitantes, trazendo-lhes seus magníficos resultados.

O clichê que reproduzimos acima é alusivo às festividades inaugurais, no momento em que usava da palavra o sr. Sylvio Passos da Costa.

O ANIVERSARIO DE SUA MAJESTADE O REI JORGE VI

(Do B. N. S., especial para a REVISTA DA SEMANA)

O dia 14 de junho assinala o aniversário de Sua Majestade o Rei Jorge VI. Esta data pode ser agora celebrada pelo Reino Unido, seus Domínios e Colônias com a mais ampla e justificada alegria. O atual aniversário do rei encontra a Inglaterra e toda a Europa já libertadas do terrível pesadelo da guerra, e à frente do seu heróico povo o rei Jorge VI constitui um dos mais brilhantes símbolos da vitória.

Há um ano ainda, a celebração dessa data nacional coincidia com um dos momentos culminantes da história da humanidade — o início da libertação do Continente europeu das garras do domínio nazista. Sabemos que este foi o início do triunfo, mas foi também a hora dos maiores sacrifícios e dos maiores sofrimentos. O sangue generoso de britânicos e aliados que ensopava o solo da Normandia fez calar o ruído das manifestações públicas e oficiais que marcam todos os anos o aniversário do rei. Este foi, no entanto, celebrado no fundo de todos os corações britânicos — da Metrópole e do Império — e estamos certos de que também nos corações de todos os homens livres que viam na Inglaterra e na figura do seu soberano um sinal de fé e confiança na vitória final dos ideais democráticos sobre as forças da opressão e da violência.

Em si mesmo o vulto do rei sempre constituiu motivo de veneração para o povo da sua pátria. Ele representa precisamente aquilo que de mais sólido e estável existe como alicerce espiritual não só do Reino Unido como desse admirável edifício que é a Comunidade das Nações Britânicas. O soberano inglês personifica, mais do que qualquer outro, no mundo moderno, a velha tradição monárquica européia que remonta à Idade Média: o princípio de que o monarca não é simplesmente um chefe coroado mas um "servidor" do seu povo, preso e limitado por esse solene compromisso de honra.

No caso individual do rei Jorge VI, todas essas qualidades e valores encontraram uma plena realização por força mesmo das circunstâncias dramáticas que caracterizaram um período do seu reinado e da própria vida nacional britânica. Ele foi o guia e a bandeira do seu povo na maior crise histórica de todos os tempos. Em torno de sua augusta figura agruparam-se todos os elementos vitais da Nação inspirados pelo seu exemplo de patriotismo e determinação na luta de vida e morte em que se jogava o destino da Inglaterra e do Império. E o rei nunca deixou de estar ao lado do seu povo e dos ideais por que ele combatia heroicamente. As fotografias que ilustram estas rápidas notas mostram-nos o soberano inglês junto aos operários que levaram a cabo o esforço de guerra, junto aos altos chefes militares e navais aliados, junto aos seus soldados, marinheiros e aviadores. Vemo-lo entre as ruínas gloriosas de Malta e cumprimentando pessoalmente os bravos combatentes indianos de fuzileiros Gurkhas. São etapas da vida de um monarca que o destino escolheu para conduzir o seu povo à vitória e cujo aniversário pode ser agora novamente celebrado entre o júbilo de todos os seus súditos.

Perfume
Orbleu
de BAZIN

Ouro sobre azul dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL

- Água de Colônia
- Brilhintina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

OUI-MERCI

(Continuação da pág. 30)

Como prosseguir, com as duas armas, que já lhe pareciam frágeis: oui, merci.

Repetir o "oui"?

Não. Ela poderia desconfiar e seria pior a emenda que o soneto.

Caminharam. Ora, graças! Ela parecia ter decidido guiá-lo. Desceram uma rua, subiriam outra. Muito bem. Ei-la que pára à porta de uma casa. Evidentemente despede-se. Muito pouco satisfatório. Em todo caso restava a possibilidade de novo encontro. Mas como solicitá-lo. Ei-la, porém, que diz:

— "Demain? Deux heures? Ici?"

Bendito seja o professor de francês que, no colégio, o fizera copiar duzentas vezes as frases simples que ele não conseguia traduzir: "Mon père arrivera demain à deux heures". "Il fait froid ici".

— Amanhã? Às duas horas? Aqui?

Ele pôs na voz toda a sua profunda convicção:

— Oui.

De repente ela perguntou em inglês:

— Escute, Mr. Leary, o senhor tem a certeza de que entendeu bem o encontro que marcamos? Seu amigo me disse que o senhor não falava uma palavra de francês e, no entanto, o senhor parece compreender tudo. Apesar disso não disse uma palavra durante o passeio. Se o senhor não ficar satisfeito com meu trabalho a agência de turismo é capaz de me despedir e...

— Tolice. (Ah! o bandido do Ted. Arranjara um intérprete. Mandara ao seu encontro. ...Estava tudo explicado...) Nada disso. Divertir-me imensamente.

Depois, com convicção, acrescentou:

— Oui! Ah, oui!

Já ia-se afastar, quando se lembrou que deveria ser cortês: não podia despedir-se assim, sem agradecer.

— Merci — disse.

E afastou-se.

Ela ficou de pé na porta de casa, esperando que ele se afastasse. Sorria.

— Não é nada mau — murmurou, de si para si.

Seus pensamentos, entretanto, eram muito, mas muito, mais eloquentes.



*Apresentar-se... deslumbrar...
e triunfar!*

*Ventura só reservada
à mulher que sabe usar...*

Uma requintada gama de tonalidades da última moda, realçadas por uma base exclusiva de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

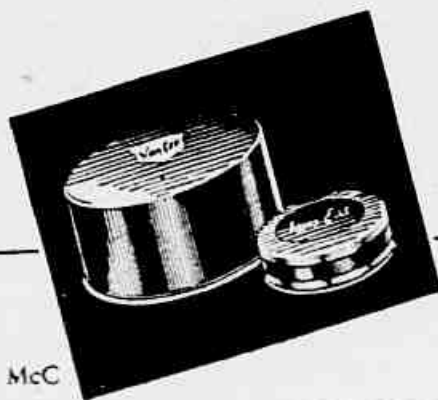
Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.



McC

COTTO BLANC

BRANCO para SAPATOS

UMA FORMULA INGLEZA
FABRICADA NO BRASIL

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

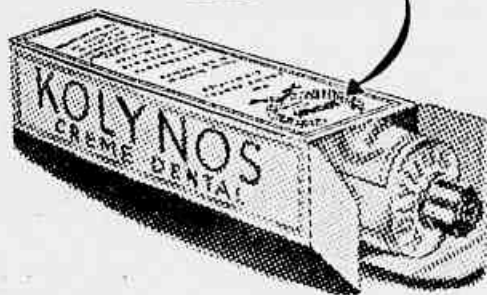
BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

KOLYNOS ACERTA
NO ALVO...



PORQUE
TORNA OS DENTES
ALVOS



ACERTE NO ALVO
usando sempre
O CREME DENTAL
QUE ALVEJA OS DENTES!

Limpa mais... agrada mais... rende mais...

Quem confessou?

(Cont'nução da pag'na 19)

está tudo descoberto. Perdeu a graça a brincadeira.

— Frank, tenha piedade!

— Margaret, francamente, eu pensei que essa exclamação tivesse sido enterada com os respeitabilíssimos restos mortais do melodrama de capa e espada. E não finja que você está triste com a morte de Mario. Aliás isso ninguém acreditaria. Você sempre foi a mais fraca de todos nós. Mas nunca a menos ávida. A mais covarde, simplesmente. Quando nós decidimos que os quatro irmãos Leigh haveriam de formar um quarteto que nada, nada poderia dominar, você aceitou. Mas todas as vezes que tivemos que agir perigosamente, você foi a única que se amedrontou...

— Dispense as suas cortezias, Frank. Mas peço a você que se lembre de que quem casou com Mario fui eu e não outra das corajosas irmãs... E' natural que me alete mais de perto esse crime...

— Não sei por que. Você foi quem teve que suportar as carícias mal vindas do estrangelho...

— Chega!

— Margaret, você, positivamente, está ficando histérica.

Bateram à porta.

— O café ou os detectives? — disse Frank com ar irônico. Lembrem-se do que têm a fazer e não vão estragar nosso plano... Vou mandar entrar quem for.

Levantando-se, foi abrir a porta. Era o café e o detective.

— Não! Não! Pelo amor de Deus, não me torture mais!

— Confesse então que matou seu marido.

— Não.

— Foi a senhora que descobriu o corpo, não é verdade?

— Sim...

— Foi a senhora quem escreveu essa confissão, não é verdade?

— Sim, mas já lhe expliquei...

— Repita a explicação. Quero ver se confere.

Margaret passou a mão pelo rosto, esgotada, e, à luz ofuscante dos refletores dirigidos ao seu rosto, recomeçou, em voz baixa:

— Mario inventou uma brincadeira. Estávamos brincando de criminosos...

— Uma brincadeira interessante...

— Mas era uma brincadeira. Só uma brincadeira, juro!

A voz indiferente do detective retrucou:

— Continue.

— Tratava-se do seguinte. Era imagi-

namos um crime e cometê-lo. Depois de fazer uma confissão sem ser assinada. E, pelo tom da confissão, descobrir quem era o criminoso...

— E como jogavam esse jogo?

— Ele era sempre o detective...

— E seus irmãos e a senhora eram os criminosos?

— Sim.

— Um jogo muito significativo...

— Tenente, por favor, eu juro que esta é a verdade. A idéia foi de Mario. Todos sabem disso. Ele inventou-a numa festa. Havia testemunhas; pode interrogá-las. Mario gostava de fazer isso: descobrir as coisas, investigar os caracteres... Descobrir aquilo que a gente estava pensando.

— Parece que desta vez ele descobriu de mais...

— Como?

— Descobriu, por exemplo, que a senhora saía frequentemente de casa para visitar um jovem chamado Charles Bright. Descobriu isso e proibiu-a de tornar a

vê-lo...

— E' mentral!

— No entanto a senhora não pode negar um fato que chegou ao meu conhecimento. Ele mandou vigiá-la por um detective particular, e nos seus relatórios exigia que viessem detalhadas as suas visitas à casa desse rapaz. Dia, hora, tempo de duração... E tudo o mais que o detective pudesse apurar.

— Não! Oh! não!

— Eu sugiro que a senhora soube que seu marido a mandava seguir. Soube disso por ele mesmo que a proibiu de tornar a voltar lá. Sugiro que combinou com seus irmãos um plano para matá-lo. Sugiro que todos quatro estão implicados, mas que a senhora é a principal responsável!

— Não! Não!

Ela estava aterrorizada.

— Não. Foi um de nós quatro. Mas não fui eu. Eu nem sei quem foi! Juro!

— Conte tudo.



• Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

O sabonete das famílias!

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

À VENDA EM TODO O BRASIL

eis um FUTURO CAMPEÃO!



• E é muito natural que o venha a ser, pois seus alimentos, desde as sopas de creme, verduras e deliciosos pudins, são cuidadosamente preparados com a insuperável

**MAIZENA
DURVEA**



A MAIZENA DURVEA 54 37
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Durvea"

NOME _____
RUA _____ ESTADO _____
CIDADE _____



INTOXICADO!

Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela **PRISÃO de VENTRE**

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As **Pilulas Aloicas**, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre
Mina e Destrói sua Vitalidade
Arruína sua Força e Saúde
Rouba sua Personalidade
Antecipa a Velhice

PILULAS

ALOICAS

1 Laxante
2 Purgante

HEMORRHOIDAS? tome

Lic. 3518-14-3 925 D.M.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS

Pilulas de Herva de Bicho
Garantimos! Óptimas!
INFALLÍVEIS!

Um os quatro irmãos. Unidos, leviamos e irresponsáveis. A fortuna que os pais lhes deixaram não era grande mas daria para que vivessem em conforto se não fosse a sua extravagância. Habitados a verem satisfeitos todos os seus desejos, quando se viram de posse de todo o dinheiro, gastaram-no sem pensar no futuro... E breve estavam individuídos. Foi quando perceberam que era preciso descobrir um meio... Pensaram logo em casar com um homem rico ou encontrar uma rica herdeira para Frank. Puseram-se à obra. Tinham muitas relações. Mas fracassaram. Fracassaram até que um dia... Um rico moço espanhol chegou a Londres. Não havia outro remédio. Ele mostrava inclinação por Margaret. Os irmãos insistiram. Ela, como sempre, fraca, cederá. Casara com Mario, apesar de não amá-lo. Porém Mario não era o tólo que todos esperavam encontrar. Casado, passara a sua timidez e, se bem que fosse genioso só com a esposa, recusava-se a sustentar a extravagância dos três outros irmãos que por muito favor tinham assegurado casa e comida. Crescera o ódio dentro daquela casa. Crescera, também, a compreensão de Mario, que dentro em breve já percebera tudo e dissera à esposa que não precisava mais fingir. Que sabia de tudo. Continuar a suportá-la, porque esposara-a, mas os irmãos teriam que partir. Isso fora na véspera do crime. Margaret contara aos irmãos a decisão do marido. Numa reunião eles tinham decidido matá-lo, sem consultá-la. Mas como sempre aquele espírito pateticamente brincalhão e leviano entrara na combinação. Matariam mas ninguém saberia o criminoso. Todos teriam oportunidade de fazê-lo e quem o fizesse ficaria calado. Deixando que os outros descobrissem, se pudessem, quem tinha sido. Usariam, para dar uma pista aos irmãos, a confissão como na brincadeira que Mario inventara. A confissão... Pelo tom os irmãos descobririam quem era o culpado. Uma vez descoberto calariam mas, se o criminoso não conseguisse escapar ou se algum fosse acusado, teria o direito de acusar o verdadeiro responsável. Faziam do crime um jogo — um jogo macabro...

— Mas quem foi queria me fazer mal — disse Margaret — porque usou de uma confissão que eu escrevera para um jogo...

— Não me esqueci, madame. O caso do rapaz...

— Ele não tem nada a ver com isso, juro! Meu marido descobriu tudo. Foi quando começou a investigar. Mas Charles nada tem a ver com os planos de meus irmãos...

— Mais uma coisa: quem me assegura que o que me disse é verdade, isto é, quanto à sua participação no crime?

Ela olhou-o fixamente:

— Nada.

Mas, quando saiu, o detective estava estava certo de que de fato era inocente.

As circunstâncias eram misteriosas, tanto mais misteriosas quanto mais simples, porque Mario costumava passar algumas horas, antes de entrar na biblioteca e não queria ser interrompido na sua leitura. Por isso qualquer um dos irmãos

poderia ter ido lá, ter assassinado Mario e saído sem ser percebido.

O detective estava realmente atordoado com aquela gente estranha. Sua única esperança era apertar o cerco para que os irmãos acusassem o criminoso verdadeiro, vendo-se cercados. Mas o verdadeiro criminoso, ao que parecia, tomara suas precauções, colocara lá uma confissão de Margaret, e Margaret, ele tinha certeza, estava inocente. Como, então, descobrir quem era, se os próprios irmãos não o sabiam, visto como a confissão prometida não estava lá?

De repente uma idéia ocorreu-lhe. Seria possível? Chamou Margaret, que já se ia afastando. Era perguntar-lhe aquilo assim, à queima-roupa, para que ela respondesse antes de saber o que estava dizendo...

— Escute, a confissão que a senhora escreveu no jogo não queria dizer que era a senhora a criminosa, não é verdade? Ou seu marido descobriria o culpado pela grafia com a maior facilidade. Quem era o culpado no jogo no dia em que escreveu aquela confissão? Foi ela ditada por quem?

— Eu escrevi para Janet...

De repente ela parou, interdita.

— Oh!

— Já é tarde para protegê-la, madame. A senhora se enganou quanto aos seus irmãos. São uma gente esquisita, um bando de criminosos. Mas essa honra que o povo chama honra entre ladrões, eles têm. Janet matou Mario e deixou lá a confissão que a senhora escrevera para ela. Assim, qualquer pessoa que tivesse tomado parte no jogo, isto é, a senhora e seus irmãos, saberiam quem era o criminoso. A senhora foi procurar a significação da sua grafia, que eu salientei porque não me ocorrera a particularidade que agora me veio à cabeça. Pensando que tinha sido traída, madame, a senhora revelou o nome do criminoso. A polícia ficou-lhe agradecida por isso.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

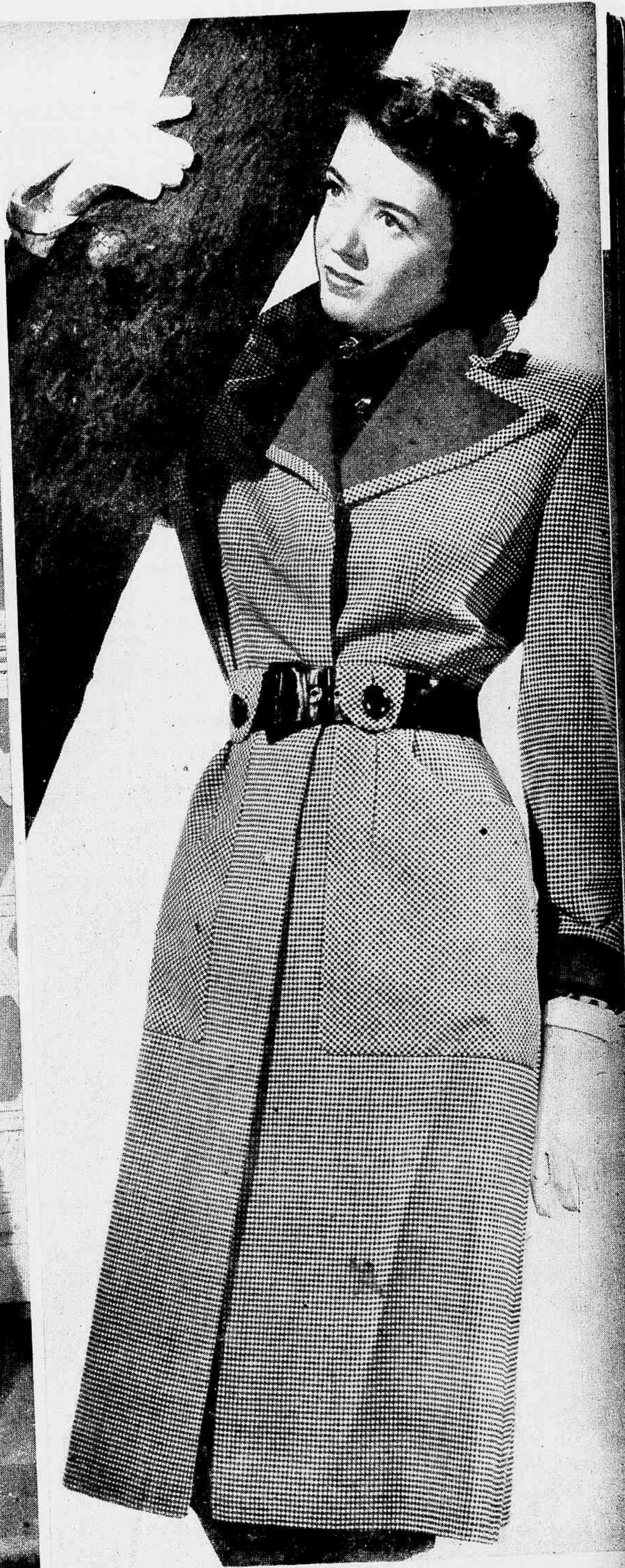
**CREME
RUGOL**



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

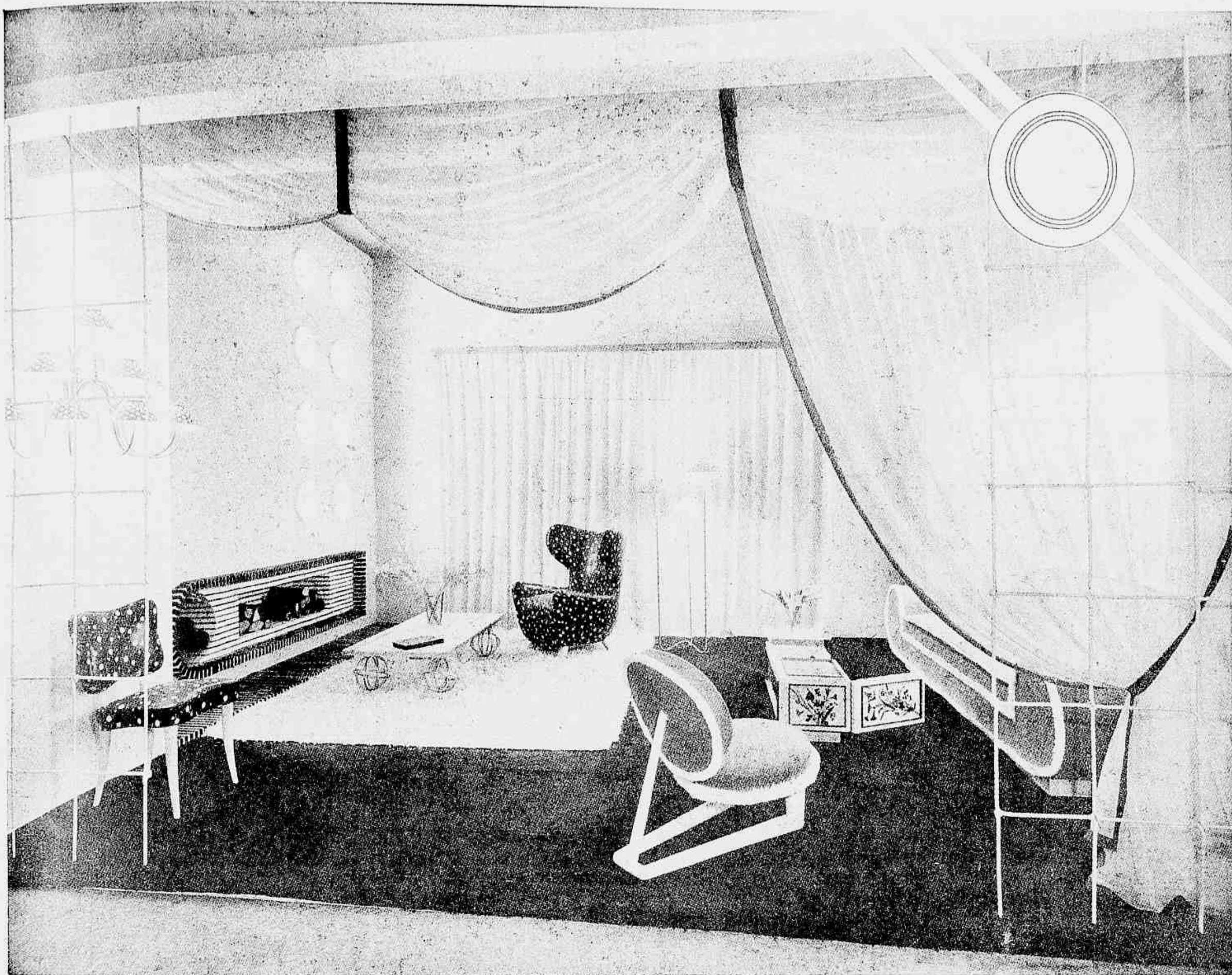


Delicioso é este modelinho apresentado por Peggy Ryan, da Universal. Um traje campestre adornado com motivos coloridos, cuja saia-suspensório pode ser feita em tom escuro, com as florinhas de campo bordadas em vermelho, verde e amarelo. Uma blusinha singela, em tom claro, completa este conjunto encantador.



Aqui temos um bellissimo casaco esportivo, em lã quadriculada; uma graciosíssima gola, forrada em lã lisa; cinto de verniz; grandes bolsos; os punhos também adornados com a mesma lã unida que aparece no reverso da gola. Veste-o Jeff Donnell, da Columbia.

DOIS MODELOS PARA VOCÊ



MODERNO E LUXUOSO "LIVING-ROOM"

Apresentamos hoje aos nossos leitores um interessante modelo de living-room. Os móveis que o ornamentam são todos de linhas simples e modernas, o que facilita muito ao decorador, devido à falta de espaço. Dão um toque elegante e original a este compartimento as janelas envidraçadas e as cortinas de tecido claro e vaporoso. Aqui fica, para os que apreciam a decoração moderna, mais esta sugestão.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

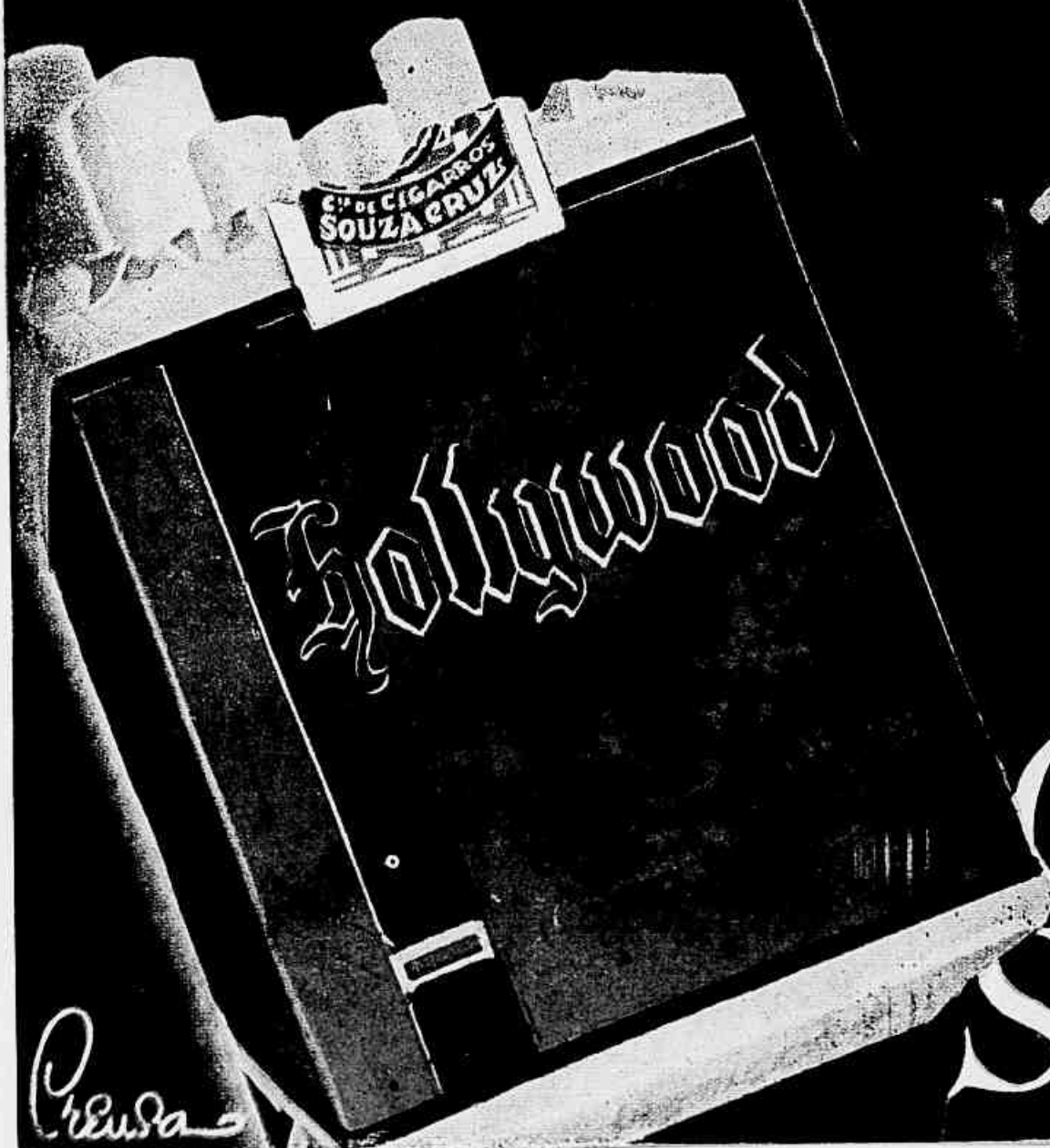
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ

Prensa